



Departamento de Arquitectura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitectura

Projeto Final de Arquitectura

Trabalho Teórico submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

JOANA FILIPA MOREIRA ROXO

A CIDADE, O PORTO E A ARTE: RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS EM SINES

Orientador Vertente Prática:

Doutor José Neves, Professor Auxiliar Convidado do ISCTE-IUL

A SENHORA ARQUITECTO: MARIA JOSÉ ESTANCO

Orientador Vertente Teórica

Doutora Ana Vaz Milheiro, Professora Auxiliar do ISCTE-IUL

Outubro 2016

AGRADECIMENTOS

Ao professor José Neves, pela persistência e por todas as horas de conhecimento que nos proporcionou. À professora Ana Vaz Milheiro por toda a sabedoria, otimismo e pelo entusiasmo constante nas viagens de estudo. À professora Patrícia Santos Pedrosa, pela simpatia e por todo o interesse demonstrado desde o início pelo tema da investigação teórica. Ao professor Paulo Tormenta Pinto, por toda a dedicação e por todo o conhecimento transmitido. À Professora Teresa Madeira por todos os conselhos e incentivos que se revelaram fundamentais. À Alice Espada por toda a simpatia e boa disposição ao longo deste percurso.

À D. Maria José Noronha por todas as histórias que lembrou e pela dedicação que sempre demonstrou ao longo desta investigação. À D. Maria José Correia pelas boas memórias que comigo partilhou. À Arquiteta Emmanuella Quinta pela sabedoria partilhada sobre a Vila de São Pedro de Moel. À Dra. Elsa Rodrigues do Museu João de Deus, à Dra. Paula Maia do Arquivo Municipal da Marinha Grande e à Dra. Sílvia Massa do Museu Carlos Machado, pela ajuda na procura de novos dados nos respetivos arquivos. Aos Liceus Passos Manuel, D. Filipa de Lencastre, Rainha Santa Isabel, ao Colégio Militar e à Faculdade de Arquitetura de Lisboa pela cedência de todos os registos relativos a Maria José Estanco. À Associação das Antigas Alunas do Instituto de Odivelas - AAAIO e a todas as ex-alunas da arquiteta Maria José Estanco que com prontidão e generosidade me transmitiram todas as memórias que guardam.

Aos meus pais,

A todos os colegas com quem tive oportunidade de me cruzar ao longo deste percurso no ISCTE. Em especial a todos os elementos do NAU pela confiança que em mim depositaram para liderar este grupo. Queria também agradecer às meninas do corte e costura por toda a amizade e boa disposição.

Às constantes Patrícia, Adriana, Emília e Margarida, pela grande amizade e incentivo ao longo destes anos.

Ao João, um agradecimento especial pelo apoio e carinho, pelas palavras certas, pela transmissão de confiança e de força, em todos os momentos.

ÍNDICE

PARTE I - A CIDADE, O PORTO E A ARTE: RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS EM SINES

I. A Cidade	9
II. Residências artísticas	19
III. Estratégia de grupo	27
IIII. Proposta Individual	33
Índice de Ilustrações I	60

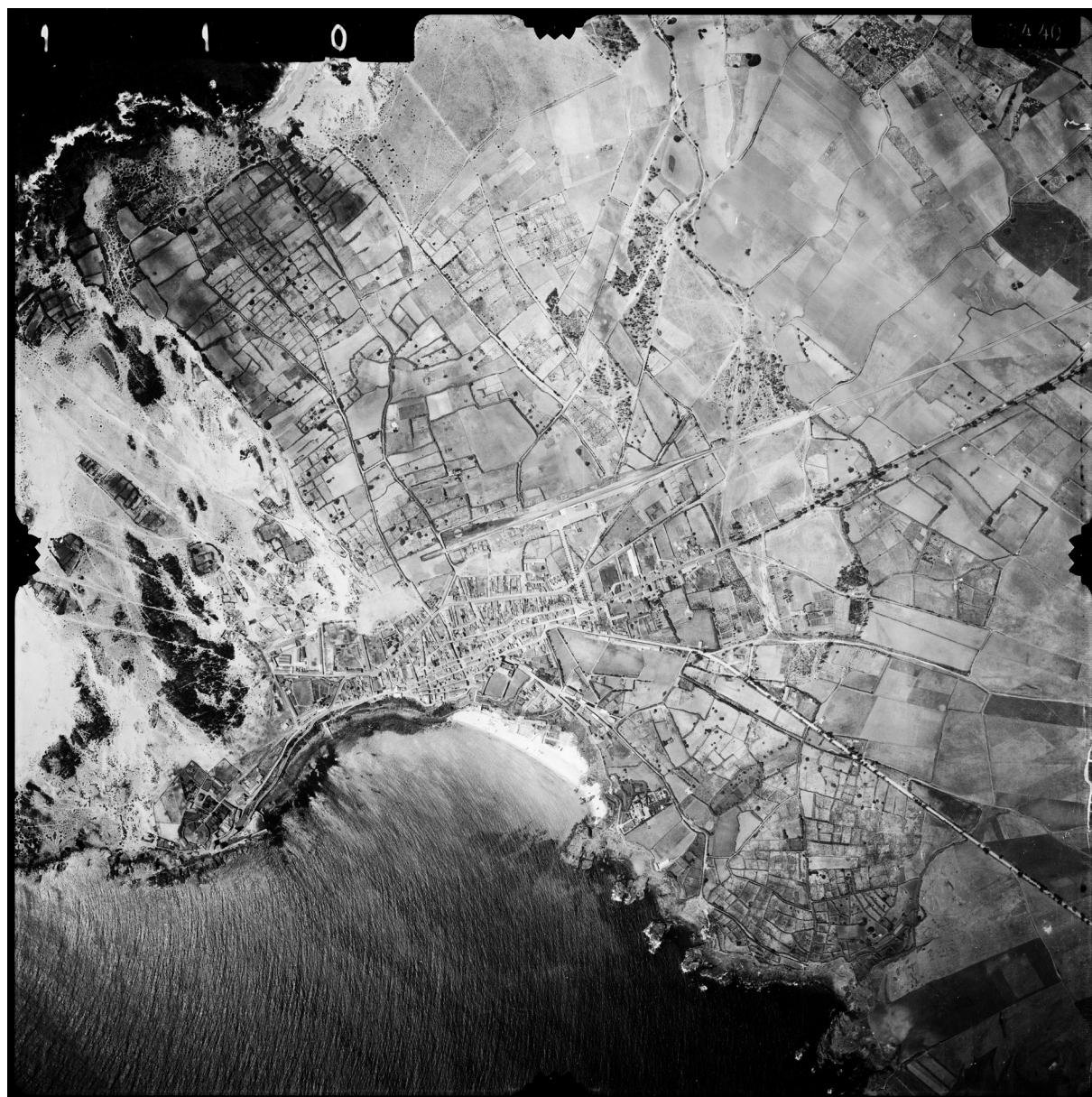
PARTE II - A SENHORA ARQUITECTO: MARIA JOSÉ ESTANCO

Resumo	66
Abstract	67
Preâmbulo	68
Estado da Arte	70
I. Vida e anos de formação	
I.1. Vida e anos de formação	75
I.2. A viagem a Marília	76
I.3. O Curso Especial de Arquitectura Civil	78
I.4. CODA – “Um Jardim-Escola no Algarve”	81
I.5. A casa em São Pedro de Moel	87
II. A 2.ª profissão e atividades que desenvolveu	
II.1. O Ensino	92
II.2. Práticas artísticas, voluntariado e ativismo	97
II.3. O regresso a Marília	99
Considerações finais	102
Índice de Ilustrações II	105

BIBLIOGRAFIA	110
--------------	-----

ANEXOS	113
--------	-----

A CIDADE, O PORTO E A ARTE: RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS EM SINES



I. A CIDADE

“PORTO DO ALENTEJO

A meio da Costa Alentejana a terra projeta-se sobre o mar. Um maciço rochoso ergue-se das águas e protege do vento uma acolhedora baía, aberta a sul, cuja história é indissociável da geografia. Até o nome, Sines, parece derivar da palavra latina Sinus que significa seio ou enseada. O mar marca o passado, o presente e o futuro deste lugar aberto ao mundo. Sines revê-se na figura do seu filho mais famoso, Vasco da Gama, que viveu a sua infância no castelo e certamente ouviu os relatos das façanhas dos velhos pescadores, cujos descendentes ainda se reúnem nos largos abertos sobre o mar a adivinhar a aproximação dos temporais. Um dos seus lugares favoritos fica à sombra da estátua do navegador, que parece questionar, como eles, o horizonte.

O mundo passa pelos olhos desta gente. Viram chegar comerciantes, fenícios e romanos, engenheiros militares italianos e franceses que planearam a sua defesa e o seu porto. Comerciantes ingleses, alemães e catalães construíram casas e fábricas de cortiça e conservas para exportação. Pescadores de norte do país ou do Algarve chegaram em busca do abundante pescado e navios franceses partiam daqui carregados de lagostas para os melhores restaurantes do país. Hoje, enormes navios de todo o mundo avistam-se dos muros da praia transportando contentores e combustíveis. A todos Sines soube e sabe receber com cordialidade e curiosidade.

O centro da cidade ainda reserva a sua estrutura medieval, de um urbanismo planeado, com ruas paralelas ao mar cruzadas por travessas perpendiculares e a sua praça central. Nele destaca-se o Castelo, que desde o século XIV manteve à distancia os visitantes indesejáveis: principalmente piratas e corsários, interessados em pilhar as riquezas da terra. Hoje é o palco do Festival Músicas do Mundo, onde se celebra a diversidade cultural que Vasco da Gama e os outros descobridores portugueses revelaram ao mundo.

Seguindo o Castelo encontramos, quase a tocar nas muralhas, a Igreja Matriz, dedicada ao Salvador. Esta ligação quase umbilical reflete a ação que a Ordem de Santiago tinha, quer na esfera militar quer religiosa, como é patente no seu símbolo: uma cruz que é uma espada, visível sobre a porta principal da Igreja.



2.

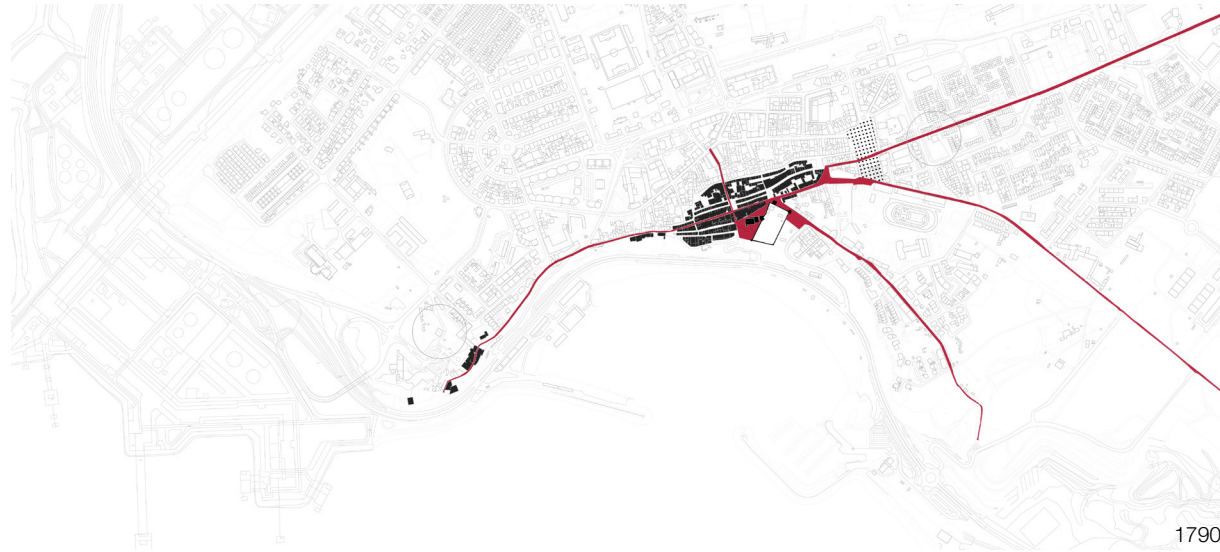
Saindo da Matriz encontramos a Igreja da Misericórdia e o Centro Cultural Emérico Nunes, que deve ser o impulso inicial ao poeta Al Berto, que aqui desenvolveu um projeto pioneiro de divulgação da arte contemporânea, associado ao nome de um dos maiores ilustradores do modernismo, que viveu grande parte da sua vida em Sines.

Deste largo admira-se uma das melhores vistas sobre o mar e a praia Vasco da Gama, a que se acede pelas escadarias do muro da praia, um acesso cenográfico entre cruzado de escadas, rampas e patamares ajardinados da década de 1930. Se descer à praia poderá admirar o casario que espreita do cimo da barroca. Estamos na tradicional praia do Alentejo, lugar ganho pelos banhistas aos pescadores que durante séculos aqui se dedicaram a remendar redes das antigas armações de pescas e vendiam, expostos no areal, o peixe que ainda hoje faz a fama dos restaurantes de Sines.

Se seguir pela crista da falésia, em direção a poente, encontra outros importantes vestígios da passagem de Vasco da Gama. Passa pelo Largo dos Penedos da Índia e depois pelo local onde o navegador começou a construir a sua casa. O rei D. Manuel havia-lhe prometido o senhorio da vila mas a Ordem de Santiago opôs-se, o que provocou graves conflitos, o rei resolveu o problema expulsando Vasco da Gama de Sines. Mais à frente ergue-se outro testemunho importante desta querela: a Igreja de Nossa Senhora das Salas. Construída logo após o regresso da Índia como agradecimento pelo bom sucesso na expedição, veio substituir uma pequena ermida fundada pela princesa grega D. Vataça Lascaris, de que os Gama eram muito devotos.

A festa religiosa realiza-se a 15 de Agosto e inclui uma procissão marítima. Frente à igreja erguem-se os armazéns onde os antigos pescadores guardavam os aprestos e o sal. Se seguir pela Rua do Forte chega aos antigos armazéns da Ribeira e aos vestígios da vetusta Calheta. As rampas e muros de suporte que aqui encontramos foram projetados por alguns dos melhores engenheiros militares portugueses. Este conjunto era protegido pelo Forte do Revelim. Deste pequeno Forte seiscentista pode hoje avistar-se o Porto Industrial constituído nos anos 1970 e o Oceano. Sobre o Cabo de Sines, ponto de partida de um areal que, percorrendo toda a parte Norte da Costa Alentejana, só irá terminar na Península de Troia, com a Arrábida à vista. " (Sines)

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E URBANO





- Falésia
- Portos e área industrial
- Oleoduto
- Marginal
- Praia
- Pontos de subida



- Casas Pidwel
- Castelo
- Forte do Revelim
- Centro de Artes
- Mercado
- Porto Industrial
- Porto de Pesca
- Edifícios Culturais
- Edifícios Desportivos
- Edifícios Educativos
- Edifícios Sociais e Saúde
- Edifícios Administrativos
- Edifícios Religiosos



II. RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS

6 CASOS DE ESTUDO

Suponhamos que a cidade de Sines vai passar a acolher artistas, de forma organizada e sistemática, em regime de residência artística. 'Qualquer ficção começa por: Suponhamos que...', como explicou Malraux, e qualquer exercício de projecto de arquitetura não pode deixar de começar por uma ficção, num determinado lugar. (Neves, 2015)

A abordagem ao programa proposto, no exercício desenvolvido na Vertente Prática de Projeto Final de Arquitetura, teve como ponto de partida o estudo de seis residências artísticas. Esta seleção teve como objetivo alcançar um conjunto diversificado de funcionamento e participação nas residências. Cada caso de estudo exemplifica os contextos nacionais e internacionais, edifícios novos ou adaptados ao programa. As ofertas de experiências de trabalho variam entre coletivo e o isolamento, esta última característica ainda se distingue pelo isolamento do artista em relação ao meio urbano ou aos restantes residentes. Estas características definiram quatro temas comuns entre residências em estudo: o Lugar, o Espaço, o Coletivo e o Artista (fig. 10-13).

Foram analisadas as seguintes residências: Internacional Residences at Récollets, em Paris; Künstlerhaus Schloss Balmoral, em Bad Ems; Künstlerhaus Bethanien, em Berlim; Akademie Schloss Solitude, em Stuttgart; Cité Internationale des Arts, em Paris; Hubert Kostner Residency & Atelier, em Bolzano; e CAAA - Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura, em Guimarães.

A partir destas, foram realizadas fichas que identificavam três temas chave para a compreensão do programa: o primeiro procura explicar o contexto em que a residência se insere; o segundo identificava o público-alvo e as características da vivência na residência. Por último, o terceiro tema explicava as características dos espaços das residências consoante as necessidades dos seus artistas.

O COLETIVO



9.

O ARTISTA



10.

SÍNTESE DOS CASOS DE ESTUDO



11.

O EDIFÍCIO

A análise da morfologia urbana revela que a implantação das residências é diversificada, tendo como exemplo maioritário a inserção em zonas urbanas informais. Também se destacam algumas residências em meio rural e histórico. No reconhecimento dos serviços na proximidade destacam-se constantemente hotéis, restaurantes e espaços verdes; nos serviços que pertencem à residência, a maioria apresenta uma biblioteca, uma galeria de exposições e espaços de ensino e workshops.

Nos casos estudados, a implantação em meio urbano beneficia a residência, principalmente no centro histórico devido à proximidade com espaços culturais e referências artísticas em diversas áreas, como se verifica nos dois casos de estudo em Paris. A proximidade de transportes públicos permite o acesso a um meio mais movimentado ao longo da estadia. Resumidamente, existem dois grandes grupos de implantação: um meio urbano e o isolado, geralmente em meio rural. Os serviços inseridos na própria residência são uma benesse ao artista. A existência de uma biblioteca permite consultar facilmente referências de Arte e nos espaços expositivos surgem oportunidades únicas de apresentação dos trabalhos realizados. As atividades ligadas ao ensino, workshops e formações também ajudam na divulgação dos trabalhos desenvolvidos na residência e dos próprios artistas.

A RESIDÊNCIA

É comum as residências determinarem públicos-alvo, em que na maioria, é comum a presença de artistas plásticos, performers e escritores. A duração da estadia varia entre um mês e dois anos consecutivos, onde as vagas apontam maioritariamente para três meses ou um ano. As residências permitem que a vida social do artista possa ser individual ou comunitária, contudo entende-se a preferência pela vivência em coletivo. A análise da missão da residência visa estudar de que forma é promovido o trabalho do artista. A maioria dos casos revelam a preferência pelo trabalho individual, embora promovam o contacto coletivo, a discussão entre os artistas residentes e a divulgação da arte dos mesmos. Observou-se a propensão pelos artistas plásticos, modalidade que abrange vários ramos como a escultura, pintura, desenho, entre outras. A candidatura à residência torna-se complicada para os artistas em início de carreira, uma vez que a seleção depende de um portfólio e apresentação de trabalhos realizados. Algumas residências aceitam estudantes de Artes embora de estadia limitada. Em crítica ao modo de vida social promovida nas residências, compreende-se esta dualidade presente na maioria dos casos estudados. Nos quais, o artista tem a opção de trabalhar isoladamente no seu atelier, ou em conjunto num espaço comum aos artistas hospedados.

O ARTISTA

Na maioria dos casos de estudo, os espaços destinados aos artistas apresentam mais de 30 m² de área total. A característica dominante dos espaços é a planta livre, que geralmente reúne a área de trabalho e a área pessoal. Os vãos dos edifícios são geralmente pequenos o que condiciona a luz natural no interior, geralmente fraca ou mediana. Os pés-direitos são normalizados, assumindo os 2,40 metros como valor mínimo comum. O pé direito normalizado resulta da adaptação da arquitetura do edifício ao programa ou das necessidades do público-alvo da residência. Os espaços para os artistas têm uma área capaz de responder à necessidade de isolamento durante o trabalho no espaço do quarto ou atelier. A própria liberdade na disposição do espaço permite a adaptação à dinâmica pessoal, ou seja, permite a interligação da área de trabalho com a zona privada e pessoal. Em conclusão, defende-se que as diferentes volumetrias dos espaços e a diversidade nas dimensões dos vãos contribuem para uma atmosfera flexível.



III. ESTRATÉGIA DE GRUPO

Sines caracteriza-se por um planeamento urbano, que acompanhou a evolução da indústria. O crescente desenvolvimento das estruturas industriais reforçou a posição da cidade como um importante ponto na malha da globalização, que surgiu através da geopolítica do petróleo e das redes internacionais de transportes de grandes navios.

A história da cidade caracteriza-se pela evolução da malha urbana através de um único eixo, a Rua Direita, atual Rua Vasco da Gama. Neste eixo cruzam-se percursos diários, religiosos e o domínio do território. A falésia é o limite da expansão territorial, um mirante sobre o mar. A marcação da linha de crista realça este limite que se estende a todo o território, de modo flexível, conceptual ou materializada. É no centro histórico que se corporaliza, oferecendo uma nova frente à cidade.

As instalações para residência artística deverão contemplar 36 espaços de trabalho e respetivas habitações, sendo 12 dedicados às artes visuais, 12 à música e 12 à literatura. Sendo as residências de média e longa duração – entre três meses e um ano –, algumas das habitações deverão ser previstas para acolher também a família do artista residente. Estas instalações, organizadas de forma unitária ou separada, deverão ser complementadas com todos os serviços e equipamentos que forem considerados necessários para o funcionamento da residência artística no contexto da cidade, ou seja, para a reflexão e investigação individual, a interação coletiva, a receção de convidados externos, a apresentação e a exposição, tendo em conta os equipamentos existentes. (Neves, 2016)

No entendimento do programa proposto definiram-se dois núcleos: uma residência coletiva e três residências isoladas. As primeiras são implantadas nesta linha de crista, onde os artistas usufruem de celas individuais para o recolhimento, existindo também celas para receber curadores nas suas visitas por vários dias.



Na compreensão da morfologia da cidade, o local onde outrora existiu uma rua e um jardim, que fazia o embasamento ao edifício da Santa Casa da Misericórdia, são restituídos. Estaria assim prevista uma nova implantação para o atual edifício da Guarda Nacional Republicana, que ali foi implantado. Assim, é dada uma nova continuidade à Rua Direita, voltando a existir a antiga ligação direta entre o centro histórico e a zona Oeste da cidade, utilizado diariamente pelos pescadores. A partir da compreensão das ruas radiais perpendiculares à Rua Direita, estabeleceu-se um eixo direto entre a baía, o centro histórico e os bairros residenciais dos anos de 1970, prolongando-se a Travessa Vasco da Gama para Norte.

No núcleo coletivo, os artistas, encontram nos atelier e estúdios de trabalho um espaço individual adequado às necessidades de cada um. O auge desta vivência em comunidade acontece no refeitório, um espaço de uso doméstico destinado ao encontro de todos os residentes. A memória do lugar que outrora foi o percurso principal de acesso ao mar celebra-se com a requalificação da Rampa das Bicas Velhas. Apesar da proposta prever um núcleo isolado - três residências na costa Norte - diferenciadas das restantes pelo isolamento individual e a relação com o mar, estas não foram desenvolvidas pelo grupo.

PROGRAMA

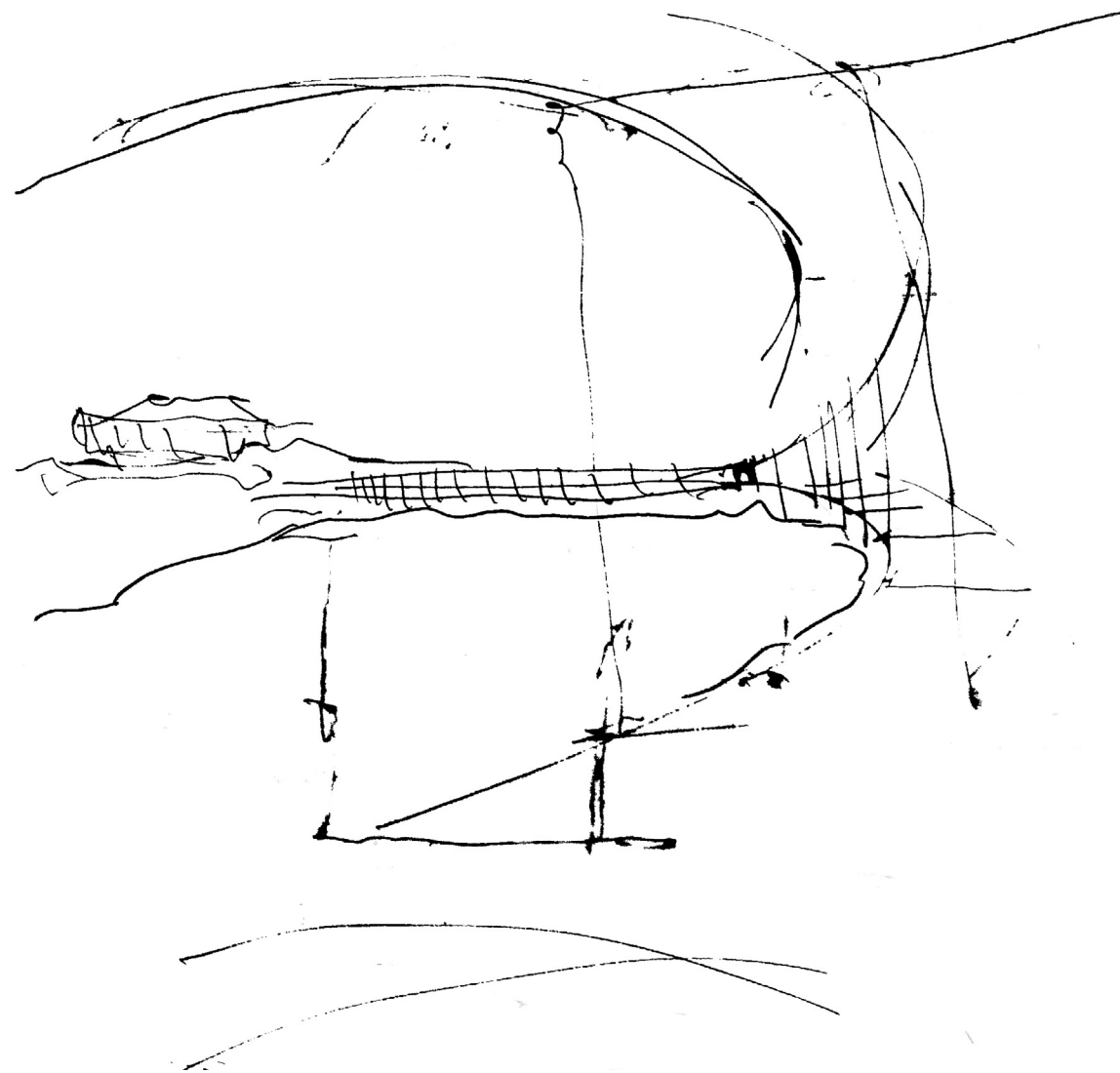
Residência Colectiva 36 quartos artistas (36x28m ²) 4 quartos curadores (4x28m ²) 2 lavandarias (2x28m ²)	Espaços de Trabalho 12 Estúdios (12x50m ²) 2 atelier's (2x140m ²) 4 atelier's (4x120m ²) 6 atelier's (6x85m ²)	Anfiteatro (450m ²) Parque verde (11 800m ²) Refeitório zona de refeição (65m ²) cozinha (50m ²) i.s. (2x9m ²) economato (23m ²)	Residência Isolada 1 artista plástico 1 escritor 1 músico (3x200m ²)
Total: 1176m ²	Total: 1830m ²	Total: 156m ²	Área total: 600m ²



14.



15.



III. PROPOSTA INDIVIDUAL

MEMÓRIA DESCRITIVA

O projeto apresentado assume-se como um pequeno fragmento de tecido urbano, capaz de dar continuidade à antiga Rua Direita, atual Rua Vasco da Gama, ao mesmo tempo que marca o limite do planalto. Este, tem como ponto de partida a ideia de uma “rua coberta”, remetendo para as stoas gregas, caracterizadas por uma atmosfera envolvente e protegida. O desenho da rua define um eixo compositivo, marcando o percurso de atravessamento da cidade e da descida até à baía.

O edifício apresenta uma unidade formal. Pousadas na falésia, as duas laminas dividem-se procurando adaptar-se à topografia existente. Esta quebra é um mirante sobre o mar, um ponto de ligação entre todo o programa desenhado, e onde se cruzam percursos diários, de artistas e pescadores. Numa cota inferior, com uma vista aberta sobre a paisagem, o refeitório é pensado segundo a ideia de caverna, camuflando-se em relação à falésia. Este espaço coletivo de uso doméstico, proporciona o encontro de todos os residentes, proporcionando um ambiente de reunião e convívio. Existem também duas lavandarias, que cada artista pode usar autonomamente.

A circulação é feita através da Rua Vasco da Gama. Este é o elemento principal que possibilita o acesso à galeria de distribuição para as celas. O seu atravessamento é possível longitudinalmente, pelos seus topos, onde a cota de soleira é sempre constante, estabelecendo três variantes na relação que estabelece com a rua. Ambas são cobertas por um plano horizontal pousado sobre pilares. Estes marcam o percurso, através do ritmo criado pela sua repetição.

Cada artista residente tem uma cela. Esta designação surge a partir do estudo funcional das celas dos monges nos conventos. Ao abrir a porta, entramos numa antecâmara e do nosso lado direito pousamos a mala, as botas e o casaco num banco. No lado contrario, a porta da casa de banho, ao entrar olhamos ao espelho e temos uma a sensação de mais luz. Em cima uma luz zenital. Voltando à entrada, há vários arrumos. A cela apresenta um único espaço, que se estende até ao exterior, como um miradouro coberto sobre o mar. Para dormir temos uma alcova e para trabalhar uma grande secretária, posicionada perpendicularmente à luz natural.



17.



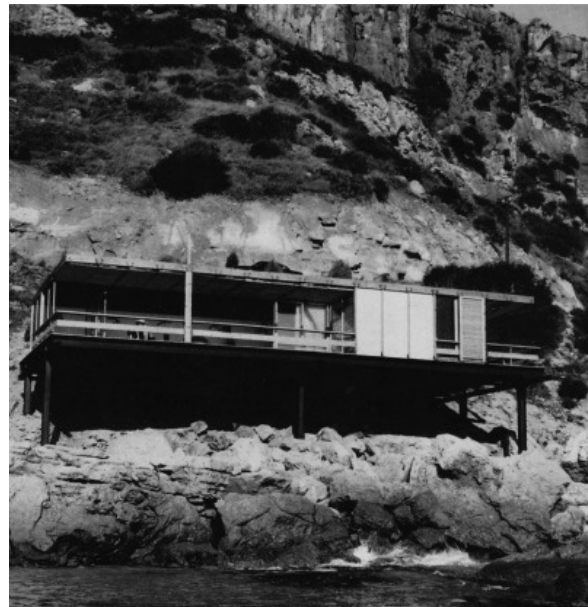
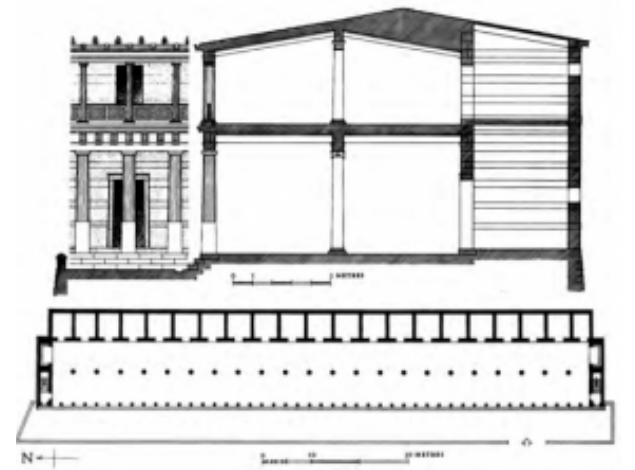
18.



19.

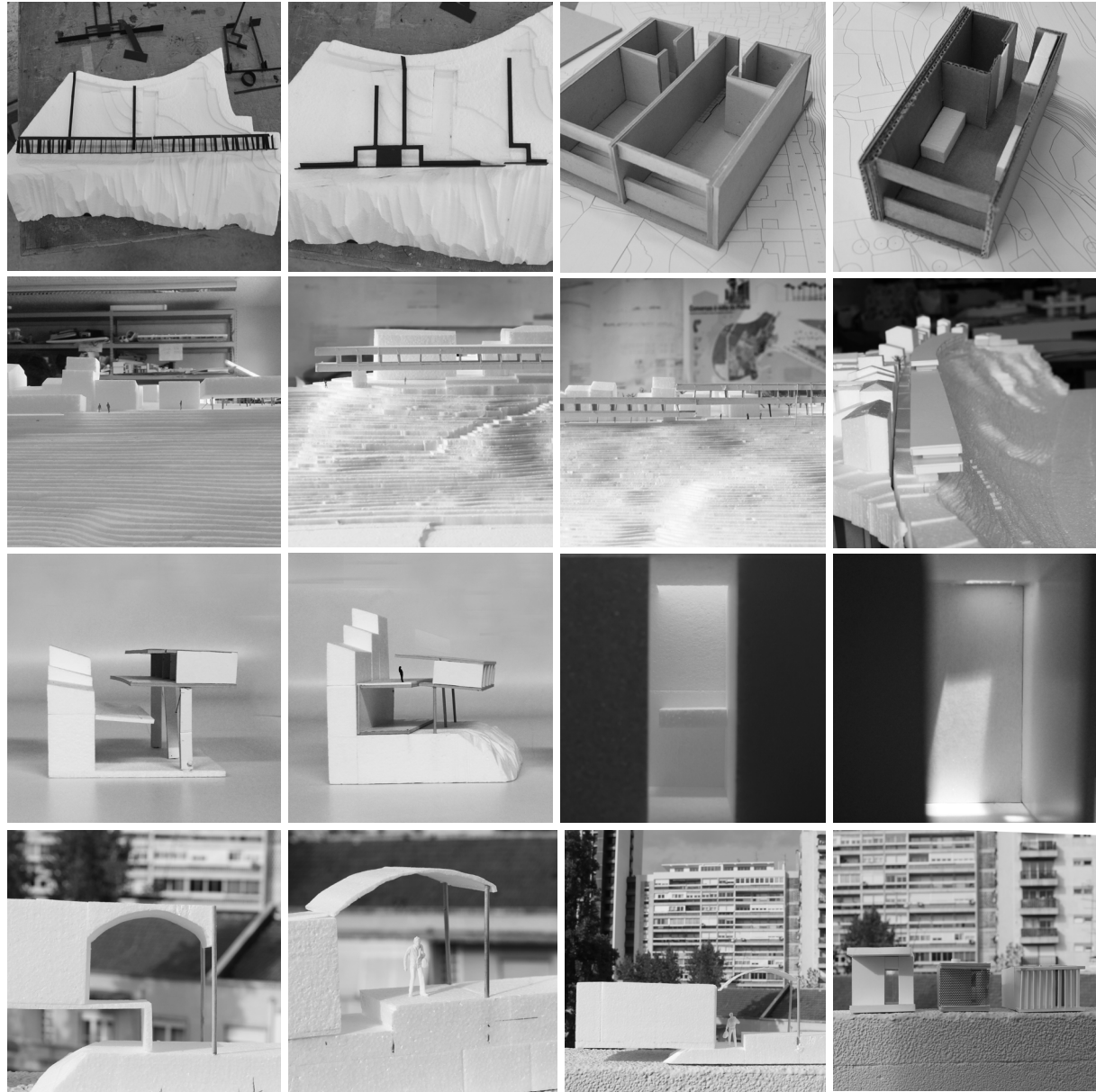


20.



21. 22. 23. 24.

25. 26. 27. 28.

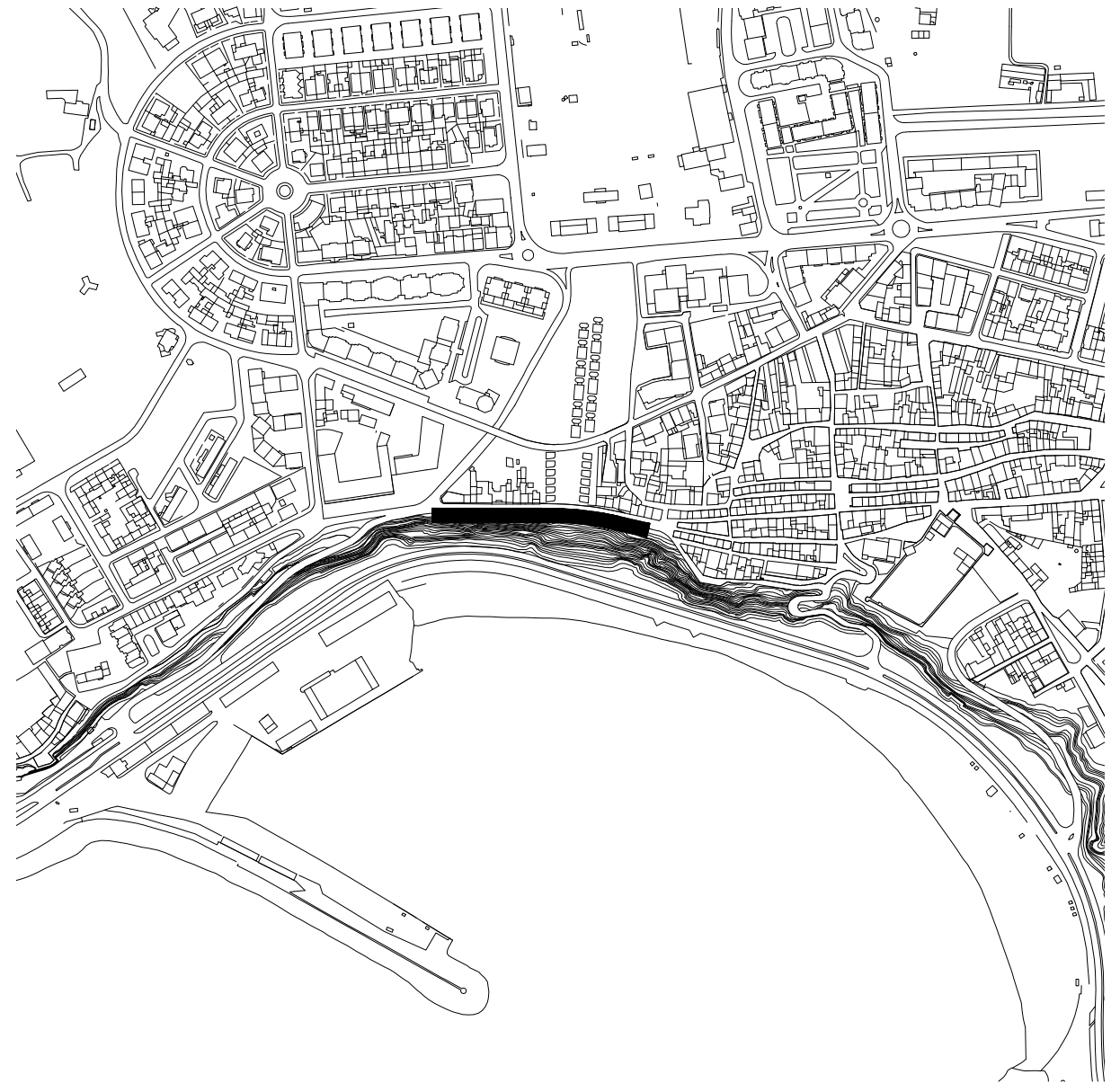


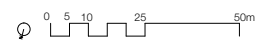


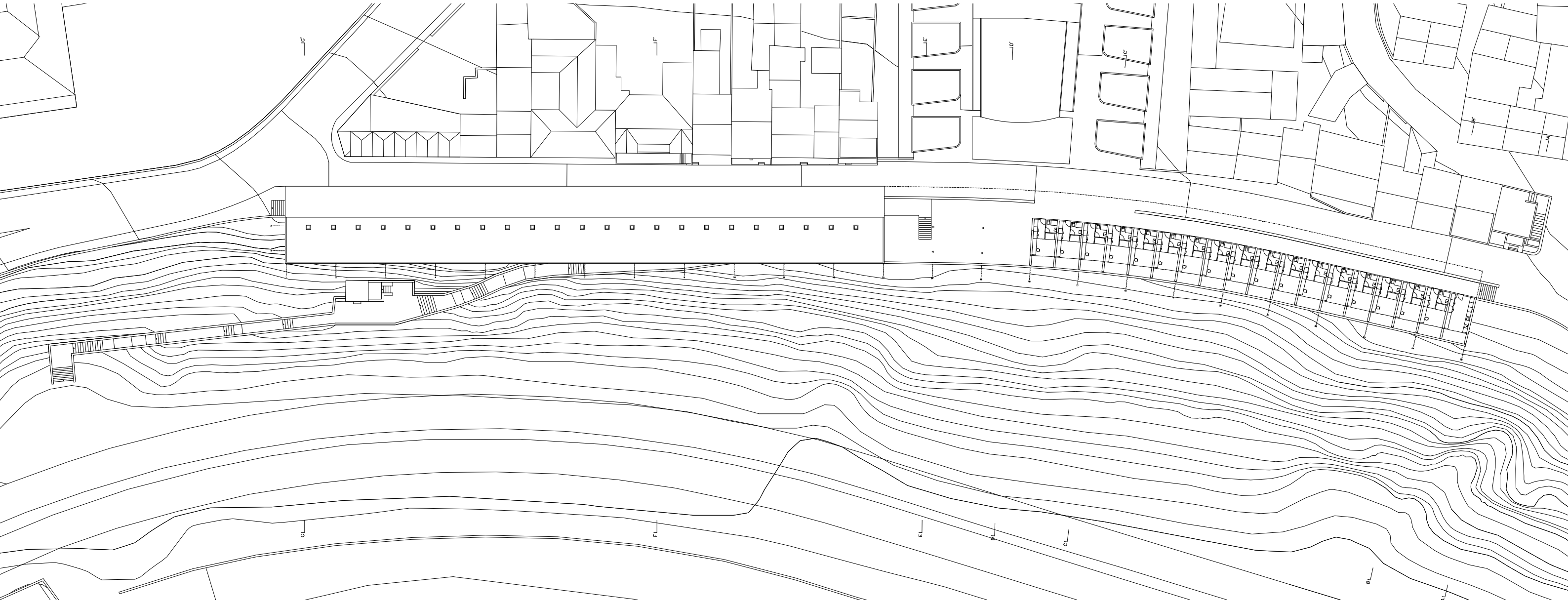
30.

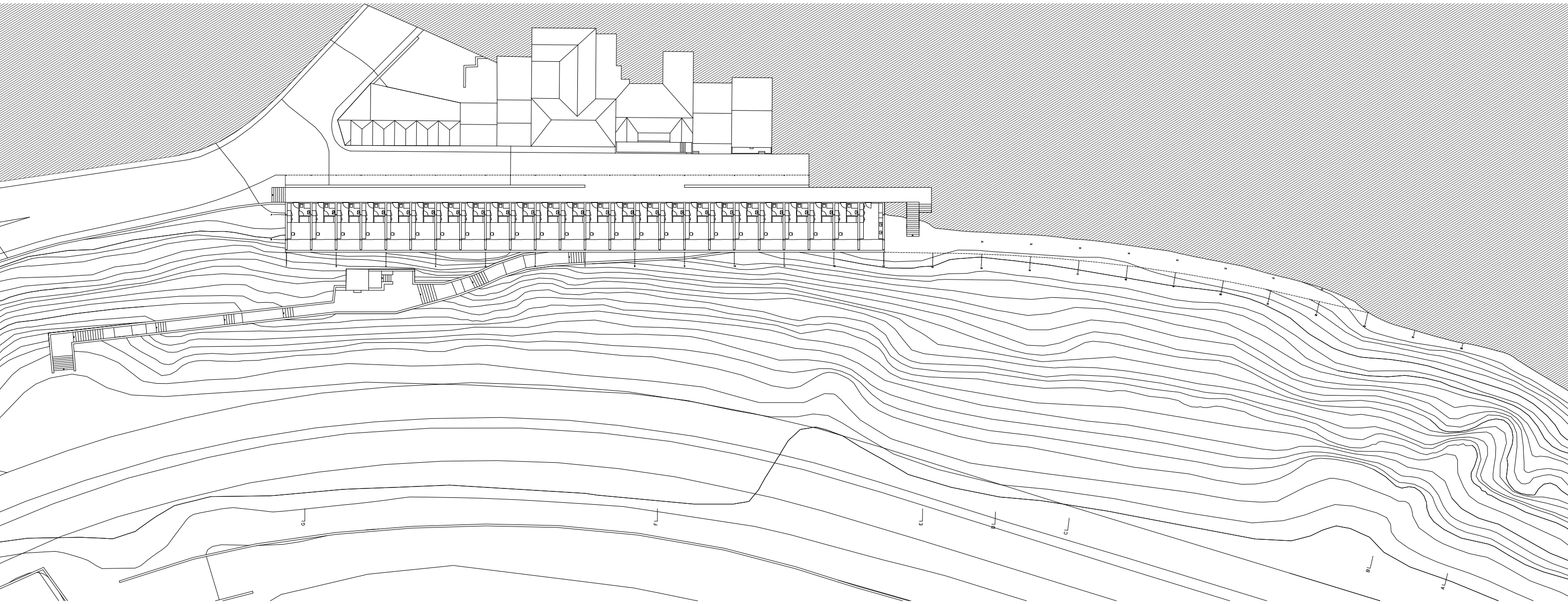


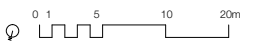
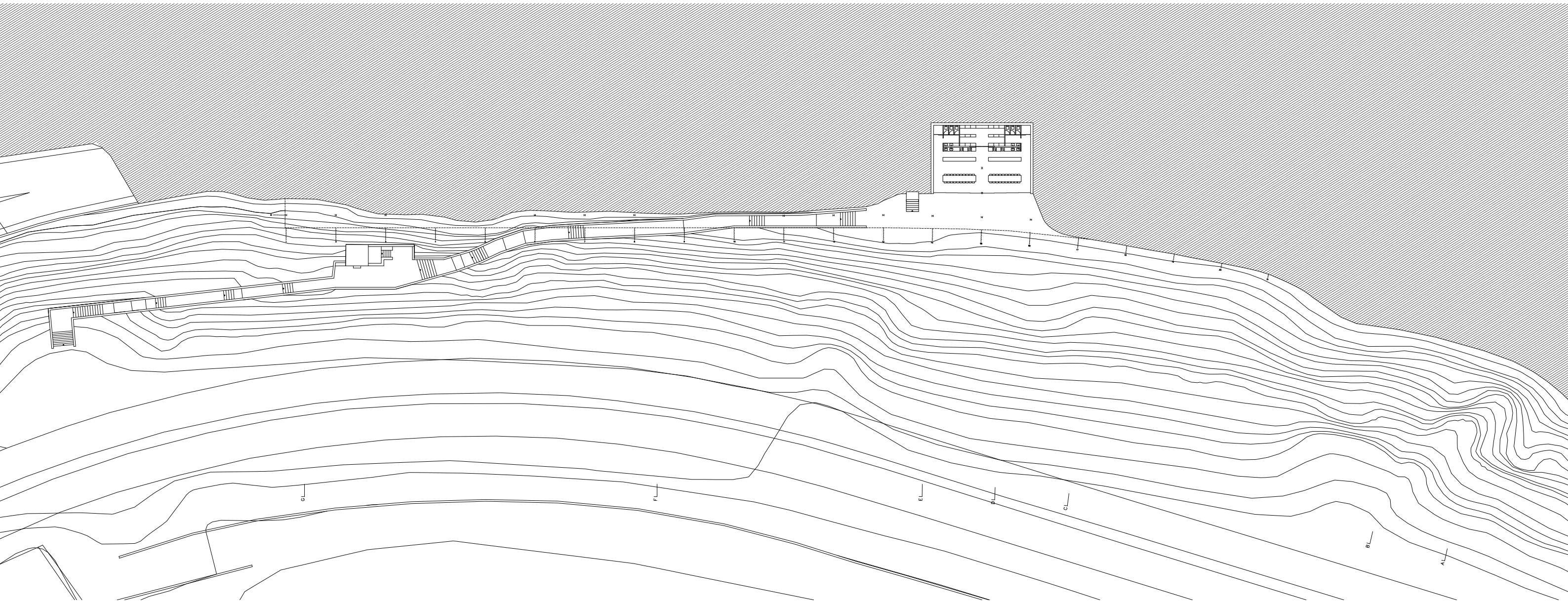
31.

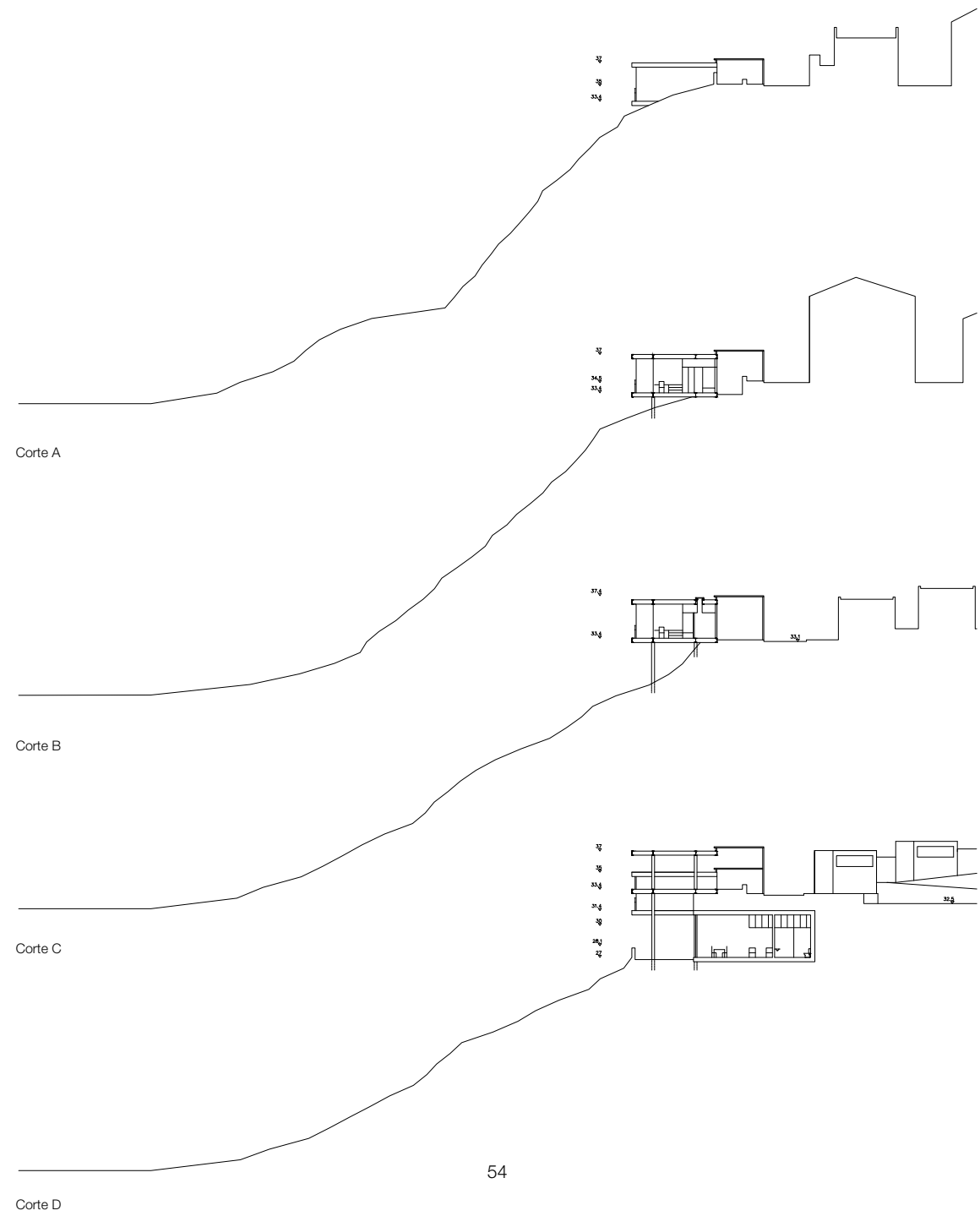


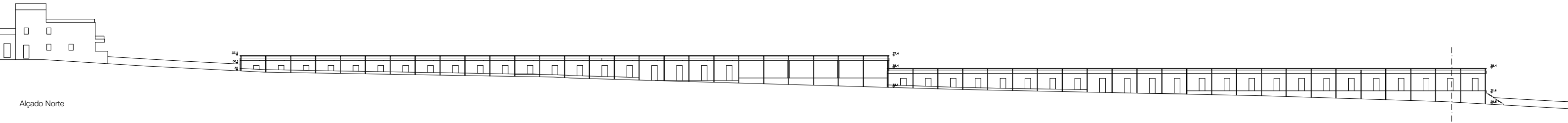




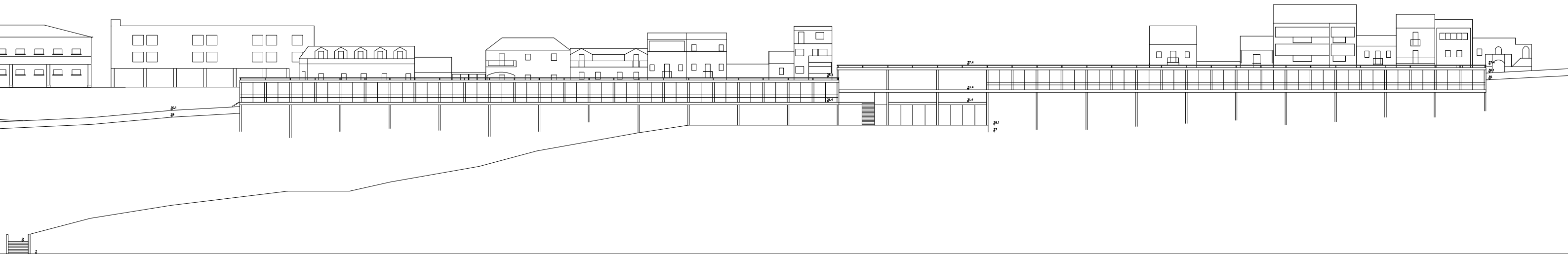






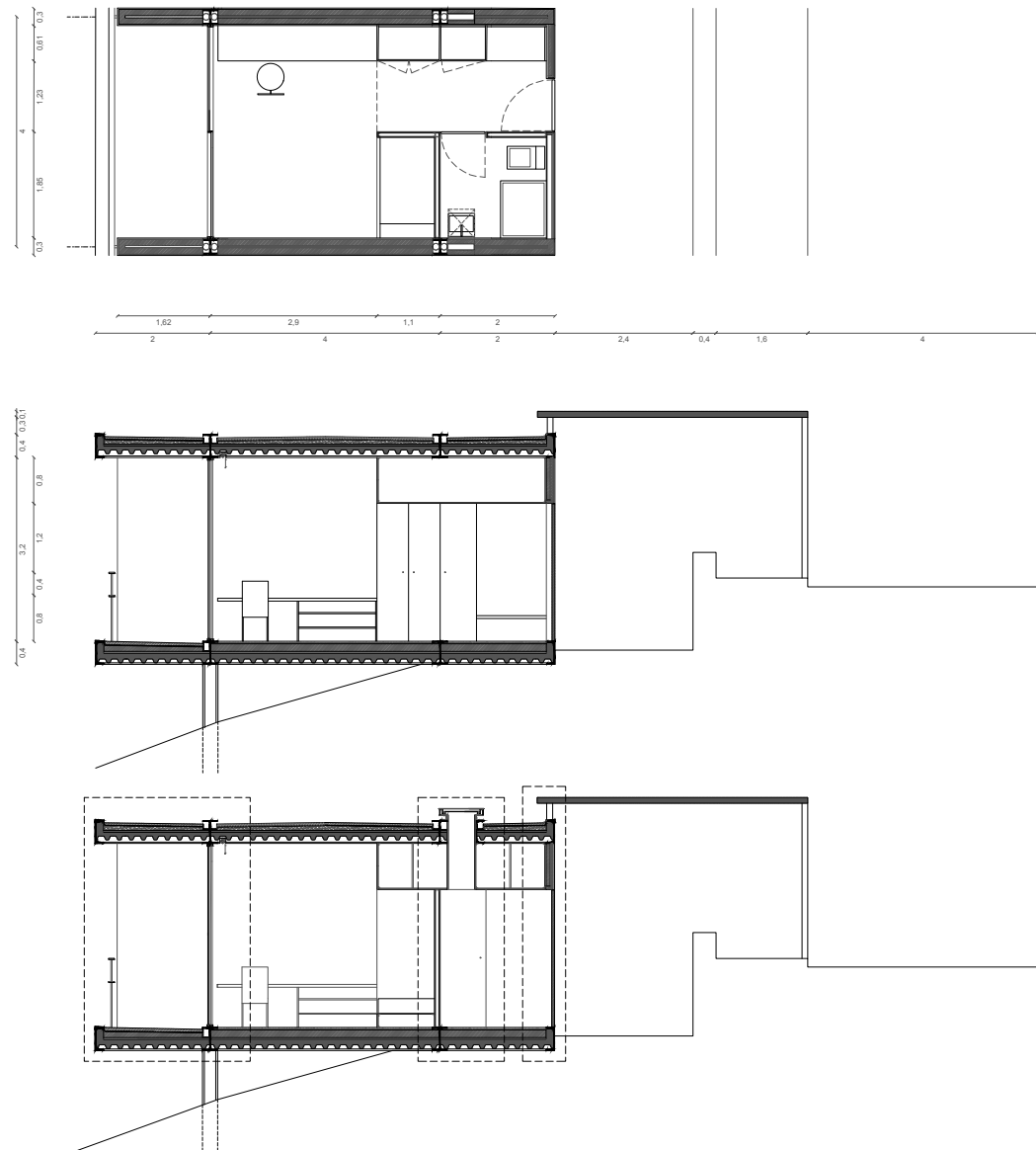


Alçado Norte



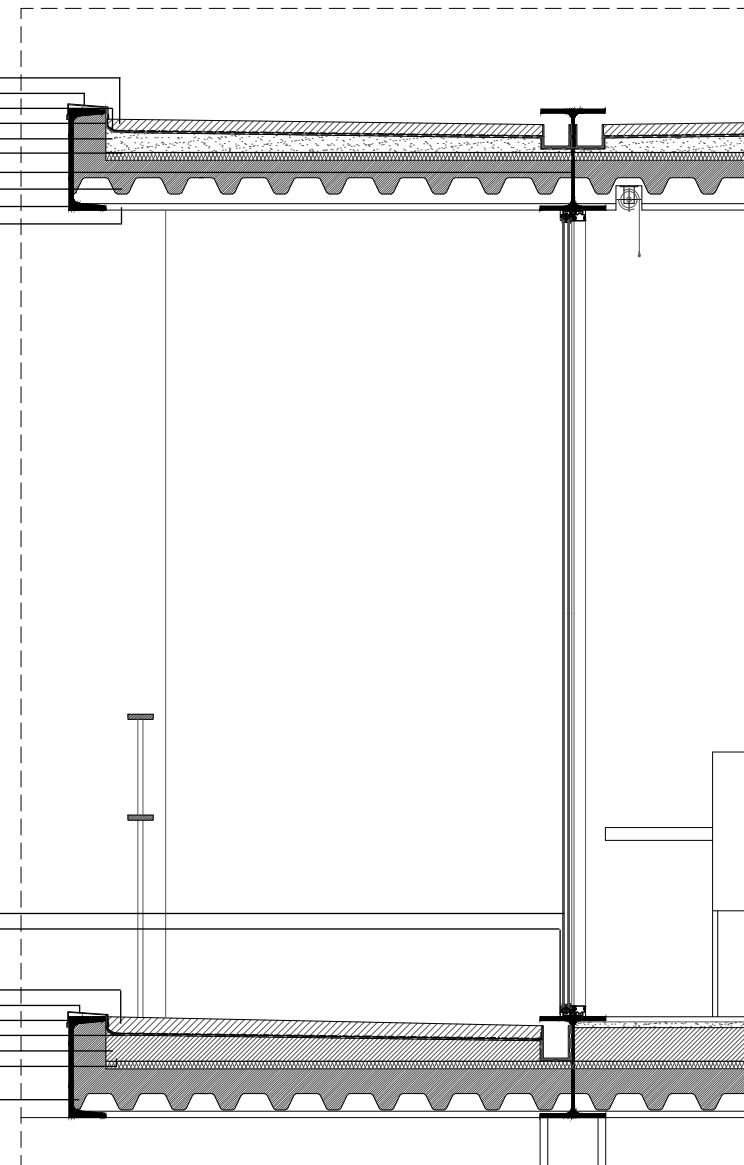
Alçado Sul





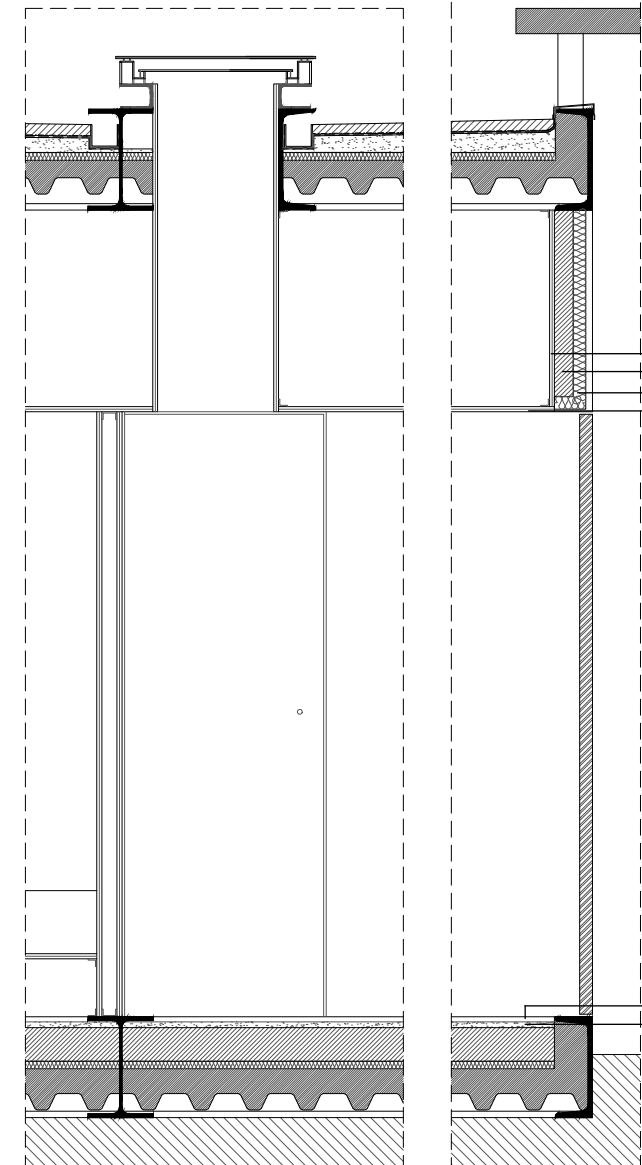
betão poroso
rufo em zinco
geotextil
tela impermeabilizante
betonilha
isolamento térmico
perfil IPN
laje colaborante
perfil IPE
gesso cartonado

vidro
caixilho vitrosca
betão poroso
rufo em zinco
geotextil
tela impermeabilizante
betonilha
isolamento térmico
laje colaborante



reboco
tijolo
isolamento térmico
gesso cartonado

p. autonivelante
a. regularização



ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES I

1. **Ortofotomapa de Sines 1940.** Fonte: Arquivo Municipal de Sines
2. **Fotografia de Sines, anos de 1970.** Fonte: Arquivo Municipal de Sines
3. **Mapa do núcleo de Sines, 1790.** Esquemas desenhados pelo autor.
4. **Mapa de zoneamento de Sines, 2016.** Esquemas desenhados pelo autor.
5. **Mapa de equipamentos de Sines, 2016.** Esquemas desenhados pelo autor.
6. **Fotografo Arthur Weegee.** Fonte: <https://pleasurephoto.files.wordpress.com/2012/09/weegee-aka-arthur-fellig-ca-1952-naked-hollywood-book.jpg>
7. **Residências Artísticas, O Lugar.** Esquemas elaborados pelo autor.
8. **Residências Artísticas, O Espaço.** Esquemas elaborados pelo autor.
9. **Residências Artísticas, O Coletivo** Esquemas elaborados pelo autor.
10. **Residências Artísticas, O Artista.** Esquemas elaborados pelo autor.
11. **Residências Artísticas, Quadro síntese.** Esquemas elaborados pelo autor.
12. **Ortofotomapa da cidade de Sines, com marcação da linha de crista.** Imagem editada pelo autor.
13. **Ortofotomapa da cidade de Sines, proposta de implantação.** Imagem editada pelo autor.
14. **Fotografia da Rua Vasco da Gama, Sines. 2016.** Fotografia do autor.
15. **Fotografia com vista sobre o mar. 2016.** Fotografia do autor.
16. **Esquiço.**
17. **Fotografia da Rua Vasco da Gama, Sines. 2016.** Fotografia do autor.
18. **Fotografia da Rua Vasco da Gama, Sines. 2016.** Fotografia do autor.
19. **Fotografia da Rua Vasco da Gama, Sines. 2016.** Fotografia do autor.
20. **Fotografia da Rampa das Bicas Velhas, Sines. 2016.** Fotografia do autor.

21. **Sophia de Mello Breyner.** Fonte: http://www.snpcultura.org/imagens/sophia_mello_breyner_20140927_pu.jpg
22. **Platform Houses, Richard Neutra.** Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/564x/e5/0d/73/e50d731ad3b15f1ce8cf1dc35c2ba3db.jpg>
23. **Cela do Convento de La Tourette, Le Corbusier.** Fonte: http://arquiscopio.com/wp-content/uploads/2016/07/160717_Corbusier_LaTourette_Celda.jpg
24. **Casa na Arrábida, Eduardo Anahory.** Fonte: http://66.media.tumblr.com/b94cb5c2b5ab9c7fd935211a60be5c5e/tumblr_o291u919751rh01eto1_500.jpg
25. **House, Richard Neutra.** Fonte: http://newcastleproductions.com/Neutra/Richard_Neutra%20_ArchitecturalDigest.jpg
26. **Stoa de Attalo.** Fonte; http://timerime.com/user_files/180/180174/media/stoa_of_attalo.png?t=1380947199
27. **Maison, Cap Ferret, Lacaton e Vassal.** Fonte: <https://lacatonvassal.com/data/images/full/20080419-203602-z602.jpg>
28. **Mercado de Braga, Eduardo Souto Moura.** Fonte; <http://www.gizmoweb.org/wp-content/uploads/2013/12/souto-2.jpg>
29. **Fotografias das maquetes de trabalho.**
30. **Colagem 1.**
31. **Colagem 2.**



“A SENHORA ARQUITECTO”: MARIA JOSÉ ESTANCO
Contribuição para o estudo da 1ª arquiteta portuguesa

Rien ne nous limitait, rien ne nous définissait, rien ne nous assujettissait ; nos liens avec le monde c'est nous qui les créions ; la liberté était notre substance même.

Beauvoir, 1960

RESUMO

“A primeira arquiteta portuguesa defendeu a tese na Escola de Belas Artes e foi aprovada.” Foi com esta frase que o Jornal o Século anunciou, dia 28 de Junho de 1942, a primeira mulher portuguesa a licenciar-se em Arquitetura: Maria José Brito Estanco.

Nasceu em Loulé, em 1905, e viveu toda a sua infância e juventude no Algarve. Ingressou no curso de Pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa, mas após uma viagem ao Brasil, na qual assiste ao nascimento de uma nova cidade, decide mudar de curso e quando chega a Portugal inscreve-se em Arquitetura. Em 1942 recebe o “Diploma de Senhora Arquitecto” com o projeto final d’”Um Jardim Escola no Algarve”, com a classificação de 16 valores. (Estanco, 1986)

No início do século XX, a condição feminina altera-se graças à conquista dos direitos fundamentais da mulher, do qual resulta uma presença crescente em meios historicamente masculinos. Daqui surgem diversas interrogações, nomeadamente, como se dá a entrada na profissão da arquitetura e qual a sua aceitação?

Para um melhor entendimento da história da mulher na Arquitetura Portuguesa, tendo como suporte diversos documentos relacionados com o seu percurso e, sobretudo, depoimentos de pessoas próximas, pretende-se dar a descobrir quem foi Maria José Estanco.

Palavras-chave: Maria José Estanco, 1ª Arquiteta Portuguesa, estudos de género, feminismo.

ABSTRACT

“The first female Portuguese architect defended her thesis at the School of Fine Arts and was approved.” It was with this sentence that the newspaper “O Século” announced, in the 28th of June of 1942, the first Portuguese woman graduating in Architecture: Maria José Brito Estanco.

Born in Loulé in 1905, she was born and raised in the Algarve. She attended Painting at the Faculty of Fine Arts in Lisbon, but after a trip to Brazil, during which witnessed the birth of a new city, decided to change course and enrolled in Architecture when she returned to Portugal. In 1942, she received the “Lady Architect Diploma” with the final design of “A Garden School in the Algarve”, with a score of 16 points. (Estanco, 1986)

In the early twentieth century, the female condition changed thanks to the achievement of fundamental rights of women, which spawned a growing female presence in historically male areas. From that achievement rise many questions, particularly, how does one enter into the profession of Architect, and how accepting is it?

For a better understanding of the history of women in Portuguese architecture, supported by several documents relating to her journey and, especially, testimonials from those close to her, it is intended to find out who was Maria José Estanco.

Keywords: Maria José Estanco, 1ª female portuguese architect, gender studies, feminism.

PREÂMBULO

Esta monografia tem como objetivo contribuir para a História das mulheres na Arquitetura Portuguesa, pois são ainda escassos os estudos feitos em Portugal sobre este tema. O substantivo feminino surge com Maria José Estanco, a primeira mulher em Portugal a formar-se em Arquitetura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Interessa desmistificar o porquê da sua invisibilidade na Arquitetura Portuguesa: perceber quem foi esta mulher; que dificuldades encontrou ao ingressar numa profissão que, em meados do século XX, era exclusivamente masculina e que importância tem na história das arquitetas portuguesas.

A metodologia de pesquisa neste trabalho teórico iniciou-se com a procura de documentos oficiais do Arquivo da Escola de Belas Artes de Lisboa, atual Faculdade de Arquitectura de Lisboa, para conseguir traçar o percurso escolar de Maria José Estanco. Com as datas em que se formou, foi possível, junto da Ordem dos Arquitectos Sul, descobrir os nomes de alguns arquitetos que se formaram no mesmo ano. No entanto foi impossível recolher alguns destes testemunhos, por todos eles já terem falecido.

De todos os elementos descobertos, os que mais contribuíram para a coerência desta investigação foram duas entrevistas que a arquiteta deu: a primeira, transcrita integralmente pelo autor a partir de um vídeo pode ser consultada em anexo, data de 1986, quando fez uma visita à cidade de Marília, que foi transcrita e outra, dada a Glória Marreiros, para um livro dedicado a alguns naturais célebres do Algarve. Esta última proporcionou chegar à conversa com Maria José Noronha, governanta durante 40 anos em casa de Maria José Estanco, cujas informações permitiram uma maior aproximação ao seu universo pessoal.

O levantamento dos diversos jornais diários e periódicos de arquitetura da época (1935-1945) foram importantes para perceber o impacto mediático que a formação da primeira mulher em arquitetura teve em Portugal. Com o projeto defendido no CODA estabeleceu-se a ligação com o Arquivo do Museu João de Deus, que ajudou a clarificar as premissas do seu trabalho.

Numa das entrevistas a arquiteta afirmou ter desenhado e construído um único projeto em São Pedro de Moel. Não existindo nenhum dado mais concreto, foram feitas várias pesquisas no Arquivo Municipal da Marinha Grande, apesar de se desconhecer a data de edificação do projeto. Com a ajuda da arquiteta

Maria José Correia, curiosamente amiga pessoal de Maria José Estanco, conseguiu-se estabelecer uma barreira temporal e encontrar o processo deste projeto. Desta forma, foi possível visitar e fotografar algumas vezes esta obra. Para um melhor entendimento destes dois projectos de Maria José Estanco, foram redenhados os elementos gráficos tendo como base os desenhos originais.

No percurso profissional de Maria José Estanco, enquanto professora, o acesso aos registos biográficos do Ministério da Educação assim como do Ministério do Exército, foram documentos fundamentais para organizar cronologicamente os diversos estabelecimentos de ensino onde lecionou e algumas atividades que desenvolveu em paralelo. A recolha de alguns testemunhos, junto de ex-alunas de Lisboa e do Porto, ajudou a uma melhor compreensão do ensino no período do Estado Novo, das matérias lecionadas e da sua posição enquanto professora, sem nunca esquecer a formação como arquiteta. Foram também descobertos manuais com exercícios orientados pela arquiteta, no Colégio Militar de Lisboa.

O Arquivo do MDM – Movimento Democrático das Mulheres, continha algumas referências ao nome da arquiteta enquanto ativista pelos direitos femininos. Contudo, não foi possível determinar verdadeiramente a sua posição em relação ao partido. O trabalho de campo revelou-se exaustivo, devido à ausência de familiares vivos e à inexistência de um espólio, onde a cada momento surgiram novas pistas que ajudaram a uma melhor compreensão de quem foi esta mulher.

Esta investigação é composta por duas partes: a primeira procura esclarecer quem foi Maria José Estanco, narrar a viagem que fez a Marília, que acabou por se revelar o momento crucial no ingresso no curso de Arquitetura, e expor a audácia com que em 1942 defendeu o CODA; na segunda parte pretende-se perceber as dificuldades que a arquiteta encontrou por ser pioneira nesta profissão, é desvendado o único projeto que desenhou e construiu, dá-se a conhecer a sua segunda profissão e algumas atividades que desenvolveu ao longo da sua vida. Assim, com a ajuda de uma cronologia, conhece-se a primeira arquiteta portuguesa e documenta-se o início da história das mulheres arquitetas em Portugal.

Este trabalho surge no âmbito da vertente teórica da disciplina de Projeto Final de Arquitetura, inserindo-se na linha temática “Modos de Habitar, Sociedade e Cultura Arquitetónica”, do DINAMIA’CET – IUL. A partir

desta investigação foi possível elaborar o paper “A Senhora Arquitecto”: Maria José Estanco, que será apresentado no 2º Colóquio Internacional de Estudantes de Mestrado e de Doutoramento em Estudos Feministas / Estudos de Género / Estudos sobre as Mulheres, seguindo o tema “We all must be feminists”: O Feminino ocupa lugar, que decorrerá, a 21 de Outubro de 2016, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

ESTADO DA ARTE

O ponto de partida para esta reflexão sobre a mulher arquiteta foi a obra *O Segundo Sexo* (1949) escrita por Simone de Beauvoir. Esta publicação representa um ponto de viragem no debate das questões de género, pois até à data a condição feminina nunca tinha sido questionada. Deste modo, a principal preocupação da autora não foi comparar géneros, seria demasiado simples porque o homem é “um ser absoluto”, a mulher não. Existiu sim uma compreensão do modo como a mulher ocupou a posição do “segundo sexo” em diferentes sociedades, como se relacionou e posicionou nas mesmas. Esta problemática é analisada através de vários pontos de vista: ontológico, sociológico, cultural, científico e histórico. (Beauvoir, 1949)

Aliado aos pensamentos de Simone de Beauvoir, foi fundamental entender as diversas posições que esta apresenta mas no contexto português. Deste modo, foi consultado o *Dicionário de História do Estado Novo* de Fernando Rosas e Brandão de Brito, cujas informações sobre as situações política, social, arquitetónica e do ensino, na segunda metade do século XX, foram essenciais para conhecer a época de Maria José Estanco. (Rosas & Brito, 1998)

Já neste século, o tema dos estudos de género dedicado à arquitetura portuguesa, surge pela primeira vez com a revista *Joelho* 1, lançada em Março de 2010, sob um evento dedicado às Mulheres na Arquitectura - Colóquio, Exposição, Publicação, organizado pela Universidade de Coimbra. Este número português totalmente dedicado às mulheres arquitetas é um ponto de partida para o estudo das arquitetas portuguesas, tendo como objetivo recapitular a presença da mulher na arquitetura do século XX através de dois ensaios sobre o tema, treze estudos sobre arquitetas do século XX e alguns trabalhos de investigação elaborados por mulheres recém-licenciadas. (Figueira, 2010) Entre as treze pequenas biografias, realizadas

por estudantes de Arquitectura da Universidade de Coimbra, encontramos apenas o perfil de duas arquitetas portuguesas, Maria José Marques da Silva e Maria Carlota Quintanilha, ao lado de várias arquitetas internacionais, entre elas Ray Eames, Alison Smithson, Lina Bo Bardi. Deste modo, a figura de Maria José Estanco ficou de fora desta publicação, possivelmente pela carência de informação relativa à mesma.

Posteriormente, o *Jornal dos Arquitectos* dedica o n.º 242 da edição *Ser à Mulher*. Este surge “não como defesa da condição feminina mas para debater os estudos de género em arquitetura, que se tornaram populares com o relativismo pós-moderno e que em Portugal entraram tardiamente.” (Milheiro, 2011 a) Este editorial aborda vários temas relacionados com a mulher arquiteta: em “perfis mais novos” Clara Germanes Gonçalves dá-nos a conhecer os Ateliers de Santa Catarina, um coletivo fundado pelas irmãs Catarina Almada Negreiros e Rita Almada Negreiros, que promove a participação interdisciplinar entre arquitetos, artistas plásticos e designers; em “perfis mais velhos” Ana Vaz Milheiro apresenta a arquiteta Maria Carlota Quintanilha, através de uma entrevista feita à própria, juntamente com o testemunho de Luís Tinoco e António Matos Veloso, onde foi possível escrever sobre a vida e obra desta arquiteta que apesar de permanecer pouco estudada, foi um importante contributo para a história da arquitetura no Estado Novo. (Milheiro, 2011 a)

Esta arquiteta, começa a ser referenciada como uma figura isolada de destaque, deixando de ser associada ao marido José Tinoco, nos últimos estudos sobre a Arquitetura Moderna em Africa (Miranda, 2013); em “Projetos” o Arquitecto Manuel Graça Dias questiona o porquê do tema “ser mulher” e apresenta dez projetos assinados por mulheres ou em coautoria, dos quais cinco por arquitetas portuguesas: Paula Santos, Luísa Penha, Cristina Guedes, Teresa Novais e Margarida Grácio Nunes (Dias, 2011); no texto “Trazer a família para dentro do atelier” Inês Lobo reflete sobre a sua condição enquanto mulher no mundo da arquitetura e explica que nem sempre foi fácil conciliar as duas coisas mas a sua experiência é positiva. (Milheiro, 2011 b) Contudo, enquanto principal órgão de comunicação e divulgação de arquitetura da Ordem dos Arquitectos, é de notar, mais uma vez, a ausência de qualquer referência à primeira arquiteta portuguesa.

Em contexto académico, as primeiras investigações feitas sobre estudos de género em arquitetura começaram por fazer uma abordagem genérica ao tema. Em 2011, Susete Machado apresentou a primei-

ra dissertação dentro da temática. *O espaço das Mulheres na Arquitectura*, tem como principal objetivo traçar um melhor entendimento na relação entre o género feminino e a arquitetura. Começa por abordar a posição social e profissional da mulher e a relação com o elemento “casa”. Na segunda parte, faz uma interpretação da forma como a mulher, género e corpo, se relaciona com o espaço. No terceiro capítulo surge uma compreensão da história do género no Movimento Moderno e no Pós-modernismo, estudando alguns autores. A dissertação é concluída com dez entrevistas, sobre estas temáticas, feitas a um grupo de arquitetos, das quais os dados recolhidos e a análise das mesmas foram essenciais para consolidar este trabalho. (Machado, 2011)

Lia Antunes, aluna da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, apresentou em 2012 *Arquitectura: substantivo feminino, contribuição para uma história das mulheres na arquitectura*. Tendo como ponto de partida o estudo das questões de género na disciplina, o trabalho divide-se em três partes: a primeira questiona “a vivência do espaço no feminino e a construção da cidade no masculino”; a segunda surge como “uma tentativa de reformulação da história da arquitetura” e ao finalizar a investigação, deixa em aberto a possibilidade de existir uma arquitetura feminina, com uma génese própria. (Antunes, 2012)

No mesmo ano, Maria do Carmo Marques Pires expõe no Porto pela primeira vez, uma dissertação de doutoramento sobre uma arquiteta portuguesa. *O Ateliê de Arquitectura/ Urbanismo de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins, Visibilidade da Memória* dá-nos a conhecer as biografias deste casal de arquitetos que partilharam, ao longo das suas vidas, o mesmo atelier. O primeiro volume divide-se em quatro capítulos: “a formação académica dos arquitetos: dois percursos distintos”; “a atividade profissional”; “a obra na área do urbanismo” e “a obra arquitetónica”. Temos pela primeira vez uma investigação aprofundada sobre a segunda mulher a licenciar-se em Arquitectura em Portugal, a pioneira da Faculdade de Belas Artes do Porto. (Carmo, 2012)

Atualmente, o último estudo publicado sobre uma arquiteta portuguesa, é da autoria de Rita Portela que, em 2013, apresentou no ISCTE-IUL *Feminino Tropical: Maria Emília Caria e o Urbanismo no Ultramar*. Uma breve retrospectiva do feminismo em Portugal introduz Maria Emília Caria, a primeira arquiteta a trabalhar no Ministério do Ultramar. “A análise da obra da arquiteta e o desenho do perfil e do seu pensamento ar-

quitetónico e urbanístico constituem as metas gerais deste trabalho.” (Portela, 2013)

Os únicos elementos que referenciam diretamente a arquiteta Maria José Estanco foram elaborados, num contexto académico, pela arquiteta Patrícia Santos Pedrosa, com quem foi possível debater a investigação que tem feito e a importância da elaboração desta monografia. Ao longo dos últimos anos, tem vindo a desenvolver, como investigadora, várias reflexões sobre questões de género. “Being a Female Architect in Portugal: A short Introduction to a Long Road” foi o primeiro ensaio que a arquiteta escreveu sobre este tema. Para contextualizar o aparecimento das fundadoras da história das arquitetas portuguesas, começa por fazer um enquadramento político do país no século XX. O artigo estrutura-se em três partes: em primeiro lugar são expostos alguns dados sobre a situação das mulheres arquitetas no nosso país; de seguida conhecemos o percurso das duas pioneiras Maria José Estanco e Maria José Marques da Silva, e por último, a autora, questiona a situação atual da mulher arquiteta no nosso país. (Pedrosa, 2010)

No seguimento do artigo anterior, em 2013, elabora as três primeiras entradas de arquitetas portuguesas publicadas em *Le Dictionnaire Universel des Créatrices* com os títulos: Architects Portugal (depuis le début du xx siècle); Maria José Estanco e Maria José Marques da Silva. Contam uma breve história da presença feminina na profissão e apresentam as pioneiras. (Pedrosa, 2013) No mesmo ano, publica o artigo “Arquitectura: Profissão e Emprego” no Boletim dos Arquitectos. Neste texto chama à atenção para a necessidade de reformulação da disciplina da Arquitetura visto que, o tradicional papel do arquiteto tem vindo a ser alterado com o aparecimento de um novo modus operandi. A entrada das mulheres na profissão, em Portugal, aconteceu tardiamente, nos anos 40, contudo, a presença feminina na profissão tem vindo a aumentar. Será assim mais fácil a adaptação a um novo paradigma da profissão. (Pedrosa, 2013)

Quando escreve o artigo “Arquitectas: Ensaio para um Manual Revolucionário”, publicado no site *Arte Capital*, Patrícia Pedrosa faz novamente um percurso pela história feminina na profissão, desde os anos 40 até aos novos modos da prática do exercício da arquitectura. A autora lembra que apesar de existir um aumento da feminização da profissão, “as velhas práticas continuam presentes”, reforçando que esta questão deve ser transmitida pelas instituições de ensino, e chama a atenção para a necessidade das arquitetas se organizarem e contestarem a falta de visibilidade do seu trabalho. “A revolução é a exigência, a imposição agida e exigida da mudança. Arquitectas (portuguesas e) de todos os países, uni-vos!” (Pedrosa, 2014)

O último ensaio que escreveu dentro desta temática foi “Women Architects in Portugal, A Long and Winding Road”, integrado no livro *Arquitectas redefiniendo la profesión*. Aqui são abordadas isoladamente quatro questões: o contexto político do país entre 1920 e 1974; o ensino das Artes e da Arquitectura em Portugal; as condições do acesso à profissão e a experiência das arquitetas Maria José Estanco e Maria José Marques da Silva. (Pedrosa, 2014) Estes artigos referem alguns dados biográficos da primeira arquiteta portuguesa, porém nunca houve uma investigação aprofundada que estabelecesse uma relação entre os factos já conhecidos e que apresentasse cronologicamente a vida e obra desta mulher.

Atualmente a arquiteta Paula Monteiro, com quem foi possível falar, está a elaborar a sua tese de doutoramento na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto sobre as arquitetas portuguesas. No âmbito da sua investigação tem encontrado várias perspetivas de abordagem a este tema, tais como: a procura de uma visão feminina sobre o discurso arquitetónico; investigações e reconhecimento do trabalho desenvolvido por algumas arquitetas portuguesas; e estabelecer parâmetros quantitativos para entender a evolução da profissão no panorama nacional.

No seguimento do estudo destes trabalhos, percebeu-se assim que não existe até à data nenhuma investigação coesa sobre Maria José Estanco. Só é possível contar a história das arquitetas portuguesas quando se conhece a primeira protagonista. Ao considerar esta lacuna, tornou-se óbvio seguir esta premissa para o desenvolvimento do trabalho.

I. VIDA E ANOS DE FORMAÇÃO

I.1. A 1ª ARQUITETA PORTUGUESA

Maria José Brito Estanco nasceu a 26 de Março de 1905, numa quinta da família no Sítio dos Quartos, na freguesia de São Clemente, concelho de Loulé. O seu pai, Joaquim Francisco Estanco era proprietário de vários terrenos agrícolas, e a sua mãe Maria da Conceição Estanco era doméstica. Tinha duas irmãs 14 e 15 anos mais velhas, das quais a mais velha se casou muito cedo e foi morar para o Brasil com o marido. (Estanco, 2000, pp. 187-188)

Com cinco anos entra para a escola primária em Faro e no mesmo ano o pai viaja para o Brasil, para junto da filha, onde acaba por residir até falecer. Deste momento, Maria José guardou a seguinte memória: “ainda me lembro que ao partir me deu uns brincos com pedra em forma de meia-lua”. Maria José fica a morar no Algarve com a mãe e a irmã Maria da Conceição, que vivia em Milreu, vila de onde era natural o marido. Quando entra para o liceu, ainda em Faro, é pela primeira vez confrontada com uma minoria da presença feminina no ensino, pois a sua turma tinha apenas oito raparigas, das quais três eram suas amigas. (Estanco, 2000, pp. 187-188)

Com 17 anos, após terminar o liceu vai morar com a mãe para a zona do Rato, em Lisboa. Inscreve-se no Curso de Habilitação para o Magistério Liceal de Desenho no ano letivo 1922/1923. Este curso era lecionado simultaneamente na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (antiga Escola Politécnica) e na Faculdade de Belas Artes de Lisboa¹. Neste período, o ensino superior regista um aumento gradual de estudantes apesar de haver “uma lógica elitista, que se organiza a partir de um processo escolar muito seletivo e de uma restrição acentuada no acesso à Universidade.” A presença da mulher no ensino superior começa a ser mais significativa neste período, as estatísticas apontam para uma percentagem de 19% até aos anos 40. (Anexo B, p. 119 & Rosas & Brito, 1998, I pp. 305-306)

¹ Apesar de Maria José Estanco numa entrevista feita por Glória Marreiros referir que escudou na Faculdade de Letras de Lisboa, não foi possível confirmar essa informação nos seus registos académicos.

No primeiro ano frequentou as cadeiras de Matemáticas Gerais, Geometria Descritiva e Estereotomia. Em Outubro de 1924 faz o pedido de inscrição no segundo ano do curso e em Novembro inscreve-se na 2ª parte da cadeira de Geometria. No verão de 1926 faz o Exame de Estado do 9º grupo de Ensino Liceal e termina o curso, ao mesmo tempo que começa a trabalhar para ajudar com as despesas em casa. O gosto pelas Artes Plásticas levou-a, com 21 anos, a matricular-se no Curso Especial de Pintura na aula do Professor Carlos Reis, no mesmo ano em que se mudou para a Quinta de São José de Ribamar, em Algés. (Anexo B, p. 121)

I.2. A VIAGEM A MARÍLIA



1.

2.

3.

4.

No ano seguinte (1927) fez uma pausa nos estudos e decide com a mãe fazer uma viagem ao Brasil, para visitar a irmã mais velha que se tinha radicado. A sua estadia prolongou-se por dois anos e durante esse período teve a oportunidade de ver nascer uma cidade de raiz, situada a Oeste de São Paulo – Marília. (Estanco, 2000, pp. 187-188 & Estanco, 1986)

Em 1926, o deputado brasileiro Bento de Abreu Sampaio Vidal começou a lotear o seu património e José da Silva Nogueira, a quem pertencia 40% das terras do Alto do Cafezal (fig. 1), também loteou os seus terrenos, dando-se assim o principio da ocupação da futura cidade de Marília.

Simultaneamente, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro do Nordeste, planeava a expansão da linha férrea entre Piratininga e Lácio (fig. 2). Os nomes das cidades emergentes foram atribuídos na sequência das letras do alfabeto e à letra M foi atribuído o nome Marília, por influência do poema “Marília de Dirceu” do poeta Tomás Antônio Gonzaga. (fig. 3) Na época havia poucas pessoas a morar naquele lugar, apenas alguns operários de várias nacionalidades: italianos, portugueses e brasileiros, com pronúncias diferentes. “Os primeiros de uma nova cidade são pessoas de toda a parte, isso eu tive a ocasião de observar.” (Desenvolve Marília, Nossa História, s.d. & Estanco, 1986)

A fazenda de São Bento, onde morava a família, ficava a 80km de Marília. Como o cunhado Francisco Pereira Milreno trabalhava para Bento de Abreu Vidal, tinha de viajar com frequência e Maria José começou assim a acompanhá-lo. Como refere, “tinha-se acabado de fazer a queima do mato e estavam-se a abrir as primeiras ruas.” (fig. 4) As visitas começaram a ser cada vez mais frequentes e o seu interesse e entusiasmo cresciam com a sucessiva transformação deste lugar. O responsável pelo planeamento desta nova cidade era um engenheiro belga que tinha estudado em França, Anselmo Escaranha Meiller. (Estanco, 1986) Acerca desta recorda:

A cidade quando foi delineada foi toda feita a régua e esquadro e tinha as ruas todas perpendiculares, paralelas umas às outras, era uma cidade definida. [...] Eu falei muitas vezes com o Meiller e dizia - porque é que você não faz de vez em quando uma rua curvinha? Mas ele na conceção que tinha de arquitetura não era por aí, era ainda do tempo do Marquês de Pombal, onde as ruas eram todas perpendiculares umas às outras. (Estanco, 1986)

A sua curiosidade fez com que acompanhasse de perto o desenho urbano desta cidade, onde assistiu a vários momentos importantes como o lançamento da primeira pedra para a construção da igreja. A certa altura, o cunhado e o sobrinho mais velho tiveram de se mudar por uns tempos para Marília e como era necessário que alguém ficasse na fazenda como guarda-livros, Maria José decidiu ficar com o trabalho. (Estanco, 1986)

Não tinha preparação nenhuma para isso, mas sabe a gente adaptasse a tudo quando se quer adaptar [...] o meu cunhado que não acreditava nas mulheres por acaso acreditava em mim e começou a ensinar-me e depois era ver a vaidade dele a dizer que em oito dias me tinha deixado passar os livros a limpo. (Estanco, 1986)

Depois desta mudança o cunhado comprou um pequeno terreno para o cultivo de café e Maria José decidiu juntar-se ao negócio, contudo passado algum tempo a crise do café fez com que perdessem o investimento. Deste episódio conta: “não tive pena nenhuma porque eu não me sentia nada dona de pés de café. A minha vida era toda intelectual, não me assustou nada não ter café.” Apesar do regresso inevitável a Portugal, o cunhado queria que Maria José ficasse no Brasil, com o engenheiro Meiller, mas esta não aceitou, pois já tinha um objetivo bem definido quanto ao seu futuro: “eu senti a criação do mundo ao criar-se esta cidade [Marília], tão fascinante que eu estava a tirar o curso de Pintura, quando voltei para Portugal eu disse – eu vou ser arquiteta.” (Estanco, 1986 & Anexo C, p. 140)

I.3. O CURSO ESPECIAL DE ARQUITETURA CIVIL

Em Setembro de 1929, com 24 anos, matricula-se no 1º ano do Curso Especial de Arquitetura Civil. Termina o 3º ano com média de 15,85 valores em 20 e obtém assim a isenção no pagamento das propinas por mérito curricular. No ano seguinte começa a lecionar Desenho no Liceu D. Filipa de Lencastre e na faculdade termina a cadeira de Arquitetura Civil do 5º ano e Construção Civil do 4º ano, concluindo a parte curricular do curso em 1935 (fig. 5). O facto de ser a única mulher em turmas de homens, nunca a preocupou, mantendo sempre uma boa relação com os colegas, “só tive um que era, como agora se costuma dizer, machista. Só um, de resto eram todos meus amigos.” As datas de formação dos arquitetos João António de Aguiar e Carlos Sotto-Mayor Negrão, apontam que ambos terão sido colegas de Maria José, contudo não foi possível recolher o seu testemunho por já terem falecido. (Estanco, 1986; Anexo B, p. 132 & Anexo D, p. 138) Maria José Correia, amiga pessoal da arquiteta, enuncia:

Era uma pessoa muito determinada e com uma personalidade muito forte. [...] Ela podia ombrear com os homens sendo uma pessoa fantásticamente feminis-

ta. [...] No meu tempo também haviam poucas raparigas, eram tempos difíceis e para ela deve ter sido ainda mais difícil, porque ela já entrou com o Diretor [Luís Alexandre da Cunha], que foi Diretor durante o tempo que estivemos na escola. Posso dizer que era uma pessoa péssima e muito difícil connosco mulheres, as mulheres para estar em casa, fazia os possíveis para nos dificultar a vida. (Anexo D, p. 157)

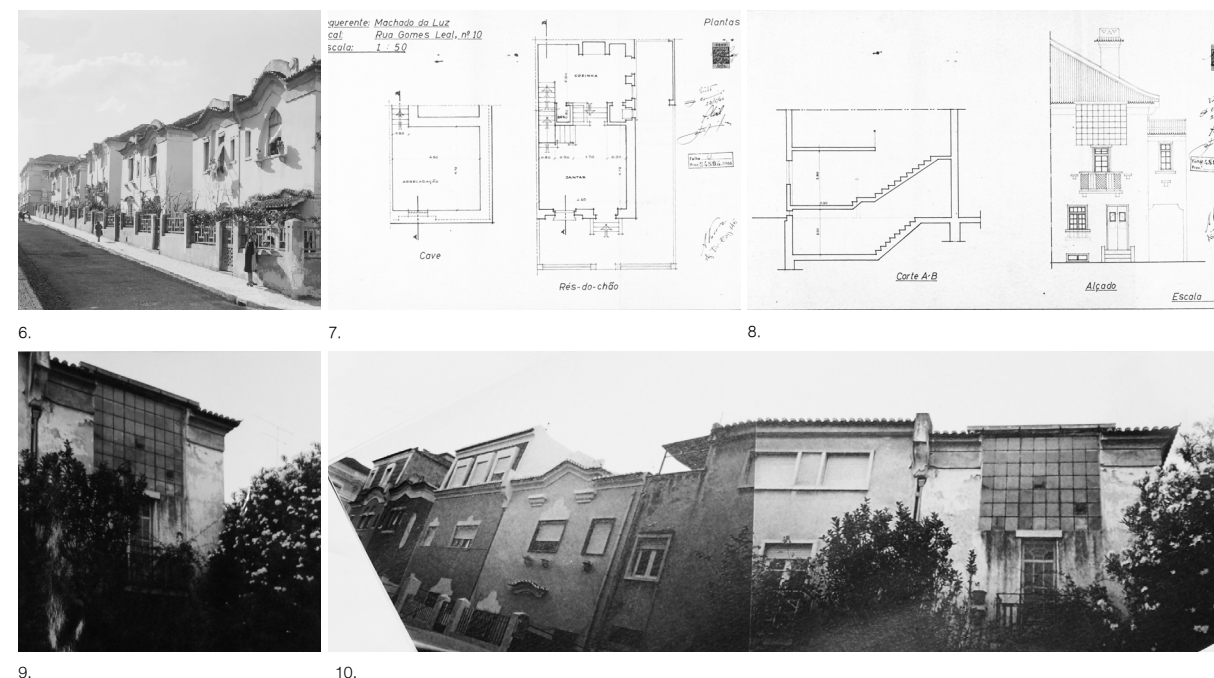
Durante o seu percurso escolar teve como professores de Arquitetura o Mestre Lemos, José Luís Monteiro e Luís Ribeiro Cristino da Silva e de Geometria Vítor Manuel de Carvalho Piloto. (Estanco M. J., 2000, pp. 187-188; & Anexo D, p. 158)

Plano Curricular (1929-1935)		
1º ano	Arquitetura	14 valores
1º ano	Geometria Descritiva e Estereotomia	18 valores
1º ano	Literatura Portuguesa	17 valores
1º ano	Matemática	19 valores
2º ano	Arquitetura	12 valores
2º ano	História Geral de Arte	16 valores
2º ano	Prespectiva	16 valores
2º ano	Matemática	19 valores
3º ano	Arquitectura	14 valores
3º ano	História Geral de Arte	18 valores
3º ano	Composição Ornamental	14 valores
3º ano	Resistência de Materiais	17 valores
4º ano	Arquitectura Civil	12 valores
4º ano	Higiene	17 valores
4º ano	Construção Civil	15 valores
5º ano	Arquitectura	14 valores

5.

Foi no ambiente da Escola de Belas Artes que conheceu Raimundo da Silva Machado da Luz², ainda antes de viajar para o Brasil. No mesmo ano em que regressou, 1929, casaram em Lisboa e foram viver para o Largo do Figueiredo, em Belém, contudo o pintor ainda não tinha terminado o curso. Durante vários anos partilharam o mesmo atelier, o nº 10 da Rua Gomes Leal no Bairro do Arco do Cego (fig. 6), “eu e o meu marido partilhámos o mesmo atelier durante muitos anos, decorámo-lo com esteiras, mantas, barros populares assim como quadros dele, como os que representavam as paisagens do Alentejo ou do Minho.” (Anexo B, p. 128 & Estanco, 2000) O atelier era uma pequena moradia: no piso térreo tinha um grande espaço de trabalho com pé direito duplo, uma cozinha e uma casa de banho; no segundo piso tinha uma mezzanine que utilizavam para arrumos (fig. 7-10). (Anexo D. 2., p. 151)

Posteriormente o pintor Machado da Luz mandou construir uma cave, onde anos mais tarde, Manuel José Estanco Machado da Luz³, único filho do casal, nascido a 26 de Abril de 1942, teve um pequeno atelier onde começou a trabalhar quando ingressou no Curso Especial de Arquitetura Civil. Com o seu nascimento e apesar de Maria José considerar a hipótese de ir viver para esta casa, a família apenas a utilizou como espaço de trabalho, mudando-se para um apartamento na Rua de Ponta Delgada, em Lisboa. (Anexo B, p. 131 & Anexo C, p. 139)



² O pintor Machado da Luz, natural de Ponta Delgada, estudou Pintura na Escola de Belas Artes de Lisboa, onde acabou por ser professor. É discípulo de Carlos Reis e Veloso Salgado. “Teve um percurso pouco convencional, não pactuando com os cânones artísticos do Estado Novo e produzindo uma obra onde avultam as pinturas tendo como tema a mulher.” Quando faleceu Maria José Estanco, sua mulher, doou os quadros que pertenciam ao seu acervo pessoal ao Museu Machado Castro, nos Açores. (Palácio do Correio Velho, s.d. & Leilões, 2014)

³ Manuel José Estanco Machado da Luz, com 26 anos termina o Curso de Arquitetura na Faculdade de Belas Artes em Lisboa, com 17 valores. Começou a trabalhar no atelier do arquiteto António Jacobetty, depois de fazer o estágio nas obras do Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian. Em 1973 foi trabalhar para o Gabinete da Área de Sines. Colaborou com o arquiteto em alguns projectos de execução de equipamentos culturais. Durante vários anos foi crítico de cinema e membro do ABC Cine-Club de Lisboa. (Cine-Club, 2007)

I.4. CODA – “UM JARDIM-ESCOLA NO ALGARVE”

A 30 de Março de 1942⁴, Maria José pede para ser admitida às provas do concurso do Diploma de Arquitecto. Juntamente com o pedido envia o Certificado de Tirocínio, onde Carlos João Chambers Ramos confirmou que “Maria José Brito Estanco trabalhou sob a sua direção desde Novembro de 1939 até á presente data com zelo e competência profissional, 28 de Março de 1942” e envia o projeto que se propôs a apresentar. (Anexo B, p. 129)

“Um Jardim-Escola para o Algarve” era o título do projeto, composto por memória descritiva, caderno de encargos, orçamentos e várias peças desenhadas: planta geral, planta de fundações, coberturas, cana-

lização e esgotos, e planta de pavimento; quatro alçados; dois cortes; detalhes de alvenaria e serralharia; detalhes de carpintaria e uma perspectiva (fig. 11). A planta geral apresentada à escala 1:50, os detalhes à escala 1:20 e todas as outras peças desenhadas à escala 1:100. (Anexo B, p. 130)

Na memória descritiva indica que o projeto foi desenhado para ser construído no centro do Algarve, destinado a cem crianças de ambos os sexos. O edifício era dividido em quatro zonas: a zona pública, de entrada; zona das crianças, composta pelas salas de aula e refeitório; zona de limpeza e a zona de serviços. O edifício seria implantado no centro de um terreno retangular, ladeado por um jardim em todo o seu perímetro, “este conjunto será um mixto de claustro, reminiscência das nossas primeiras escolas dos conventos, e do pátio fechado tão característico das casas do Algarve.” O edifício seria caiado a branco e com os beirados vermelhos, como é típico no Algarve. O pavimento seria revestido de tijoleira vermelha, com exceção das salas de aula, do viveiro e dos quartos de isolamento que seriam em cortiça. (A Primeira Architecta Portuguesa, 1945 & Anexo B, p. 130)

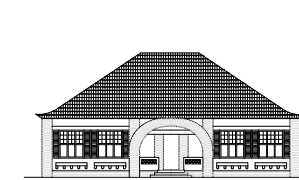
De modo a obter um melhor entendimento deste programa, a futura arquiteta fez várias visitas ao Jardim Escola João de Deus, onde conseguiu ter uma percepção imediata das necessidades das crianças portuguesas. O arquiteto Raul Lino era o responsável pelos projetos dos Jardins-Escola desta associação que, em parceria com João de Deus Ramos, criou um modelo base de organização espacial que foi utilizado nos onze projetos que desenhou para todo o país.

Enquanto que ao arquiteto coube o desenho arquitetónico e do mobiliário, João de Deus Ramos idealizou “as bases pedagógicas, as exigências funcionais e de programação e alguns conceitos da estética e inserção urbanística.” (Portugal, 1985) Este modelo de planta retangular, era elevado em relação à cota térrea e a entrada principal era feita através de um alpendre. O interior organizava-se em torno de um grande espaço central, o museu, onde as crianças poderiam desenvolver atividades como ginástica ou canto, duas salas de aula, uma cantina e uns lavabos (fig. 12). Maria José desenhou uma planta com uma organização muito semelhante, apesar do seu programa conter um maior numero de áreas (fig. 13-14). As longas conversas com o Sr. Dr. João de Deus Ramos foram imprescindíveis para este entendimento, pois simultaneamente estava a ser planeada a expansão da obra educativa João de Deus até Faro. Depois de defender o CODA Maria José ofereceu ao Dr. João de Deus Ramos a perspectiva que pintou a óleo do seu

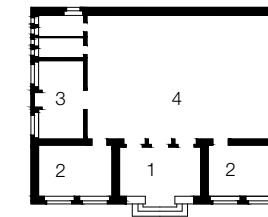
“Jardim-Escola no Algarve”, quadro que atualmente pertence ao acervo da Casa-Museu João de Deus em Lisboa. (A Primeira Architecta Portuguesa, 1945; Anexo B, p. 130; Estanco, 1942; Anexo E, p. 167-169 & Lino, 1908)



11.

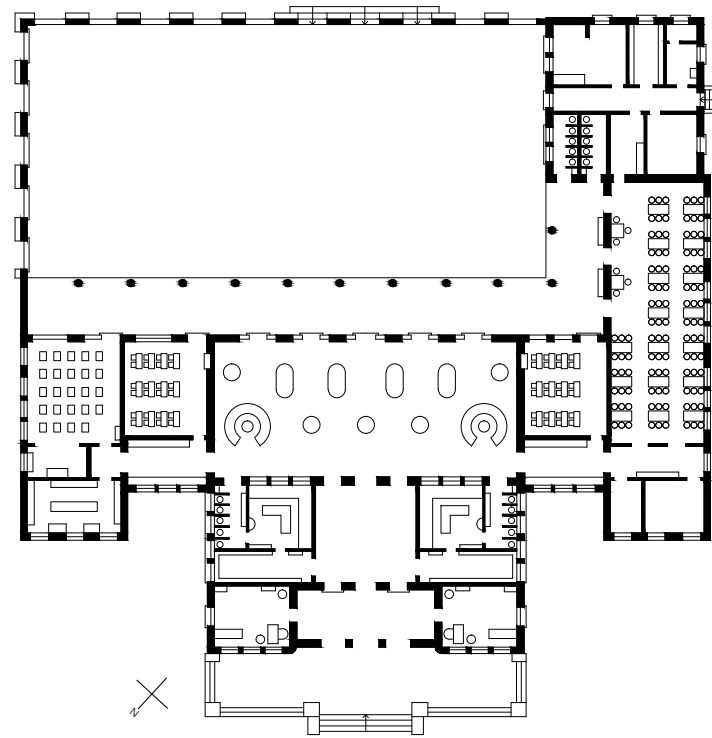


12.

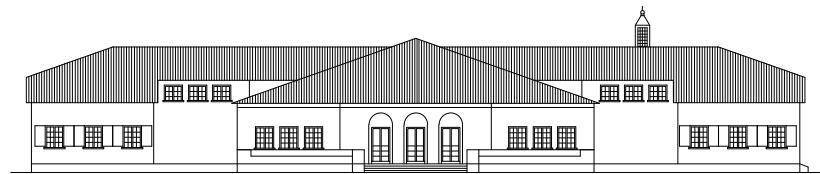


- 1. Alpendre
- 2. Aula
- 3. Cantina
- 4. Museu

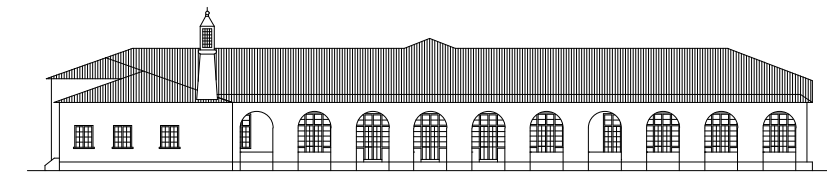
⁴ No ano seguinte, Maria José Marques da Silva apresenta o projeto “A Casas das Rendilheiras” para obtenção do Diploma de Arquitectura, tornando-se assim a primeira mulher a diplomar-se na Escola de Belas Artes do Porto. (Carmo, 2012)



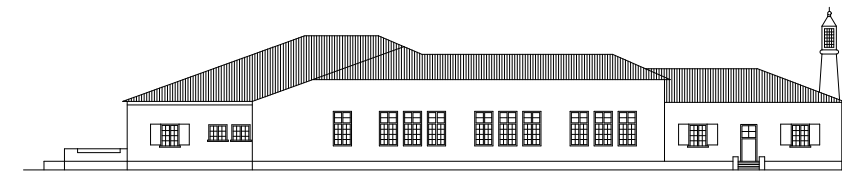
Planta do Pavimento



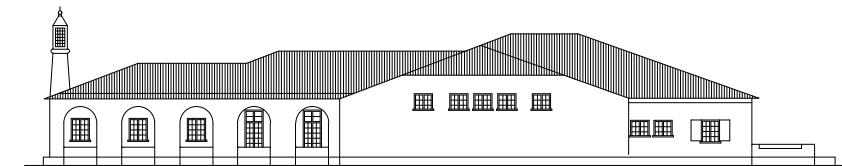
Alçado Principal



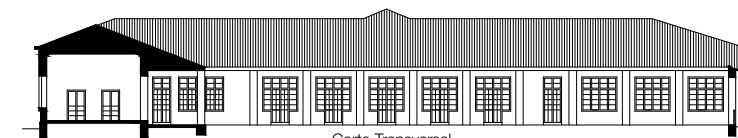
Alçado Posterior



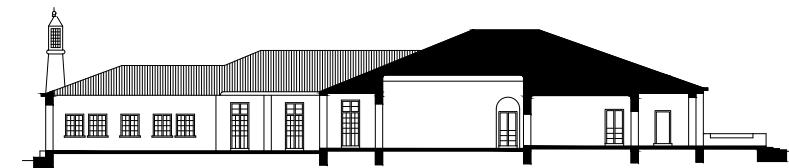
Alçado Lateral - SO



Alçado Lateral - NE



Corte Transversal



Corte Longitudinal

O pedido para a defesa do CODA foi aprovado e Maria José, no dia 27 de Julho de 1942, pelas nove horas da manhã defendeu o seu projeto final. O júri era constituído pelo Diretor da Escola de Belas Artes de Lisboa e pelos arquitetos Luiz Cunha, Pardal Monteiro, João António Piloto e Luiz Cristino da Silva, os escultores Simões de Almeida, Leopoldo de Almeida, o pintor Varela Aldemira e um público cheio de amigos de Maria José. Com o projeto para “Um Jardim-Escola no Algarve” obteve a classificação final de dezasseis valores em vinte. O mediatismo desta notícia levou a que “meia hora depois de ter acabado já se ouvia na telefonia que se tinha formado a primeira arquiteta em Portugal.” A 6 de Julho de 1942 requereu ao Director da Escola de Belas Artes, que lhe fosse passado o Diploma de Architecta. (Estanco, 1986 & A Primeira Architecta Portuguesa, 1945)



15.

16.

17.

18.

Estas foram algumas das notícias que saíram no dia seguinte em jornais da época, felicitando a arquiteta Maria José Estanco (fig. 15-18), e em Março de 1945 o seu projeto “Um Jardim-Escola no Algarve” foi publicado no n.º 120 da revista *Arquitectura Portuguesa, Cerâmica e Edificação*. No mesmo ano a arquiteta entra para o Sindicato Nacional dos Arquitectos com o nº 91. (A Primeira Architecta Portuguesa, 1945 & Anexo E)

Durante o curso Maria José não sentiu nenhum tipo de discriminação por ser mulher, no entanto a entrada na profissão não correu assim tão bem. Quis trabalhar na Câmara Municipal de Lisboa mas nunca foi aceite por uma única razão, não tinha a Carta Militar. Na época, todos os arquitetos que entravam para a Câmara tinham que apresentar a Carta Militar, deste modo, como Maria José era mulher não poderia

obtê-la. Tentou ingressar em vários ateliers mas mais uma vez a resposta não foi positiva, por ser mulher a sua capacidade de trabalho era questionada. Curiosamente, foi graças a Maria José Estanco que o termo “arquitecta” passou a ser usado na profissão. (Estanco, 1986)

Não queriam que eu fosse ‘arquitecta’, queriam que eu fosse a ‘senhora architecto’. Eu disse sempre não. Os femininos dos cabos terminados em ‘o’ transformam-se em ‘a’, ora ‘arquitecto’ passar a ser ‘arquitecta’ e eu sou arquiteta nunca escrevi outro nome. É claro que isto irritou muita gente mas eu tive muitas pessoas amigas ao mesmo tempo. (Estanco, 1986)

Três anos após terminar o curso, o seu entusiasmo pelo espaço urbano e a vontade constante na aquisição de novos conhecimentos, levam Maria José a matricular-se nas cadeiras do curso de Urbanologia, do ano letivo que decorria. Apesar de não existir indicação da conclusão desta disciplina, poderá ter existido uma relação entre esta matrícula e o ano em que começou a desenvolver o projeto da casa em São Pedro de Moel. (Anexo B, p. 132)

I.5. CASA EM SÃO PEDRO DE MOEL

Este projeto insere-se num período da história da arquitetura portuguesa, caracterizado pela forte influência da ideologia do Estado Novo. Este regime marcou um crescente aumento de obras públicas, que só foram possíveis com a implementação de uma nova “política de saneamento”, instalada por António Oliveira Salazar. Os arquitetos, que tinham até à data um papel pouco ativo devido há falta de encomenda, são convidados a projetar novos edifícios em Lisboa. Duarte Pacheco foi o engenheiro responsável por estas encomendas públicas, apesar de em 1937 ter sido afastado do governo de Salazar. Conhecido pelo seu carácter empreendedor e dinâmico, voltou a ser chamado aquando da Exposição do Mundo Português (1940). Surgem assim os primeiros exemplos de uma arquitetura modernista: o Bairro das Estacas, a Praça do Areeiro, os Hospitais-Ecolares de Lisboa e Porto, entre outros. Com a consolidação do regime a arquitetura expressa “a autoridade, a disciplina e a ordem, por um lado, e, por outro, o culto da nacionalidade, da tradição e do mundo rural.” (Tostões, 2004 & Rosas & Brito, 1998, Vol. I, pp. 61-62)

Raul Lino foi o impulsionador da campanha “a casa portuguesa”, acreditava numa arquitetura portuguesa com características próprias, “o internacionalismo deveria ser proibido” e defendia juntamente com os sectores mais conservadores o lema “Façam-se casas portuguesas em Portugal!”. Havia cinco princípios, essenciais, na afirmação desta arquitetura: as paredes caiadas a branco e cor; os vãos com cantarias; as coberturas em telha tradicional e beiral à portuguesa; o desenho do alpendre e uso do azulejo português. (Rosas & Brito, 1998, Vol. I, p. 62 & Fernandes, 2003, pp. 40-44)

Simultaneamente, António Ferro defendia a política cultural baseada nos “portuguesismos”. Estas opiniões eram bem recebidas pelo Chefe de Estado e no fim dos anos 30 surge o chamado *Português Suave*, uma arquitetura que se caracterizava “ao nível dos edifícios públicos e prédios urbanos, por um tradicionalismo arcaizante como exaltação dos valores nacionais, através de uma abundante e desconexa incorporação nas fachadas de elementos da arquitetura do século XVIII.” E 1938, o arquiteto Cristino da Silva projeta o primeiro “figurino”, a Praça do Areeiro. (Rosas & Brito, 1998, Vol. I, pp. 62-63)

Na Exposição do Mundo Português, dirigida por Cottinelli Telmo, a presença deste novo estilo não foi muito notória, porém em alguns “sectores, a exaltação tradicionalista de uma nova linguagem [...] passaria a ser lei”. As obras públicas passaram a ser dirigidas por comissões e delegações. Estes organismos que com rigor reproduziam os “figurinos oficiais, levando a todo o país a arquitetura do Estado Novo”, estavam divididos por sectores e respondiam diretamente às ordens do Ministro Duarte Pacheco. Rapidamente é criado um modelo, que devia ser seguido, para prédios de rendimento e moradias isoladas pois era necessário garantir que esta “arquitetura oficial” chegava também às obras privadas e por sua vez a todo o país. (Rosas & Brito, 1998, Vol. I, p. 63)



19.

20.

21.

22.

A vila de São Pedro de Moel, Marinha Grande, começou a ser procurada no verão pelas suas praias, pelo pinhal e pela nascente de água, no entanto poucas pessoas permaneciam durante todo o ano. (fig. 19-22) Com o passar do tempo, a vila desenvolveu-se até ser considerada um centro urbano em 1927, segundo um plano de traçado elaborado pela Câmara Municipal. Após a edificação do Bairro Novo (1930), o arquiteto Lima Franco desenha um plano de urbanização que é aprovado e implementado pela autarquia da Marinha Grande em 1947. Este plano determinava que os novos arruamentos fossem adaptados ao terreno, que se criasse um ponto central de distribuição, e que a nova construção não se sobrepusesse à parte antiga da vila. Cada lote tinha previsto a construção de uma moradia unifamiliar, cuja implantação deveria permitir a livre circulação em toda a parcela, aproveitando a vegetação existente e/ou plantando no mínimo três árvores. (Anexo F, pp. 171-172 & Quinta, 2010, pp. 43-58)

É no seguimento deste plano que nos anos 1947/48, a arquiteta Maria José Estanco desenha e constrói o seu único projeto. (fig. 23) A encomenda, que surgiu por parte da amiga Maria da Conceição Duarte, que morava em Lisboa, tratava-se de uma pequena casa de veraneio em São Pedro de Moel, cuja arquitetura remete para a “casa portuguesa” de Raul Lino. (Estanco, 2000 & Anexo F, p. 177)

Respeitando as normas previstas neste plano, a casa é implantada no centro do terreno, cumprindo as dimensões de afastamento exigidas nos quatros lados. O edifício modesto de um só piso, com uma construção rústica e económica, onde a principal preocupação foi garantir o máximo conforto durante os meses de estadia no verão. De modo a tirar o melhor partido da rua em frente ao terreno, o alpendre de entrada e a sala de estar e jantar foram desenhados para que fosse possível “desfrutar da magnífica vista do mar sem sair de casa”. Todos os espaços têm três metros de pé direito, luz e ventilação diretas. O pavimento interior é revestido com tijoleira vermelha, o soco e chão da entrada em pedra rústica. As paredes são caiadas a branco, com pequenos apontamentos de pedra, ao que na época chamavam paredes amendoadas. Os elementos de carpintaria eram pintados a verde, no telhado são utilizados beirais à portuguesa e os logradouros da casa são transformados em jardim, onde o muro de vedação é uma sebe de verdura (fig.25). (Anexo F, p. 176)

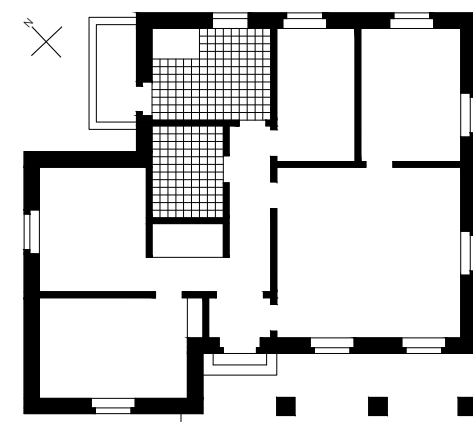
Ao longo do tempo o projeto sofreu algumas alterações. Quatro anos após a sua construção, foi feita uma garagem no piso inferior e um pequeno anexo para arrumos no logradouro tardoz. Em 1983, foram feitas

algumas obras: substituição do telhado, madeiramento, reboco e pintura. A casa pertenceu durante vários anos à mesma família, até que em 2015, ao ser vendida, voltaram a ser feitas obras que terminam em Junho deste ano. Desta vez, as alterações mudaram completamente o interior do projeto inicial, respeitando apenas a fachada principal. Todas as intervenções que a casa sofreu nos últimos anos foram orientadas apenas por construtores civis da vila (fig. 24). (1947/48; 1952; 1983)

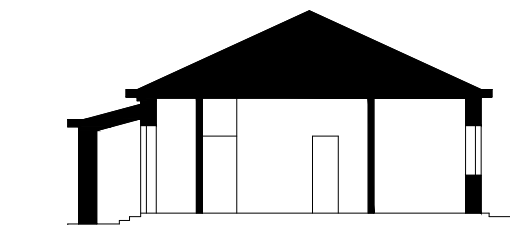
Depois deste projeto, a arquiteta nunca mais desenvolveu nenhum trabalho diretamente ligado à arquitetura. Desta forma, foi no ensino liceal que desenvolveu a sua atividade profissional ao longo de toda a sua vida, com dedicação e empenho, com a qual desenvolveu, em paralelo, algumas atividades ligadas às artes.



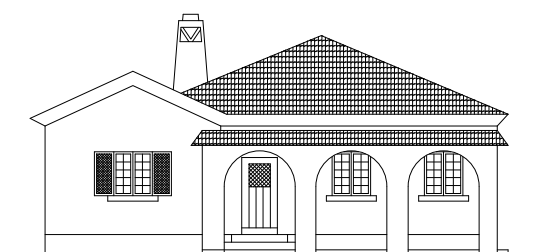
23.



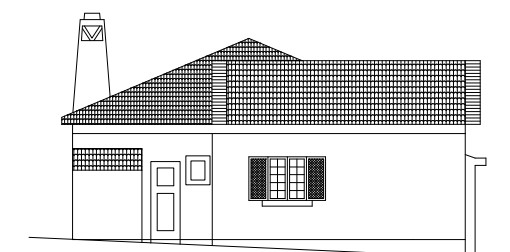
Planta



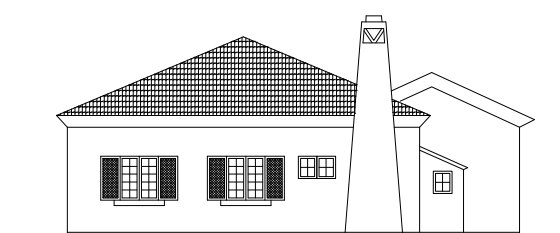
Corte Transversal



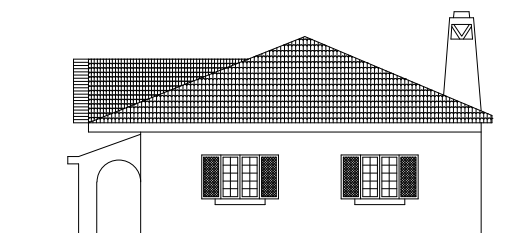
Alçado Principal



Alçado Lateral - NO



Alçado Posterior



Alçado Lateral - SE

24.

II. A 2.ª PROFISSÃO E ATIVIDADES QUE DESENVOLVEU

II.1. O ENSINO

No período do Estado Novo a política educativa apresentava-se com bases numa disciplina ditatorial, utilizando os potenciadores do ensino para inculcar valores e disciplinar consciências. A pedagogia do ensino acaba por ter um carácter moralizante sobre a própria educação e sobre as técnicas que se utilizavam para a transmissão do conhecimento. Este fundamentava-se segundo uma ideologia triológica (Deus, Pátria e Família) tida como atemporal e indiscutível, apelando a uma consciencialização social. Com a introdução de valores morais e religiosos e uma síntese dos programas de ensino, este sistema apoiava o modelo de sociedade a seguir “no plano político, simbólico e cultural.” (Rosas & Brito, 1998, Vol. I, pp. 286-297)

Há quatro ideais que são seguidos: “uma lógica de compartimentação do ensino”, através da separação dos sexos e grupos sociais; “uma concepção de realismo pragmático”, a oferta educacional sofre um ajuste no ensino obrigatório e nos programas lecionados; “uma política de centralismo administrativo do sistema educativo”, com um maior controlo sobre os docentes e regentes escolares e “uma atitude de desprofissionalização do professorado”, que desvalorizou a formação académica dos professores. (Rosas & Brito, 1998, Vol. I, p. 287)

Após a IIª Guerra Mundial, num contexto de grandes mudanças, constatou-se uma necessidade de adaptação do ensino à situação económica e social do país. O atraso educacional e as deficiências na qualificação dos recursos humanos, obrigaram a que fosse feito um maior investimento económico neste sector, originando a intervenção de organismos internacionais como a OCDE. Genericamente, “não é possível caracterizar a política educativa do Estado Novo como meramente negativa e retrógrada. Mas é necessário reconhecer [...] que ao longo da década de sessenta se verifica um processo de expansão escolar que prenuncia algumas mudanças.” (Rosas & Brito, 1998, Vol. I, p. 288)

O Regime atribuiu ao professor “uma dimensão de missionário”, ainda que exigisse uma desvalorização da sua formação, pois era necessário garantir o seu estatuto perante a sociedade. A feminização da profissão surge simultaneamente com o aumento de professores efetivos. A mulher começa a estar cada vez mais ativa no mundo do trabalho e é no ensino que essa presença é mais notória (fig. 25). (Rosas & Brito, 1998, Vo. II, pp. 803-804)

Percentagem de Mulheres no Professorado

	1930	1945	1960	1975
Ensino Primário	68%	79%	87%	92%
Ensino Liceal	-	38%	56%	62%
Ensino Técnico-Profissional	-	23%	40%	52%
Ensino Superior	-	4%	11%	23%

25.

No decorrer do Curso de Arquitectura, Maria José Estanco começou a dar aulas, como professora agregada, no Liceu D. Filipa de Lencastre, em Lisboa. No ano em que terminou o curso, já tinha lecionado nos Liceus Maria Amália Vaz de Carvalho e no Liceu Passos Manuel. Depois de várias tentativas para exercer a sua profissão enquanto arquiteta, é no ensino liceal do 9º grupo que acaba por trabalhar toda a vida, como professora de Desenho. A arquiteta trabalhou durante trinta e sete anos no ensino liceal público, entre as cidades de Lisboa e Porto (fig 26-30). (Anexo G, p. 180)

Ministério da Instrução Pública - Registo Biográfico

Liceus	Categorias	Entrada	Término
D. Filipa de Lencastre	Agregada eventual	Out. 1934	Jul. 1935
Maria Amália Vaz de Carvalho	Agregada	Out. 1935	Nov. 1936
Passos Manuel	Agregada	Nov. 1936	Jan. 1938
Passos Manuel	Auxiliar	Jan. 1938	Set. 1942
D. Filipa de Lencastre	Auxiliar	Out. 1942	Set. 1947
Rainha Santa Isabel	Efectiva	Out. 1947	Set. 1952

26.



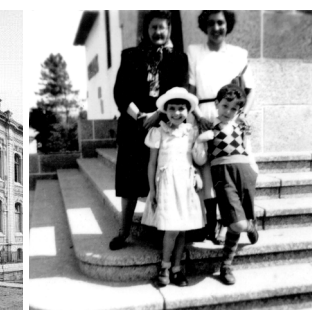
27.



28.



29.



30.

Em 1947, através de concurso público, foi nomeada professora efetiva para o Liceu Rainha Santa Isabel no Porto (fig. 31), onde, tal como em Lisboa, lecionava a disciplina de Desenho. Margarida Vilela, aluna da arquiteta no ano letivo de 1948/49, relembra alguns dos exercícios que desenvolviam nas aulas:

Só me lembro de ter feito com ela, embora possa ter feito outros, coisas que provavelmente estavam relacionadas com a Matemática, que nós dávamos nessa altura. Nós usávamos cartolina, dobrávamos, construíamos sólidos e essas coisas todas, por isso é que eu digo que se calhar o que fazíamos estava relacionado com o que se passava em Matemática. (Anexo G, 1., p. 196)

Em 1952, Maria José foi convidada pela Diretora Alda Gomes Coelho da Conceição, para ser professora efetiva do 6º grupo de disciplinas do Instituto de Odivelas. (fig. 31) Este colégio feminino, apesar de pertencer ao Ministério do Exército Português, fazia parte do ensino público. Havia uma grande preocupação nas escolhas das docentes, pois deveriam ser as melhores dentro de cada área, assim como ter uma educação que permitisse às alunas estudar num ambiente ideal de formação de jovens. As alunas frequentavam o colégio em regime de internato ou externato, sendo o programa de ensino diferente das escolas do Ministério Público. (Anexo G, pp. 196-210)

A arquiteta lecionava Desenho, duas vezes por semana, aos vários anos de ensino. (fig. 32) As turmas tinham vinte alunas nos primeiros anos e cerca de oito alunas nos últimos, visto serem turmas de áreas mais específicas. Eram vários os tipos de exercícios que desenvolviam, desde o desenho à vista, o desenho geométrico, até ao desenho de flores para aplicar em bordados. (fig. 33) O programa das aulas ia para além do desenho tradicional, pois eram introduzidas outras matérias. Alguns exercícios de Geometria Descritiva passavam por resolver problemas geométricos, como por exemplo, desenhar a interseção de um sólido com um plano, fazer as sombras e passar tudo a tinta da china. (Anexo G, pp. 202 & Anexo G 1.- 6.)

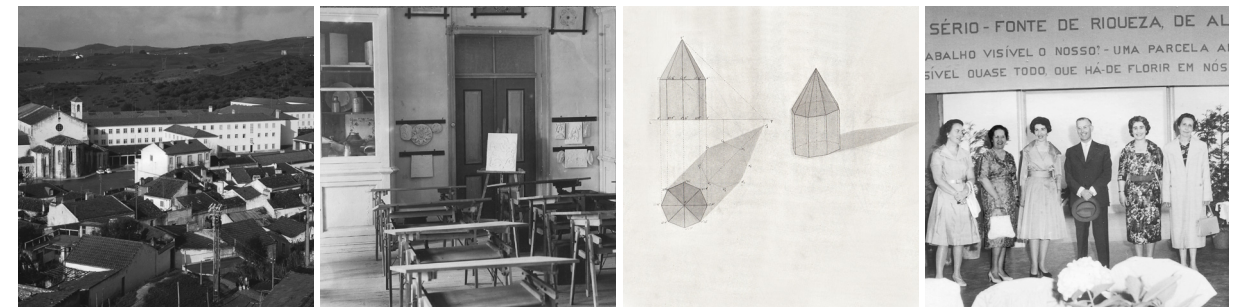
O olhar dela era ao milímetro. Fazíamos um desenho por exemplo um quadrado e ela dizia «este lado tem mais um milímetro que aquele» e nós íamos confirmar e tinha mesmo. (Anexo G, 6., p. 208)

Um exercício que nos mandou fazer que mais não era do que projetar uma casinha, de fim de semana talvez, uma coisa pequena, só em planta, para aprendermos a representar as paredes, as escadas, as portas e janelas. Foi com um grande entusiasmo que o fiz e, a foi de facto a primeira casa que projetei na minha vida. (Anexo G, 4., p. 204)

A História de Arte era outra matéria introduzida, sendo frequente a organização de visitas de estudo a Tomar, Óbidos, Évora, entre outras cidades. Quando a Fundação Gulbenkian abriu também passou ser visitada com regularidade. No âmbito do Curso de Formação Doméstica e Primeiros Socorros, as matérias lecionadas em Desenho eram diferentes, faziam estanhos, peças em cobre e joias. (Anexo G, 2.-6.)

Em 1961, foram retirados dos arrumos do Instituto, uma coleção de azulejos do século XVIII que ali se encontrava desde 1950, que pertenciam à Torre da Madre Paula, quando esta foi demolida. Com autorização da Diretora, algumas alunas voluntariamente, durante várias semanas, fizeram a separação de todas as peças. Como não era possível o aproveitamento de todas, devido ao mau estado de conservação, decidiu-se fazer o seu restauro. Maria José Estanco disponibilizou-se a ajudar nesta árdua tarefa, tendo já durante as suas aulas ensinado a pintar azulejo moderno. Depois de terminado este trabalho, os azulejos foram colocados na escadaria que dava acesso ao corredor das salas de aula. (Anexo G, 6., p. 208)

Algumas das antigas alunas afirmam que, enquanto professora, terá elaborado a pedido do Estado Maior um manual de Desenho em conjunto com um professor do Colégio Militar. Contudo nos Compêndios de



31.

32.

33.

34.

Desenho, utilizados na época no Instituto de Odivelas, que se encontram na Biblioteca do Colégio Militar, foram apenas encontrados manuais com a autoria do Capitão Leonel Martins Vicente. No seu interior, há vários exemplos de exercícios lecionados por Maria José Estanco. Pensa-se que devido às conjunturas políticas e sociais da época, apesar de haver indícios de uma coautoria, mais uma vez o facto de ser mulher contribuiu para que o seu nome não fosse integrado neste trabalho. (Anexo G 2., p. 198 & AAAIO)

Maria José sempre gostou de viajar e foram várias as vezes que pediu licença para se ausentar. Algumas destas viagens eram feitas com o marido e o filho, outras com uma amiga, que também era professora no Instituto de Odivelas, Henriqueta Louro (fig. 34).

A arquiteta e a professora Henriqueta Louro, eram duas professoras muito respeitadas e algo temidas, eram duas professoras muito seguras de si, sabiam muito bem o seu valor e impunham essa imagem de valor profissional. Eram pessoas cultas, viajadas, com vivências acima do comum na altura, tinham sempre histórias para nos contar. (Anexo G, 2., p. 199)

O interesse pela Arquitetura Clássica levou-a a conhecer bem toda a Europa assim como outros países: Suíça, Egito, Israel, Argentina, Cuba, Moçambique e Brasil (fig. 35). Chegou também a ir à URSS, através da Alemanha, ainda antes do 25 de Abril de 1974. As ex-alunas do Instituto, com quem foi possível conversar sobre Maria José Estanco, recordam que muitas vezes a arquiteta falava sobre o trabalho que o marido, Machado da Luz, desenvolvia como pintor. Dizem que se notava uma admiração muito grande por ele, sobretudo quando levava fotografias de desenhos e pinturas para lhes mostrar. A sua família foi várias vezes retratada pelo pintor e na sua obra Maria José é retratada em três pinturas (fig. 36-38). As alunas desde cedo tinham conhecimento de que a professora Maria José Estanco foi a primeira arquiteta portuguesa, sendo um motivo de orgulho no Colégio. (Anexo G, 3., p. 202)

Era muito simples, era uma excelente professora. Não diria que era muito carinhosa, até porque não se usava que os professores fossem muito carinhosos com os alunos, mas nunca ralhava conosco nem falava mal. [...] Era senhora rigorosa, contudo suave e muito interessada no que ensinava. Ainda hoje as coi-

sas que eu sei de História de Arte foi ela que me ensinou a saber olhar. (Anexo G, 3., p. 203)

É assim, a educação era de grande respeito, ela era uma pessoa rigorosa, até porque a matéria exigia que se tivesse atenção. Penso que era uma pessoa com uma postura muito serena. Era capaz de ralhar mas também de rir, exigia atenção, tinha gosto que a gente gostasse das aulas dela e fizesse comentários. Uma mulher com um perfil discreto. (Anexo G, 4., p. 205)

A ideia que eu tenho dela é que era uma pessoa muito discreta. Tenho uma ideia dela muito calada e talvez entre o triste e o melancólico. Tenho ideia de umas aulas calmas com um ambiente descendido mas não formal. [...] Não havia stresse, nem medo, estávamos à vontade mas não à vontadezinha. (Anexo G, 5., p. 207)



35.



36.



37.



38.

II.2. ACTIVIDADES QUE DESENVOLVEU

Em simultâneo com o ensino, o seu gosto pelas artes plásticas levou-a a trabalhar no seu atelier durante vários anos. “Ela desenhava muito bem e também pintava muito bem. Lá em casa havia um quadro com um retrato de um velho que foi ela que pintou nas Belas Artes.” (Anexo D, 2., p. 150)

Desenhou algumas peças de mobiliário para a sua casa e atelier, tais como armários, estantes, um guarda-fatos, reciclando caixas de madeira das balanças Inca. Também desenhou dois cadeirões almofadados, com a estrutura de madeira, pintada a viochene castanho e com os braços feitos com as caixas das balanças. A arquiteta refere: “também fiz joias, com desenho e conceção minhas. Com isso podia realizar as viagens dos meus sonhos.” Estas joias eram feitas em esmalte, cozidas numa mufla que tinha no seu atelier. Com estas peças participou várias vezes em exposições para dar a conhecer o seu trabalho, tendo sempre várias encomendas (fig. 39). (Anexo D, 1., p. 150 & Estanco, 2000) Maria José Noronha, a senhora que foi empregada em casa da arquiteta durante mais de quarenta anos, recorda:

Ela lia muitos livros de história e fazia paciências, até costumava estar deitada na cama a fazer paciências. Ouvia música, música clássica e coisas assim, ia muito à Ópera, sempre que havia ela ia. Quase todas as semanas ia ao São Carlos e à Gulbenkian. [...] Depois ela também escrevia muito. [...] Eles no verão iam para uma casa de férias no Estoril que era da D. Ivone, onde costumavam alugar uns quartos. [...] Era uma pessoa que dava simpatia, se alguém lhe pedisse alguma coisa ela fazia de bom coração, era boa pessoa mas tinha um feitio arisco. Depois vestia-se muito bem. [...] Era uma pessoa simples. (Anexo D, p. 154)

A arquiteta também chegou a colaborar para a revista Modas e Bordados. Esta publicação, que abordava temas tradicionais femininos e os direitos das mulheres, era dirigida por Maria Lamas de quem era amiga. Existe a indicação de que escreveu alguns artigos sobre mobiliário e decoração do lar, contudo durante a pesquisa não foi encontrado nenhum com a sua assinatura, o que na época era comum (fig. 40). (Anexo D, 1., p. 150)

Durante vários anos deu explicações em casa, sempre de forma voluntária, a pessoas conhecidas que lhe pediam ajuda. Chegou a dar explicações a um recluso no Estabelecimento Prisional de Linhó, filho de um amigo da família, durante alguns meses para que pudesse terminar o 5º ano escolar. (Anexo D, 1., p.153)

Maria José Estanco pertenceu durante vários anos ao Concelho Português para a Paz e ao Movimento Democrático das Mulheres (MDM). Fundado por Maria Lamas esta organização surge como um espaço

de encontro de mulheres que reivindicavam a sua condição social. Maria José acaba por ter um papel mais ativo a partir de 1975, após o 25 de Abril, ano em que se aposentou do Instinto de Odivelas (fig. 41-42). (Tavares, 2010; Anexo D, 1., p. 153 & Anexo H, p. 212)

Em 1981, a FIDM Federação Democrática Internacional de Mulheres (FIDM), organizou uma Conferência Mundial de Mulheres, em Praga, onde Maria José Estanco juntamente com outras ativistas portuguesas participaram em representação do MDM. A 8 de Março de 1986, o MDM organizou a exposição “Sonhos e vida em gestos de mulher” que contou com a presença de trabalhos de Maria José Estanco, Graça Morais, Maria Keil, entre outras. Maria José expos várias peças de ourivesaria: um colar com quatro medalhões; um colar egípcio; um colar de ouro; uma meia lua; um alfinete azul; dois pares de brincos e um medalhão com lágrimas. (Tavares, 2010; Camurça, 2015 & Anexo H, p. 213-214)



II.3. O REGRESSO A MARÍLIA

Passados 57 anos, Maria José Estanco regressa à cidade de Marília, no ano de 1986. Entre a primeira visita e esta, já tinha feito várias viagens para conhecer o Brasil, mas ainda não tinha tido oportunidade de voltar à cidade que viu nascer. Foi acompanhada por Maria José Noronha e por um afilhado que morava em Louvado, no Brasil. Durante a viagem a arquiteta foi entrevistada pela Comissão Organizadora dos Registos Históricos de Marília, que estava a recolher depoimentos dos pioneiros da cidade (fig. 43). Maria José recordou assim os tempos que viveu durante o nascimento da cidade:

Eu senti que no Brasil tudo cresce de tal maneira, tudo se forma. O Brasil tem tanta verdura, tanto calor, tanta força que eu não me admirei. Não pude deixar de ficar espantada, quando deixei ruas sem casas ou barracas de madeira e venho a encontrar a cidade ajardinada que vejo aqui. Não fiquei assustada fiquei deslumbrada. [...] Garanto-lhe que ninguém ficou mais comovido do que eu fiquei com esta visita a Marília, não tenha dúvidas que ninguém fica mais comovido. Porque hoje quando vi o jornal e vi aquela fotografia minha no lançamento da primeira pedra e aquelas coisas todas e vi o que hoje é Marília, eu que vi Marília pequenina de berço. É um espanto mas é um espanto que não é difícil de acreditar no Brasil. (Estanco, 1986 & Anexo C, p. 146)



43.

44.

45.

46.

Em Março de 1993, o Concelho da Nacional do MDM atribuiu-lhe a Medalha de Distinção de Honra do MDM, numa cerimónia no Castelo de São Jorge, em Lisboa. “Esta distinção é feita a qualquer individuo ou coletivo cuja ação a nível nacional se destaque em defesa dos direitos das mulheres, ou seja, símbolo da luta emancipadora das mulheres em Portugal.” Esta medalha foi também atribuída a Albertina Dias e Teresa Beleza (fig. 44). (Anexo H, p. 215)

Em 1999, a Presidente da Ordem dos Arquitetos Olga Quintalha, entregou a Maria José o Diploma de Arquiteto de 1942, numa cerimónia que decorreu na Sede Nacional da Ordem dos Arquitetos. (Jornal dos Arquitectos, 1999)

Estes últimos anos de vida de Maria José⁵ (fig.45) foram fortemente marcados pelos falecimentos de Machado da Luz, em 1985, e do seu filho em 1997 . Dado o seu estado de saúde, depois de ter permanecido no Lar do Instituto de Odivelas, viveu os seus últimos dias num lar na Calçada de Arroios até falecer a 30 de Setembro de 1999. Como Maria José Estanco não tinha descendentes diretos, segundo Maria José Noronha, o espólio da arquiteta poderá estar repartido por uma sobrinha que mora no Brasil, Arabella Camargo, e amigas pessoais. Contudo, até à data não foi possível localizar tais pessoas. (Anexo I, p. 218)

⁵ Existem três ruas em Portugal com o nome de Maria José Estanco: São Clemente, Loulé (fig 46); Telheiras, Lisboa e Algueirão – Mem Martins, Sintra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maria José Estanco começou a sua formação académica ingressando num curso ligado ao ensino liceal, num período em que a presença feminina no ensino universitário começou a ser mais notória. Com 21 anos, viajou com a mãe para o Brasil e assistiu ao nascimento de uma nova cidade – Marília, Estado de São Paulo - um momento que foi preponderante para o seu percurso académico. Com determinação, quando regressou a Portugal, inscreveu-se no curso de Arquitetura Civil, sendo a única mulher numa turma de homens. Apesar disso, não sentiu qualquer estigma relatando alguns episódios de companheirismo com os seus colegas. Em 1942, defendeu o projeto “Um Jardim-Escola no Algarve” para a o Concurso de Obtenção do Diploma de Arquiteto - CODA, tornando-se a primeira mulher portuguesa diplomada em arquitetura. Se à época foi uma notícia bastante mediática, cuja relevância foi divulgada pelos meios de comunicação da época, a importância desta figura, na história da arquitetura, foi sendo esquecida ao longo dos anos.

Após terminar o curso, a arquiteta sempre afirmou o desejo que tinha em trabalhar na Câmara Municipal de Lisboa, o que se revelou impossível pois não poderia possuir a carta militar, à época um documento oficial apenas acessível aos homens. Fica por desmistificar que acontecimentos ocorreram na tentativa de exercer a profissão, já que não há dados que revelem a pretensão de trabalhar em ateliers ou mesmo constituir um atelier em nome próprio. Desta forma, é possível fazer duas leituras distintas dos acontecimentos ocorridos: levanta-se a hipótese da sua ambição profissional passar unicamente pelo planeamento urbano, visto que o seu gosto pela arquitetura surgiu ao presenciar o nascimento de uma nova cidade e se inscreveu em disciplinas do curso de Urbanologia ao terminar o curso de Arquitetura Civil; por outro lado, os contextos familiar e social em que Maria José viveu poderão ter sido um forte impedimento para se afirmar na profissão. Poder-se-á comparar esta arquiteta de Lisboa com Maria José Marques da Silva, diplomada em 1943 na Faculdade de Belas Artes do Porto, cujo o contexto familiar, ligado desde cedo à arquitetura, possibilitou o exercício da profissão durante toda a sua vida. Na certeza de que nunca trabalhou como arquiteta da forma que idealizou, não deixa de ser relevante mencionar o único projeto que desenhou e construiu, a pedido de uma amiga: uma casa de veraneio em São Pedro de Moel.

Maria José Estanco acabou por encontrar no ensino liceal de Desenho a sua única profissão, uma atividade que começou a desenvolver, desde cedo, enquanto frequentava o curso de Arquitetura. Foi professora em alguns liceus de Lisboa e do Porto, destacando-se o Instituto de Odivelas, onde trabalhou durante vinte e três anos até se aposentar. No entanto, o seu interesse pela disciplina da Arquitetura foi constante, mesmo no conhecimento que transmitiu às suas alunas ao longo dos anos. Complementava as suas aulas de Desenho com matérias de Desenho Geométrico e História de Arte, assim como com as experiências ganhas nas diversas viagens que fazia. Várias ex-alunas de Maria José Estanco recordam exercícios que desenvolviam nas aulas ligados à arquitetura, como por exemplo: projetar uma pequena casa, o desenho geométrico com tinta da china e noções básicas de proporção. Na época, todas elas tinham conhecimento de que Maria José era a primeira mulher diplomada em arquitetura em Portugal, sendo bastante notório o orgulho com que mencionava esse facto. A imagem de uma professora exigente, determinada e comunicativa, acabou por ser uma figura bastante marcante para todas, sendo por vezes referenciada como uma influência.

Por ser uma mulher com uma forte personalidade e um papel ativo na sociedade, durante toda a sua vida, empenhou-se em várias causas sociais, chegando a ser professora de um recluso, no Estabelecimento Prisional de Linhó. Também existem indícios de que terá tido um papel ativo no Movimento Democrático das Mulheres – MDM e no Concelho Nacional para a Paz. Apesar de, até à data, não ter sido possível localizar registos que demonstrem a dimensão e o conteúdo do seu ativismo, o facto de ter sido homenageada pelo MDM, em 1992, indica que terá desempenhado uma ação de destaque na defesa dos direitos das mulheres portuguesas.

Curiosamente, aos 81 anos, o regresso da arquiteta a Marília, foi novamente um marco na sua vida. Se na primeira visita, esta cidade fez com que a jovem Maria José Estanco ambicionasse ingressar na arquitetura, foi também aqui que, cinquenta e nove anos mais tarde, acabou por receber o devido reconhecimento e valor. O testemunho dado à Comissão Organizadora dos Registos Históricos da cidade de Marília, acabou por se tornar no único grande registo da arquiteta. Neste, fala na primeira pessoa, do tempo em que viveu na cidade e faz uma retrospectiva de toda a sua vida.

Acredita-se que a invisibilidade desta figura na história da arquitetura portuguesa acontece por não ter exercido a profissão, acabando por não deixar uma obra arquitetónica significativa. A falta de dados concretos sobre esta arquiteta e a inexistência de uma pesquisa aprofundada sobre a mesma, provam que esta investigação foi fundamental para restituir a Maria José Estanco o valor e a importância que tem na história da arquitetura em Portugal.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES II

1. Alto Cafezal, Marília 1929 . Fonte: <http://www.camar.sp.gov.br/index2.php?pag=T0RnPU9EUT1PR1k9T0dFPU9UYz1PVEE9T0RnPU9HWT1PVGc9T1dZPU9XRT0=&categoria=10&galeria=138&arquivos=t>

2. Construção da Linha Férrea, Marília 1929 . Fonte: <http://www.camar.sp.gov.br/index2.php?pag=T0RnPU9EUT1PR1k9T0dFPU9UYz1PVEE9T0RnPU9HWT1PVGc9T1dZPU9XRT0=&categoria=10&galeria=139&arquivos=t>

3. Praça Municipal, Marília 1929. Fonte: <http://www.camar.sp.gov.br/index2.php?pag=T0RnPU9EUT1PR1k9T0dFPU9UYz1PVEE9T0RnPU9HWT1PVGc9T1dZPU9XRT0=&categoria=10&galeria=139&arquivos=t>

4. Marília 1929. Fonte: <http://www.camar.sp.gov.br/index2.php?pag=T0RnPU9EUT1PR1k9T0dFPU9UYz1PVEE9T0RnPU9HWT1PVGc9T1dZPU9XRT0=&categoria=10&galeria=138&arquivos=t>

5. Plano Curricular (1929-1935) Fonte: Anexo B. Registos Escolares - Arquivo da Escola de Belas Artes de Lisboa

6. Fotografia da vista de uma rua do Bairro do Arco do Cego (1935), Lisboa. Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Disponível em: <http://lerhistoria.revues.org/docannexe/image/1413/img-6.png>

7. Planta do Atelier Maria José Estanco, Rua Gomes Leal nº 10, Lisboa. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Obra 27002 - Proc 24806-DAG-PG-1966 - Folha 4

8. Alçado Principal e Corte do Atelier de Maria José Estanco, Rua Gomes Leal nº 10, Lisboa. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Obra 27002 - Proc 24806-DAG-PG-1966 - Folha 5

9. Fotografia do Atelier de Maria José Estanco, Rua Gomes Leal nº 10, Lisboa. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Obra 27002 - Proc 508-DMPGU-OB-1999 - Folha 35

10. Fotografia da vista de rua do do Atelier de Maria José Estanco, Rua Gomes Leal nº 10, Lisboa. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Obra 27002 - Proc 508-DMPGU-OB-1999 - Folha 36

11. Perspetiva de “Um Jardim-Escola no Algarve”, Guache sobre madeira, 1942, Maria José Estanco. Fonte: Acervo do Museu João de Deus, Lisboa.

12. Planta e Alçado do Primeiro Esboço para o edifício de uma Escola Maternal, Reprodução do Autor. Fonte: Primeiro Esboço para o edifício de uma Escola Maternal [Visual gráfico] / [arq. Raul Lino] – Escala 1:100 – [Lisboa: s.n.], il., aquarela e traçado a lápis de carvão; 40x50cm. Datado e assinado por Raul Lino.

13. Planta e Alçado Principal de “Um Jardim-Escola no Algarve”, escala 1:500, Maria José Estanco Reproduções do Autor.

14. Alçados e Cortes de “Um Jardim-Escola no Algarve”, escala 1:500, Maria José Estanco Reproduções do Autor.

15. “O Diploma de Arquitecto”, Diário da Manhã 28 Junho de 1942. Fonte: Diário da Manhã 28 Junho de 1942

16. “A Primeira Architecta Portuguesa”, Jornal o Século 28 de Junho de 1942. Fonte: Jornal o Século 28 de Junho de 1942.

17. “A Primeira Senhora Portuguesa”, Diário de Notícias de Junho de 1942. Fonte: Diário de Notícias de Junho de 1942.

18. “A Primeira Architecta Portuguesa”, A Architectura Portuguesa e Cerâmica e Edificações, Junho de 1942. Fonte: A Architectura Portuguesa e Cerâmica e Edificações, Junho de 1942.

19. Fotografia Aérea da Vila de São Pedro de Moel. Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=416913>

20. Fotografia da zona balnear da Vila de São Pedro de Moel, anos 50. Fonte: https://www.facebook.com/Marinha-Grande-e-Arredores-Postais-e-Fotos-antigas-1451683738414330/photos/?tab=album&album_id=1556085554640814

21. Fotografia da Vila de São Pedro de Moel, anos 50. Fonte: https://scontent.flis5-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/10344825_1592392521010117_4322067262597118480_n.jpg?oh=daba246365ba24c27a09461880a258d9&oe=58A3EAA3

22. Fotografia da Rua Afonso Barros, Vila de São Pedro de Moel, anos 50. Fonte: https://scontent.flis5-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/12814308_1694714637444571_6348743393030479667_n.jp

[g?oh=08024636fb6dfd7e30bace2260dacb22&oe=5873B53E](https://www.flickr.com/photos/biblarte/5570386207/in/album-72157606065744190/)

23. Fotografia da Casa Projetada por Maria José Estanco, 2016, Fotografia do Autor.

24. Desenhos técnicos da “Casa em São Pedro de Moel”, escala 1:200, Reproduções do Autor.

25. Percentagem de Mulheres no Professorado. Fonte: Anuário Estatístico – Ano de 1931, Estatísticas da Educação: Ano Lectivo 1945-1946, Estatísticas da Educação: Ano Lectivo 1960-1961 e Estatísticas da Educação: Ano Lectivo 1976.

26. Quadro síntese com informação relativo aos anos em que Maria José Estanco lecionou no Ensino Público. Fonte: Registo Biografico – Ministério da Educação Pública, Liceu Rainha Santa Isabel, 1951, Porto.

27. Liceu Dona Filipa de Lencastre 1958. Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/5570386207/in/album-72157606065744190/>

28. Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho 1958. Fonte: <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=280604&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>

29. Liceu Passos Manuel 1960. Fonte: <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/ContentPage.aspx?ID=9521e77b86490001e240&Pos=1&Tipo=PCD>

30. Á direita Maria José Estanco com o filho, uma colega e uma menina, no Liceu Rainha Santa Isabel no ano de 1951, Porto. Fonte: Fotografia oferecida por Margarida Vilela, ex-aluna da arquiteta no Liceu Rainha Santa Isabel.

31. Instituto de Odivelas vista Geral dos Edifícios. Fonte: Acervo da Associação das Antigas Alunas do Instituto de Odivelas.

32. Aula de Desenho, Instituto de Odivelas. Fonte: Acervo da Associação das Antigas Alunas do Instituto de Odivelas.

33. Exercício de Desenho Geométrico lecionado por Maria José Estanco, no Compêndio de Desenho dos 4º e 5º anos, do Instituto de Odivelas. Fonte: Compêndio de Desenho dos 4º e 5º anos, do Instituto de Odivelas. Coronel Leonel Martins Vicente. Biblioteca do Colégio Militar, Lisboa.

**34. Maria José Estanco, segunda pessoa a contar da esquerda para a direita, Instituto de Odive-
las.** Fonte: Acervo da Associação das Antigas Alunas do Instituto de Odive-
las.

**35. Viagem de estudo do Instituto de Odive-
las. Maria José Estanco, na primeira fila, terceira pes-
soa a contar da esquerda para a direita.** Fonte: Acervo da Associação das Antigas Alunas do Instituto
de Odive-
las.

36. Machado da Luz (1903-1985). Retrato de Maria José Estanco Machado da Luz,

1936. Óleo sobre tela; 81 x 60,3 cm; MCM5408. Coleção Museu Carlos Machado. Proveniência: Doação
de Maria José Estanco Machado da Luz em 1999.

37. Machado da Luz (1903-1985). Retrato de Maria José Estanco Machado da Luz, 1938. Óleo so-
bre tela; 80 x 60 cm; MCM5407. Coleção Museu Carlos Machado. Proveniência: Doação de Maria José
Estanco Machado da Luz em 1999.

38. Machado da Luz (1903-1985). Retrato de Maria José Estanco Machado da Luz, sem data. Óleo
sobre tela; 21,5 x 17,5 cm; MCM5478. Coleção Museu Carlos Machado. Proveniência: Doação de Maria
José Estanco Machado da Luz em 1999.

39. Maria José Estanco, Peças em esmalte colorido, sem data. 10 x 2cm; 3cm; 2 x 2,5cm. Fonte:
peças em esmalte colorido oferecidas a Maria José Noronha, anos 70, fotografias do autor.

**40. “Decoração do Lar”, artigo da Revista Feminina Modas e Bordados, 4 de Novembro de 1962,
sem autor.**

41. Maria José Estanco, MDM – Movimento Democrático das Mulheres, sem data. Fonte: Arquivo
do MDM, Lisboa.

42. Maria José Estanco, MDM – Movimento Democrático das Mulheres, sem data. Fonte: Arquivo
do MDM, Lisboa.

**43. Entrevista a Maria José Estanco realizada pela Comissão Organizadora dos Registos Históri-
cos da cidade de Marília.** Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0qeccsx800k>

44. Maria José Estanco na Cerimónia do MDM no Castelo de São Jorge, Lisboa 1992. Fonte: Ar-
quivo do MDM, Lisboa.

45. Fotografia da família de Maria José Estanco pertencente a Maria José Noronha, sem data.

46. Rua Maria José Estanco, Loulé. Fotografia do autor.

BIBLIOGRAFIA

A Primeira Architecta Portuguesa. (Março de 1945). *A Architectura Portuguesa - Cerâmica e Edificação (Reunidas)*, 120, pp. 8-12.

A primeira arquiteta portuguesa. (1942). *O Século*, capa.

A Primeira Senhora Portuguesa. (1942). *Diário de Notícias*, s.p.

AAAIO. (s.d.). *Os azulejos do Instituto de Odivelas*. Em AAAIO. Odivelas: AAAIO, s.p.

Antunes, L. (2012). *Arquitectura: substantivo feminino, contribuição para uma história das mulheres na arquitectura*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra .

Boletim dos Architectos, O. d. (1999). Architecta Maria José Brito Estanco. *Architectos*, 71 e 72, 8.

Beauvoir, S. (1949). *O Segundo Sexo*. Bertrand.

Camurça, J. (2015). *Revista Mulheres (1978-1989): Um estudo em torno do feminismo e do comunismo*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova.

Carmo, M. d. (2012). *O Ateliê de Architectura/ Urbanismo de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva*

Martins, Visibilidade da Memória. Porto: Faculdade de Letra da Universidade do Porto.

Cine-Club, D. A. (6 de Outubro de 2007). Colóquio de Homenagem a Manuel Machado da Luz. Obtido de Blogspot: <http://abc-cineclube.blogspot.pt/2007/10/colquio-de-homenagem-manuel-machado-da.html>

Desenvolve Marília, Nossa História. (s.d.). Obtido de Wordpress: <https://desenvolvemarilia.wordpress.com/nossa-historia/>

Dias, M. G. (2011). Da militância de quem se enamora. *Jornal dos Architectos - Ser Mulher*, pp. 44-89.

Estanco, M. J. (1942). Um Jardim-Escola no Algarve. Museu João de Deus, Lisboa. doi:MJD Inv. Pint. 6

Estanco, M. J. (1986). Vídeos com Depoimentos de Pioneiros da Cidade de Marília. (C. O. Marília, Entrevistador)

Fernandes, J. M. (2003). *Português Suave, Architecturas do Estado Novo*. Lisboa: IPPAR

Figueira, J. (Março de 2010). Joelho 01, pp. 6-7.

Leiloes, O. (2014). Lot 147714013 of 147714420. Obtido de Oportunity Leiloes: <http://oportunityleiloes.auctionserver.net/view-auctions/catalog/id/771/lot/220129/?url=/view-auctions/catalog/id/771/>

Licença para construção, reconstrução ou modificação de prédios, 32/48; 605/951; 1402 (Camara Municipal de Marinha Grande 1947/48; 1952; 1983).

Lino, R. (1908). Planta e Alçado do Primeiro Esboço para o edifício de uma Escola Maternal. Museu João de Deus, Lisboa, Portugal.

Machado, S. (2011). O espaço das Mulheres na Architectura. Escola Superior Gallaecia.

Marreiros, G. M. (2000). Entrevista a Maria José Estanco. Em G. M. Marreiros, *Quem foi Quem? 200 Algarvios do século XX*. (pp. 187, 188). Lisboa: Colibri.

Milheiro, A. V. (2011 a). A mulher do Architecto. *Jornal dos Architectos - Ser Mulher*, p. 3.

Milheiro, A. V. (2011 b). Trazer a família para dentro do atelier. *Jornal dos Architectos - Ser Mulher*, pp. 108-110.

Miranda, E. J. (2013). *LIBERDADE E ORTODOXIA, Infraestruturas de arquitetura moderna em Moçambique (1951-1964)*. Guimarães: Universidade do Minho - Escola de Arquitectura .

Neves, J. (2015). **Documento 3 A CIDADE, O PORTO E A ARTE: RESIDÊNCIA ARTÍSTICA EM SINES - Programa e Faseamento do trabalho**. Enunciado Vertente Prática PFA 2015/2016. Lisboa. s.p.

O Diploma de Architecto. (1942). *Diário da Manhã*, s.p.

Pedrosa, P. S. (2010). *Being a Female Architect in Portugal: A short Introduction to a Long Road*. Guimarães.

Pedrosa, P. S. (2013). Architects Portugal (depuis le début du xx siècle). Em A. F.-G. Béatrice Didier, *Le Dictionnaire Universel des Créatrices* (Vol. 1, pp. 244-1457-2794). Paris.

Pedrosa, P. S. (3 de 2013). *Arquitectura Profissão e Emprego*. Lisboa.

Pedrosa, P. S. (2014). *ARQUITECTAS: ENSAIO PARA UM MANUAL REVOLUCIONÁRIO*. Obtido de *Arte-capital*: http://www.artecapital.net/arq_des-114-arquitectas-ensaio-para-um-manual-revolucionario

Pedrosa, P. S. (2014). Women architects in Portugal. A long and winding road. Em N. Á. (ed.), *Women Architects. Redefining the Practice 1st International Symposium on Architecture and Gender* (pp. 99-112). Sevilla: ETSAS-Universidad de Sevilla.

Portela, R. (2013). *Feminino Tropical: Maria Emília Caria e o Urbanismo no Ultramar*. Lisboa: ISCTE-IUL.

Portugal, M. d.-G. (1985). Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941. Em M. d.-G. Portugal, *Muitos anos de escolas* (p. 376). Lisboa: Ministério da Educação e Cultura.

Quinta, E. S. (2010). *São Pedro de Moel - Um Refúgio Moderno*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Regeneração Urbana de Sines - "Porto do Alentejo" In Sines. Roteiro do Centro Histórico [Documento icónico].

Rosas, F., & Brito, J. M. (1998). *Dicionário de História do Estado Novo* (Vol. I e II). Bertrand.

Tavares, M. (2010). *Feminismos: Percursos e Desafios (1947-2007)*. Alfragide, Portugal: Teto Editores, Lda.

Tostões, A. (2004). *Construção moderna: as grandes mudanças do século XX*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.

ANEXO A

Maria José Estanco - Cronologia



VIDA E OBRA

1905. Maria José Brito Estanco nasce a 26 de Março no Sítio dos Quartos, em Loulé.

1910. O pai vai viver para o Brasil.

1922. Maria José muda-se para Lisboa com a mãe e começa o Curso de Habilitação para o Magistério de Desenho.

1926. Faz o Exame de Estado do 9º grupo de Ensino Liceal e termina o curso. No mesmo ano inscreve-se no Curso de Pintura.

1927. Interrompe o curso e viaja com a mãe para o Brasil, assistindo assim ao nascimento da cidade de Marília.

1929. Regressa a Portugal e matricula-se no 1º ano do Curso Especial de Arquitetura Civil. Neste ano Maria José e o pintor Machado da Luz casam-se e vão morar para Belém.

1930. Matricula-se no 2º ano.

1931. Matricula-se no 3º ano.

1932. Matricula-se no 4º ano.

1934. Começa a lecionar no Liceu D. Filipa de Lencastre.

1935. Termina a parte curricular do curso e é transferida para o Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho.

1936. Começa a dar aulas no Liceu Passos Manuel.

1939. Pede admissão às provas do CODA.

1940. Exposição do Mundo Português.

1942. O filho Manuel Machado da Luz nasce em Março e a família vai morar para a Rua de Ponta Delgada, Lisboa. Quatro meses depois defende o projeto de “Um Jardim-Escola no Algarve”, tornando-se assim a primeira arquiteta portuguesa. Em Setembro volta a dar aulas no Liceu de Lencastre.

1945. O projeto que apresentou no CODA é publicado na revista A Arquitetura Portuguesa.

1947. O arquitecto Lima Franco desenha um plano de urbanização para São Pedro de Moel, no mesmo ano a arquiteta projeta uma casa de férias nessa vila. Viaja para o Porto onde entra como professora efectiva no Liceu Rainha Santa Isabel.

1948. Conclusão do Projeto.

1952. É convidada para dar aulas de Desenho no 6º grupo do Instituto de Odivelas.

1958. Maria José viajou para Espanha e França durante dois meses.

1961. Dirigiu um trabalho de restauro de azulejos no Instituto de Odivelas realizado pelas alunas.

1962. Maria José viajou para Espanha.

1965. Durante o fim de Julho e o mês de Agosto, faz uma turística para França, Suíça, Alemanha Ocidental, Bélgica, Holanda e Inglaterra.

1967. Maria José visitou França, Bélgica, Holanda In-

glaterra, Dinamarca, Suécia, Noruega e Finlândia.

1968. Viaja para Holanda, França, Inglaterra e Irlanda.

1969. No fim de Julho viaja para Espanha, Brasil e Argentina, regressou em Setembro.

1974. Revolução dos Cravos, 25 de Abril

1975. Maria José aposentação do Instituto de Odivelas.

1981. A FDML, organizou uma Conferência Mundial das Mulheres, em Praga, onde a arquiteta participou como ativista do MDM.

1985. Faleceu o marido Machado da Luz.

1986. Regressa a Marília, onde é entrevistada pela Comissão Organizadora dos Registos Históricos de Marília e recorda vários episódios do tempo em que morou no Brasil. Em Março participa numa exposição organizada pelo MDM onde apresenta algumas das suas joias em esmalte.

1992. O Concelho Nacional do MDM, atribui-lhe a Medalha de Distinção de Honra do MDM, no Castelo de São Jorge, Lisboa.



1997. Manuel Machado da Luz, faleceu por uma doença súbita.

1999. A Presidente do AO Olga Quintanilha ofereceu à primeira arquiteta portuguesa o Diploma de Arquitecto do ano de 1942. Maria José Estanco morre a 30 de Setembro.

ANEXO B



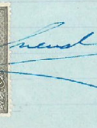
Registos Escolares - Arquivo da Escola de Belas Artes de Lisboa



1



José Virgas Laura, médica - cirurgiã
 filha de Sr. Maria - Cirurgiã de São
 Lourenço etc.
 Atesto, pela minha honra profissio-
 nal, que a Sr. Maria José
 Brito Branco, foi revaccinada
 na menor de sete annos e não
 sofre de moléstia contagiosa, o
 que, por ser verdade e a pedida
 confirmação com o presente que
 apesoa
 Lisboa 4 de Setembro de 1923
 José Virgas Laura
 1923
 Recombaya a assignatura supra.
 Lisboa 10 de Outubro de 1923
 V. B. P.

Maria M. L. 57
 R. Av. ... 57

Em cumprimento do despacho, retro qualifica
 que Maria foi Brito Branco, no ano lectivo de
 1922, se inscreveu no curso de Mathematicas
 practicas e tendo sido habilitada a fazer exame.
 Consta de livro respectivo, a ficha seguinte: —
 Fizer que no referido anno lectivo se inscreveu no
 curso de Mathematica de primeira e segunda terminação
 tendo frequentado os respectivos trabalhos pra-
 cticos e tendo sido habilitada a fazer exame.
 Consta de livro respectivo, a ficha seguinte: —
 As presentes não foram dadas com o selo branco
 d'esta Faculdade.
 Secretaria da Faculdade de Sciencias da Univer-
 sidade de Lisboa 10 de Outubro de 1923
 O Presidente



2







PASSE EM TERMOS
 Faculdade de Sciencias
 LISBOA 10 de Outubro de 1923
 O Director
 Maria José Brito Branco
 e de Sciencias da Universidade de
 Lisboa

Maria José Brito Branco filha de Joaquim
 Francisco Brito Branco, natural de Loulé,
 sendo conhecido as frequencias de Ma-
 thematicas de primeira e segunda terminação
 e inscricoes de curso de habilita-
 ção para o magisterio liceal de
 dezembro

Dele ca. V. B. P. dige
 quando pagou os respectivos
 certificados

Lisboa 10 de Outubro de 1923
 Maria José Brito Branco

Recombaya a assignatura supra, alia retro.
 Loulé, 7 de Outubro de 1923.
 Joaquim Francisco Brito Branco
 José





3

Registo Civil da República Portuguesa

Mês 1905
Livre 91
Folha 42

Certidão de nascimento


Francisco Xavier de Barros
filho de *Luís*

Certifico que dos livros de registos de nascimento arquivados nesta Repartição referentes ao ano de 1905, consta que no dia *cinco* do mês de *maio* do ano de mil *novecentos e cinco* na freguesia de *São Clemente* desta *cidade* nasceu um indivíduo do sexo *masculino* a quem foi dado o nome de *Francisco* filho de *Luís* e *Francisca* nascidos em *São Clemente* e *São Clemente* respectivamente.

CONTA
Valor em . . . 100
Em . . . 500
Total . . . 600

Por ser verdade se passou esta certidão que conferi e assino.
Repartição do Registo Civil de *São Paulo*
de *dois* de *setecentos e vinte e dois*.

O *Director* do Registo Civil,
Luís



Modelo 50 de Códico A Série, L. 64-3, São Paulo, 1917-18.

4

Deposito Escola de Trocas
Lisboa 6 de Junho de 1924
Director
A. Rodrigues

Luís

Luís
Director do Registo Civil
de *São Paulo*

Maria José Baptista, filha de *Francisco*
Francisco e *Francisca*, nascida de *São Paulo*
no dia *cinco* do mês de *maio* do ano de
mil *novecentos e cinco* na freguesia
de *São Clemente* desta *cidade*
nasceu um indivíduo do sexo *masculino* a quem foi dado o nome
de *Francisco* filho de *Luís* e *Francisca* nascidos em *São Clemente*
e *São Clemente* respectivamente.

Por ser verdade se passou esta certidão que conferi e assino.
Repartição do Registo Civil de *São Paulo*
de *dois* de *setecentos e vinte e dois*.

O *Director* do Registo Civil,
Luís

Lisboa, 6 de Junho de 1924
Maria José Baptista

5

Deposito Escola de Trocas
Lisboa 6 de Junho de 1924
Director
A. Rodrigues

Luís

Luís
Director do Registo Civil
de *São Paulo*

Maria José Baptista, filha de *Francisco*
Francisco e *Francisca*, nascida de *São Paulo*
no dia *cinco* do mês de *maio* do ano de
mil *novecentos e cinco* na freguesia
de *São Clemente* desta *cidade*
nasceu um indivíduo do sexo *masculino* a quem foi dado o nome
de *Francisco* filho de *Luís* e *Francisca* nascidos em *São Clemente*
e *São Clemente* respectivamente.

Por ser verdade se passou esta certidão que conferi e assino.
Repartição do Registo Civil de *São Paulo*
de *dois* de *setecentos e vinte e dois*.

O *Director* do Registo Civil,
Luís

Lisboa, 6 de Junho de 1924
Maria José Baptista

6

Deposito Escola de Trocas
Lisboa 6 de Junho de 1924
Director
A. Rodrigues

Luís

Luís
Director do Registo Civil
de *São Paulo*

Maria José Baptista, filha de *Francisco*
Francisco e *Francisca*, nascida de *São Paulo*
no dia *cinco* do mês de *maio* do ano de
mil *novecentos e cinco* na freguesia
de *São Clemente* desta *cidade*
nasceu um indivíduo do sexo *masculino* a quem foi dado o nome
de *Francisco* filho de *Luís* e *Francisca* nascidos em *São Clemente*
e *São Clemente* respectivamente.

Por ser verdade se passou esta certidão que conferi e assino.
Repartição do Registo Civil de *São Paulo*
de *dois* de *setecentos e vinte e dois*.

O *Director* do Registo Civil,
Luís

Lisboa, 6 de Junho de 1924
Maria José Baptista

Deposito. Escola de Pedagogia de Lisboa 7 de Setembro de 1924 Director J. Abreu

7

M. J. Soares Director da Escola de Ped. de Lisboa

Maria J. Brito Brito, aluna do 2º ano do curso preparatório das C. de C. e de 1º ano de Ciências de Lisboa, segue a V. Ex.ª de sup. admitida a matrícula na 1ª turma de 1º ano de 1924.

Fidei defuncto

Lisboa 6 de Setembro de 1924
Maria J. Brito Brito

Deposito. Escola de Pedagogia de Lisboa 8 de Outubro de 1924 Director J. Abreu

8

M. J. Soares Director da Escola de Ped. de Lisboa

Maria J. Brito Brito, aluna do 1º ano de 1924, filha de Joaquim Francisco Brito, natural de Loulé, licenciado em Direito na R. de S. Carlos de 1912, seg. de 1º ano de Ciências de Lisboa, segue a V. Ex.ª de sup. admitida a matrícula na 2ª turma de 1924.

Fidei defuncto

Lisboa 7 de Outubro de 1924
Maria J. Brito Brito

Deposito. Escola de Pedagogia de Lisboa 15 de Outubro de 1924 Director J. Abreu

9

M. J. Soares Director da Escola de Ped. de Lisboa

Maria J. Brito Brito, aluna do 2º ano de 1924, filha de Joaquim Francisco Brito, natural de Loulé, licenciado em Direito na R. de S. Carlos de 1912, seg. de 1º ano de Ciências de Lisboa, segue a V. Ex.ª de sup. admitida a matrícula na 2ª turma de 1924.

Fidei defuncto

Lisboa 7 de Outubro de 1924
Maria J. Brito Brito

Deposito. Escola de Pedagogia de Lisboa 11 de Junho de 1925 Director J. Abreu

10

M. J. Soares Director da Escola de Ped. de Lisboa

Maria J. Brito Brito, aluna do 2º ano de 1924, filha de Joaquim Francisco Brito, natural de Loulé, licenciado em Direito na R. de S. Carlos de 1912, seg. de 1º ano de Ciências de Lisboa, segue a V. Ex.ª de sup. admitida a matrícula na 2ª turma de 1924.

Fidei defuncto

Lisboa 11 de Junho de 1925
Maria J. Brito Brito

Defeito. Escola de Politécnica
de Lisboa. 13 de Setembro de 1925

Director
Antonio de S. O. Silva

138211

Ex. Sr. Director da Escola
de Belas Artes de Lisboa

Maria José Brito Estanço de 24
anos de idade, filha de Joaquim
Francisco Estanço e residente
no Bairro de S. João de P. (Lisboa),
onde concluiu o Curso preparatório
de 1.ª e 2.ª classes e de seguida
o curso de 1.ª e 2.ª classes de
Belas Artes, tendo sido
admitida para o curso de 3.ª
classe de 1924.

Com os melhores cumprimentos

Lisboa 6 de Setembro de 1925

Maria José Brito Estanço

Defeito. 4/10/25

Director
João de S. O. Silva

Ex. Sr. Director da Escola
de Belas Artes de Lisboa

Maria José Brito Estanço de 24
anos de idade, filha de Joaquim
Francisco Estanço natural de Lisboa,
residente no Bairro de S. João de P.
de Lisboa em Belém, de seguida
concluiu o curso de 1.ª e 2.ª classes
de Belas Artes e de seguida
o curso de 3.ª classe de 1924.

Com os melhores cumprimentos

Lisboa, 25 de Setembro de 1925

Maria José Brito Estanço

Defeito
O Director
João de S. O. Silva
4/10/25

Ex. Sr. Director da Escola
de Belas Artes de Lisboa

Maria José Brito Estanço de 25 anos
de idade, filha de Joaquim Francisco
Estanço natural de Lisboa, residente
no Bairro de S. João de P. de Lisboa,
onde concluiu o primeiro ano do curso
especial de Arquitectura Civil e de
seguida o segundo.

Com os melhores cumprimentos

Lisboa, 22 de Setembro de 1925

Maria José Brito Estanço

Defeito
O Director
João de S. O. Silva
1 out. 1925

Ex. Sr. Director da Escola
de Belas Artes de Lisboa

Maria José Brito Estanço, natural de
Lisboa, filha de Joaquim Francisco Estanço,
residente no Bairro de S. João de P. de Lisboa,
onde concluiu o curso de 1.ª e 2.ª classes
de Belas Artes e de seguida o curso
especial de Arquitectura Civil e de
seguida o segundo.

Com os melhores cumprimentos

Lisboa, 19 de Setembro de 1925

Maria José Brito Estanço

17

Deflect
10.10.32

[Postmark: LISBOA 10.10.32]

Senhor Superior Director da
Comissão de Belas Artes de Lisboa

Maria Inês Brito Estanós, natural de Belem,
filha de Joaquim Francisco Estanós de 27
anos, residente em Lisboa, freguesia de Figueiredo,
16 rua Belem, tendo concluido com
aprovação as cadeias de
2º curso do Curso Especial de Regi-
stração Civil, decipando matricula-
se nas cadeias de 1º curso de Regi-
stração e decipando com dispensa da
de pagamento de propinas por
ter obtido a quota de classificação
com propinas ao fim de lei.

Sede a V. Ex.ª deferimento

Lisboa, 10 de Outubro de 1932

Maria Inês Brito Estanós

18

[Postmark: LISBOA 10.10.32]

Muito juve, euana José
Brito Estanós, de 27 annos de
idade, estudante, morador
no Largo do Figueiredo nº 16 -
rua do choro, filha de Joaquim
Francisco Estanós e de Maria
da Conceição Brito Estanós,
natural de Belem, freguesia de
São Clemente, districto de Faro,
é pobre e provido de uma da im-
cação do pagamento das propinas,
para efeitos escolares. E, por
ser verdade e me ser feitura,
passo o presente atestado, que
firmo e autentico como se lo
branco, em meo, nella, Repre-
sentação de Belem.

Lisboa, 30 de Novembro de 1932

O Regedor

[Postmark: LISBOA 30.11.32]

Lauro *[Signature]*

15

Supra a carta nas fessura
a matricula

[Postmark: LISBOA 23.10.32]

Senhor Superior Director da
Comissão de Belas Artes de Lisboa

Maria Inês Brito Estanós, filha de
Joaquim Francisco Estanós, natural
de Belem, de 26 annos de idade,
residente no Largo do Figueiredo, 16
rua Belem, tendo concluido a matricu-
lação em 3º curso do Curso Especial de
Arquitectura Civil decipando a escola e pro-
vendo com documento justo que é pobre
e, tendo obtido nos ultimos annos matricu-
lação em 1º curso de Regi-
stração Civil, refere a V. Ex.ª por ter
obtido a quota de classificação de
qualquer propina de 3º curso.

Sede a V. Ex.ª deferimento

Lisboa, 23 de Outubro de 1932

Maria Inês Brito Estanós

16

[Postmark: LISBOA 23.10.32]


A Comissão Administrativa da Junta
da Freguesia de Belem, atenta que affirma
que Maria Inês Brito Estanós de 26 annos de idade
habendo concluido a matricu-
lação em 3º curso do Curso Especial de
Arquitectura Civil decipando a escola e pro-
vendo com documento justo que é pobre e, tendo
obtido nos ultimos annos matricu-
lação em 1º curso de Regi-
stração Civil, refere a V. Ex.ª por ter
obtido a quota de classificação de
qualquer propina de 3º curso.

Sede a V. Ex.ª deferimento

Lisboa, 23 de Outubro de 1932

Maria Inês Brito Estanós

19




Depluio.
 C. de Belas Artes, Lisboa, 10. out. 33 de Belas Artes de Lisboa
 Director

Maria Joze Brito Esteves, de 23 annos de idade, natural de Beaulieu, filha de Joaquim Francisco de Esteves, residente no campo de S. Francisco, 16 esse Belem, tendo concluido o 2º anno do curso de arqui.itectura Civil, com aproveitamento da cadeira de Construcao Civil e decisaõ de quatro annos e nos quatro annos de diversos cursos e assignaturas na Cadeira de Construcao Civil.

Depe a V. Ex.ª de S.ª para a Direccao de Belas Artes de Lisboa, 10 de Setembro de 1933
 Maria Joze Brito Esteves

Bilhete de identidade nº 51084-7 de 29-11-732

20




Deferido
 Escola de Belas Artes de Lisboa, 20 de Setembro de 1934.
 Director
 S.ª de Belas Artes de Lisboa

Maria Joze Brito Esteves, filha de Joaquim Francisco de Esteves, natural de Beaulieu, tendo frequentado esta Escola nos annos lectivos 1931 e 1932, tendo concluido o curso de arqui.itectura Civil de 5º anno de cursos especiais de arqui.itectura e na cadeira de de Construcao Civil de 4º anno de diversos cursos e assignaturas a referida assignatura.

P.D.

Lisboa, 13 de Setembro de 1934
 Maria Joze Brito Esteves

30 Março 32




Deferido, em vista da concordancia da Comissao do juri.º do programa apresentado, 1/4/942.
 30 Março 32
 1/6/942

Maria Joze Brito Esteves, de 37 annos de idade, filha de Joaquim Francisco de Esteves, natural de Beaulieu, natural da Vila de Beaulieu, tendo frequentado esta Escola nos annos lectivos 1931 e 1932, tendo concluido o curso de arqui.itectura Civil de 5º anno de cursos especiais de arqui.itectura e na cadeira de de Construcao Civil de 4º anno de diversos cursos e assignaturas a referida assignatura.

P.D.

Lisboa, 30 de Março de 1942
 Maria Joze Brito Esteves

22



Carlos Joze Chaulen Ramos, arqui.º diplomado pela Escola de Belas Artes de Lisboa tendo que Maria Joze Brito Esteves testatorem a sua direccao desde Setembro de 1939 ate a presente data com zelo e competencia profissional.
 Lisboa, 28 de Março de 1942

Carlos Joze Chaulen Ramos
 Director da Escola de Belas Artes de Lisboa
 Lisboa, 28 de Março de 1942

P.D.

Lisboa, 28 de Março de 1942
 Carlos Joze Chaulen Ramos



23

Maria José Brito Esteves, tendo concluído os seus estudos de 1934-1935 o Curso Especial de Arquitectura Civil da Escola de Belas Artes de Lisboa, tem a honra de apresentar à apreciação de V. Ex.ª um conjunto de projetos para obtenção do Diploma de Arquitecto o seguinte programa:

Trecho de se construído no Algarve, um dos quintais cívicos, um jardim de casa para três crianças de ambos os sexos, etc. etc. etc. cuja construção e pintalacões deverão obedecer às seguintes condições pedagógicas, higiénicas e económicas. Ocupar-se de se fazer: fati-
vels médios, mobiliário para professores e alunos, lavatos, W.C., caluário, sala de refeições, quarto de isolamento, sala de aula, sala de desporto e Vestibulo Naumain, piscinas, docub e outras dependências accesorias. Desemvolva-se esta construção num dos pavilhões.

O projecto consta das seguintes peças desenhadas:

Concordo inteiramente com o programa apresentado pelo candidato em nome de Diploma e Regimento
20/3/42
O Prof. Dr. Ricardo
de O. S. Silva

- 1) Planta geral, plantas das fundações, colunas, candelários e esportões e planta de pavimentos.
 - 2) Quartos alcobas
 - 3) Dois Cochos
 - 4) Detalhes de alvenaria e cossalheira
 - 5) Detalhes de carpintaria.
 - 6) Um Perspectiva
- a) planta geral com a escala de 1/50 e os detalhes a escala de 1/20. 7.8.42.
as outras peças serão apresentadas a escala de 1/100.
- Deseritas:
- a) Orçamentos
 - b) Cadenas de medidas
 - c) memoria descriptiva

Lisboa, 30 de Março de 1942
Maria José Brito Esteves

Concordo
31/3/42

Deferido
6/7/42
O Director

24
Entregue o diploma em 7.7.42.
p. 1.

20
M. José Brito Esteves
de Belas Artes de Lisboa

Maria José Brito Esteves, filha de Joaquim Francisco de Esteves natural de Loulé de 37 anos de idade, portador do bilhete de identidade número 841604 de 27 de Novembro de 1937, e Arquivo de Identificação de Lisboa, residente na Rua Santa Helena, 63, 2.º andar, em Lisboa, tendo feito como aluno o curso de Arquitectura de Lisboa, tendo obtido o diploma de Arquitecto, refere que V. Ex.ª se digna conceder-lhe passar este diploma com o valor de 300.000 pes. a apresentar.

Falei deferimento

Lisboa, 6 de Julho de 1942
Maria José Brito Esteves

Deferido
6/7/42
O Director

25

20
M. José Brito Esteves
de Belas Artes de Lisboa

Maria José Brito Esteves, filha de Joaquim Francisco de Esteves, natural de Loulé de 37 anos de idade, portador do bilhete de identidade número 841604 de 27 de Novembro de 1937, e Arquivo de Identificação de Lisboa, residente na Rua Santa Helena, 63, 2.º andar, em Lisboa, tendo feito como aluno o curso de Arquitectura de Lisboa, tendo obtido o diploma de Arquitecto, refere que V. Ex.ª se digna conceder-lhe passar este diploma com o valor de 300.000 pes. a apresentar.

Falei deferimento

Lisboa, 6 de Julho de 1942
Maria José Brito Esteves

Recib. o documento tal dos. P. out
another official

María José Estanco Estanco

permut.	-18	18		
Interceção	12	-		
Arquit. 1.º cla.	14	13	14	13
Matemática	-19	17		
Arquit. 2.º	12	14	12	14
Perf. pint.	-16	-14		
Hist. Art.	-16	14		
Matemática	-19	19		
Arquit. 3.º	14	14	14	14
Comp. Desinat.	14	14		
Hist. Arte.	-18	14		
Perf. pint.	-17	17		
Arquit. 4.º	12	14	12	14
Truque	-17	17		
Arquit. 5.º	14	14	14	14
Contabilidade	-15	15	66	15
	252			132
	92	157		
	12	a 16 val.		

27

Superior
 Director
 do Ensino de Belas Artes de Lisboa

20 Setembro 1941

Ex. Sr. João Estanco, com o diploma de Arquitecto da Escola de Belas Artes de Lisboa, filha de Joaquim Francisco do Estanco, natural de Lauro, residente em Lisboa na rua Fontana Delgada, 68, 2.º Esquerdo, portador do Bilhete de Identidade nº 200014-17 do Arquivo de Identificação de Lisboa de 26 de Novembro de 1942, refere a V. Ex.ª se deseja para a admissão de matrícula nos Cursos de Urbanismo por me presente aos livros.

Ex. Sr. Estanco
 Lisboa, 20 de Setembro de 1941
 João José Brito Estanco

ANEXO C

Entrevista a Maria José Estanco realizada pela Comissão Organizadora dos Registos Históricos da cidade de Marília, Brasil.

ENTREVISTA A MARIA JOSÉ ESTANCO EM 1986, MARÍLIA

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0qeccsx800k>

A Comissão Organizadora dos Registos Históricos da cidade de Marília recolhe hoje registos importantes o depoimento de Maria José Brito Estanco Machado da Luz, ela chegou aqui a Marília em 1927, nos primórdios de Marília.

Comissão Organizadora dos Registos Históricos - Eu perguntava a D. Maria José se foi exatamente em 1927 que a senhora chegou aqui a Marília?

Maria José Estanco – Eu não posso precisar exatamente mas julgo que foi em 1927, já se passaram tantos anos que é um bocado difícil, mas acho que foi em 1927. Tinha-se acabado de fazer de fazer a queima do mato e estavam-se a abrir as primeiras ruas.

CORH – E porque é que a senhora veio para Marília?

MJE – Vim para Marília porque eu vivia na fazenda de São Bento com o meu cunhado e a minha irmã.

CORH – O nome do seu cunhado?

MJE – Francisco Pereira Milreno, que era administrador ou qualquer coisa parecida do Bento Abreu Sampaio Vidal e então claro que comecei a acompanhar isto porque me entusiasmei e interessei, e de vez em quando vinha a Marília, fui vendo sucessivos aumentos das sucessivas coisas. Eu lembro-me que uma vez, para vir aqui de São Bento a Marília 80km levei dois dias para chegar.

CORH – A senhora vinha de carroça?

MJE – Não vim num camião, mas houve uma chuvada muito grande, o camião atolou-se e foi preciso vir umas juntas de bois para tirar o camião da lama. Eu dormi na casa de um fazendeiro qualquer e depois quando cheguei a Marília até vinha com umas calças do fazendeiro, que me davam duas vezes a volta á volta do corpo, parecia uma donzela raptada. Mas era verdade eu parecia uma donzela raptada, ainda me lembro de estar sentada no chão sobre um cobertor com um guarda-chuva aberto, eu e uma garotinha que vinha comigo, a tentarmos esperar que depois tirassem o camião da lama e que conseguíssemos chegar a Marília.

CORH – D. Maria José quando a senhora chegou a Marília quem foi a família que recebeu a senhora?

MJE – Era a minha família.

CORH – E a senhora lembra-se de outras pessoas que estavam morando aqui?

MJE – Não, não me lembro. Julgo que nessa ocasião quando eu vim pela primeira vez só alguns operários é que viviam cá, era gente muito estranha vinda de vários estados com pronúncias brasileiras muito diferentes. Os primeiros como sabe numa nova cidade são pessoas de toda a parte, isso eu tive a ocasião de observar muitas vezes, eu vim justamente sempre ter com a minha família.

CORH – Vamos recordar um pouquinho, voltar a 1927 a senhora conseguiria localizar hoje a fazenda São Bento, onde era a fazenda São Bento?

MJE – Localizar eu sei que ficava a 80 km de Marília, porque eu levei dois dias a passar esses 80 km, bom isto aqui era o Alto Cafezal.

CORH – Não se chamava Marília ainda?

MJE - Não se chamava, mas já se começava a pensar que havia de ser Marília porque o Bento de Abreu já tinha pensado que essa devia ser a designação da estação com a letra M de Marília.

CORH – Era a companhia Paulista de Estradas de Ferro.

MJE – Estradas de Ferro Noroeste.

CORH – Vamo-nos situar, aqui é a Avenida Sampaio Vidal, a senhora lembra da Rua Prudente Moraes?

MJE – Não, não me lembro de nada.

CORH – A Igreja de Santo António a senhora lembra?

MJE – Não, eu só não me lembro porque não estava nada disso feito. A única coisa que me lembro, por exemplo, a capelinha onde estava o Santo António que há uma fotografia onde eu até estou, no lançamento da primeira pedra e deu-se missa na capelinha de São Bento por um padre, que era o Padre Cristina que eu tenho impressão que até era algarvio ou descendente de algarvios.

CORH – O Padre Cristina era da Igreja de Santo António ou da Igreja de São Bento?

MJE – Isso eu não me lembro, eu acho que nessa altura não havia Santo António só São Bento, não havia duas paróquias.

CORH – Eu vou tentar situar para a senhora, quando Marília começou exatamente foi o loteamento do Alto Cafezal que se situa do lado da Igreja de Santo António ou seja da Avenida Sampaio Vidal em direção á Avenida de Santo António, as terras de Bento Abreu é da Avenida Sampaio Vidal á Santa Casa. Esta igreja que a senhora localiza é a baixo da Santo António em direção á estação de ferro?

MJE – Isso é muito difícil de dizer, porque sabe que eu tenho 81 anos e já passaram muitos anos depois disso, porque eu era uma garota.

CORH – Nós estamos tentando localizar o local para a senhora conseguir realmente reconstruir a história de Marília, para nós são muito importantes esses dados que a senhora está nos fornecendo.

MJE – Eu sei que na igreja de São Bento, o Bento Sampaio Vidal mandou para cá uma imagem que eu lembro-me de estar aqui quando foi recebida. Era uma imagem em tamanho sobrenatural, era grande e tinha feito uma espécie de cabana muito pequenina onde mal cabia a imagem e muito naturalmente ela estava situada na terra de Sampaio Vidal.

CORH – A senhora conheceu Bento de Abreu?

MJE – Conheci o Bento de Abreu.

CORH – Toda a família?

MJE – Não só conheci um filho, o Paulo.

CORH – Ele ainda está vivo.

MJE – Ainda está vivo? Tem graça. Conheci ainda o Joaquim Mendes, que até há um retrato em que eu estou no lançamento da primeira pedra. Estou eu e vejo o Joaquim lá e conheci o Culoves, era ainda um garoto um rapazinho de dezasseis anos ou dezassete anos.

CORH – A senhora fala no Culoves.

MJE- Mas quem eu conhecia principalmente era o Paulo, porque eu ia a fazenda. Quando o meu cunhado se transferiu para aqui eu fiquei guarda livros da fazenda de São Bento. Não tinha preparação nenhuma para isso, eu vinha de uma Escola de Belas Artes onde era meu cunhado se transferiu para aqui eu fiquei

guarda livros da fazenda de São Bento. Não tinha preparação nenhuma para isso, eu vinha de uma Escola de Belas Artes onde era estudante de Pintura, mas sabe que a gente adaptasse a tudo quando se quer adaptar. O meu sobrinho, o filho mais velho, era guarda-livros do meu cunhado, também foi para Marília e então precisavam de alguém que ficasse ali. O meu cunhado que não acreditava nas mulheres por acaso acreditava em mim e começou-me a ensinar, e depois era ver a vaidade dele a dizer que em oito dias me tinha deixado passar os livros a limpo, logo diretamente tudo, porque eu realmente entrei bem naquilo. Era natural, porque já na altura tive uma cadeira na Escola Politécnica e na Faculdade de Letras de Lisboa, de maneira que é natural que me adaptasse a qualquer coisa que eu me quisesse habituar. E eu tenho-me habituado ao longo da minha vida a adaptar-me as situações.

CORH – D. Maria José a senhora lembra de alguns amigos da época?

MJE – Não, não me lembro. Eu dei-me com muito pouca gente, vinha para casa da minha irmã que era uma casa de madeira. Lembro-me muito bem da casa em São Bento e aqui em Marília não me lembro, só sei que era de madeira, onde nasceu a minha sobrinha e a minha mãe também esteve cá.

CORH – O que marcou a vida da senhora aqui em Marília? O que é que ficou guardado como lembrança profunda?

MJE- O que ficou guardado foi o espanto de ver nascer do mato uma cidade. O espanto foi tão grande e o entusiasmo foi tão grande, como as pessoas podem ter com a criação do mundo. Eu senti a criação do mundo ao criar-se esta cidade, tão fascinante que eu estava a tirar o curso de Pintura, quando voltei para Portugal eu disse - eu vou ser arquiteta. E fui arquiteta. É claro que não me devia ter entusiasmado muito porque o Meiller não era arquiteto era engenheiro, muito simpático e bom rapaz, mas na minha opinião não era uma alta mentalidade. Até porque na minha opinião eu tinha uma cultura maior que a dele e sobretudo o meu cunhado gostava muito que nós falássemos um com o outro, ele queria prender-me ao Brasil e se eu me casasse com o Meiller eu ficava cá, mas eu não me casei. Tinha o meu marido á espera lá em Portugal.

CORH – O dia, o mês e o ano em que a senhora nasceu? E em que cidade?

MJE – Eu vou-lhe dizer, nasci no dia 26 de Março de 1905, não é numa cidade no campo, naquilo que chamam de uma fazenda chamado o Sitio dos Quartos da freguesia de São Clemente do conselho de Loulé. Eu nem sequer sou da cidade, eu sou como se diz lá na minha terra montanheira, nasci no monte,

no campo.

CORH – E a formação da universidade da senhora? A senhora fez em Portugal?

MJE – Fiz toda em Portugal, eu fiz o liceu em Faro que era a capital do Algarve, era e é. Fiz o liceu em Faro, o sétimo ano, e depois vim para Lisboa para a Universidade para as Belas Artes.

CORH – Qual universidade de Lisboa?

MJE – Na Universidade de Lisboa frequentei a Escola Politécnica, frequentei a Faculdade de Letras e a Escola de Belas Artes que é hoje a Escola Superior de Belas Artes.

CORH – Arquitetura?

MJE – Arquitetura, primeiro frequentei-a como Pintura depois dois anos depois quando voltei já fui para Arquitetura.

CORH – E a senhora estava-nos contanto que a senhora foi a primeira arquiteta portuguesa.

MJE – Fui e tive muitas aflições por causa disso. Não dos meus colegas que por acaso só tive um que era, como agora se costuma dizer, machista. Só um, de resto eram todos meus amigos. E como eu sabia mais de matemática, visto que eu tinha a matemática na Escola Politécnica, tinha a geometria descritiva da Escola Politécnica, estava capaz de lhes ensinar coisas a eles. Eramos todos muito amigos e trocávamos fontes de estudo uns com os outros, tudo muito bem. Agora quando acabei arquitetura é que o caso foi mais sério, porque eu quis arranjar um emprego fixo que era ir para a Câmara de Lisboa e não me deixaram ir para a Câmara de Lisboa porque eu não tinha a Caderneta Militar. Porque como não havia arquitetas era só arquitetos, e os arquitetos tinham de ter a Caderneta Militar e eu não tinha, não podia ir. Sabe que foi por minha causa que se formou a palavra “arquiteta”. Não queriam que eu fosse “arquitecta”, queriam que eu fosse a “senhora arquitecto”. Eu disse sempre não. Os femininos dos cabos terminados em “o” transformam-se em “a”, ora “arquitecto” passar a ser “arquitecta” e eu sou arquiteta nunca escrevi outro nome. É claro que isto irritou muita gente mas eu tive muitas pessoas amigas ao mesmo tempo. Por exemplo marcaram a minha defesa de tese, porque o exame de estado lá era uma coisa muito séria, a gente tinha de fazer um projeto tal qual como se fosse executado, todas as páginas seladas e eles marcavam às nove da manhã que era para não ir lá ninguém. Só que eu tinha muitos jornalistas amigos e muitas pessoas amigas e que apareceu tudo em peso e meia hora depois de ter acabado já se ouvia na telefonia que se

tinha formado a primeira arquiteta em Portugal. Um primo meu nesse mesmo dia, não sei que alturas eram, mas andava a fazer o curso de guarda marinha soube a bordo que eu me tinha formado em arquitetura.

CORH – A senhora é casada?

MJE – Viúva infelizmente, fui casada com um grande pintor.

CORH – O nome dele se faz favor.

MJE – Machado da Luz

CORH – Quantos filhos a senhora teve?

MJE – Um.

CORH – O nome dele?

MJE – Manuel Estanco Machado da Luz, que também é arquiteto.

CORH – Está em Portugal?

MJE – Está em Portugal e é o arquiteto principal do Gabinete da Área de Sines.

CORH – D. Maria José voltando um pouquinho, a senhora veio aqui a Marília em 1927 / 1928 depois a senhora voltou

a Portugal em que ano?

MJE – Voltei a Portugal em 1929, mas já em mais de metade de 1929.

CORH – E depois de 1929 a senhora voltou a Marília mais alguma vez?

MJE – Não nunca mais, esta é a primeira vez.

CORH – Esta é a primeira vez? Depois de 57 anos a senhora volta a Marília? Qual foi a razão?

MJE – Voltei, a razão é, eu desejei sempre voltar a Marília porque eu desejei sempre e eu sou de ideias fixas. Desejava ir a certos lugares e tenho realizado sempre e agora idealizei vir a Marília. Porque Marília fica distante de São Paulo, a viagem é um bocadinho dura. A primeira vez que voltei, vinha ansiosa por conhecer o Brasil, conheci muito lá para o norte, Salvador, Baía, Minas Gerais, Ouro Preto, o Recife etc. E não me chegou tempo para vir a Marília, há três anos vim cá com o meu marido, mas já estava bastante

debilitado e então eu não consegui arrasta-lo até cá. Mas este ano vim sozinha com esta minha afilhada e consegui arrastar este meu afilhado, todos os brasileiros de Louvado são meus afilhados, eu vim mostrar Marília que ele não conhecia.

CORH – D. Maria José assustou-lhe o progresso de Marília?

MJE – Assustou-me, não é assustar que eu senti, eu senti que no Brasil tudo cresce de tal maneira, tudo se forma. O Brasil tem tanta verdura, tanto calor, tanta força que eu não me admirei. Não pude deixar de ficar espantada, quando deixei ruas sem casas ou barracas de madeira e venho a encontrar a cidade ajardinada que vejo aqui. Não fiquei assustada fiquei deslumbrada.

CORH – Vamos voltar um bocadinho no tempo D. Maria José, a senhora lembra de alguma plantação de café por aqui?

MJE – Lembro-me e até me lembro, eu não posso localizar onde é que era essa plantação de café porque o meu cunhado em determinada altura comprou um sitiozinho para plantar café e plantou e eu até entrei com uns pezinhos, que eu era guarda livros na fazenda dele e recebia o meu ordenado, e entrei também com uns pezinhos de café, meia dúzia de pés de café que eu nunca os contei. Só que aquilo não deu resultado houve a seguir uma crise, como ele gastou muito dinheiro a abrir uma estrada para ir para essa fazendinha, sabe que a crise é sistemática, de quantos em quantos anos, era pelo menos nessa altura agora não sei, o meu cunhado perdeu isso e eu perdi também. Não tive pena nenhuma porque eu não me sentia nada dona de pés de café. A minha vida era toda uma vida intelectual não me assustou nada não ter café, café para beber sim.

CORH – Dona Maria José vamos tentar localizar, a senhora não se consegue lembrar, mas era na terra de Bento de Abreu?

MJE – Não devia ser na terra de Bento de Abreu, eu sei o seguinte.

CORH – Eu vou tentar, onde existia essa capelinha onde a senhora aparece na fotografia atrás dela capelinha, que daria atrás com a Avenida Sampaio Vidal existia algum pé de café naquele lado de lá?

MJE – Não me lembro.

CORH – A senhora não lembra?

MJE – Não me lembro mesmo. Podia mentir dizer que me lembrava, mas não me lembro.

CORH – E não existia outra rua traçada, só existia aquela rua pelo Toledo, agora a rua 9 de Julho?

MJE – Não existiam as ruas todas que hoje tem, porque a cidade quando foi delineada foi toda feita a régua e esquadros e tinha as ruas todas perpendiculares, paralelas umas às outras, era uma cidade definida. Eu falei muitas vezes com o Meiller e dizia - porque é que você não faz de vez em quando uma rua curvinha? Mas ele na concepção que tinha de arquitetura não era por aí, era ainda do tempo do Marquês de Pombal, onde as ruas eram todas perpendiculares umas às outras.

CORH – A senhora falou no Meiller, a senhora lembra o primeiro nome dele?

MJE – Não eu até nem me lembrava do nome dele. Eu lembrei-me do nome dele quando, vi também um retrato dele e lembrei-me da cara dele, quando o senhor jornalista diretor do jornal falou.

CORH – Anselmo Escaranha

MJE – Eu tratava-o sempre por Meiller, era muito simpático as vezes tínhamos assim umas turras porque eu não sabia nada de arquitetura não é, o que tinha era uma formação mais artística.

CORH – Realmente porque ele estudou na França.

MJE – Ele estudou na França, mas ele era engenheiro isto é que é preciso ver, ele era belga se não me engano.

CORH – Mas parece que ele passou na França um bom tempo.

MJE – Ele era belga e não tinha conceitos artísticos nenhuns especiais.

CORH – A senhora estava-nos contanto que encontrou uma índia aqui em Marília? Como é que foi essa história?

MJE – Encontrei, essa história é muito engraçada. Quando se fez a queimada isolou-se uma parte do mato que se queimou da outra parte que ficou e essa índia estaria desse mato do lado de cá e quando passou houve o fogo ela não pode fugir para o lado da família dela. Ficou cá e lembro-me de vê-la na rua muitas vezes, tentava conversar com ela, mas não falava nada porque a gente não sabia o que ela dizia só que ela se adaptou, foi depois trabalhar em casa de várias pessoas, toda a gente a acarinhava muito e lembro-me muito bem dela até quase que tenho impressão que conhecia a cara dela. Claro que ela já não

deve ser viva, mas ela era muito nova e até devia ser mais nova do que eu, que eu lembro-me da moça ser ainda muito nova.

CORH – No contacto que a senhora teve com o Bento de Abreu qual era a impressão que a senhora tinha dele?

MJE – Os contactos com ele são contactos protocolares, contactos mais tive com o Paulo de Abreu porque era o que ia mais sistematicamente á fazenda.

CORH – Como é que senhora o Paulo de Abreu e o Bento de Abreu? Eram pessoas comunicativas? Eram pessoas que iam colaborar?

MJE – O Bento de Abreu era uma pessoa com muito interesse, comunicativa, simpático e muito aberto. O Paulo era um rapaz novo e tinha realmente medo das moças novas que aparecessem por pé era muito mais fechado, era muito bonito. O Paulo de Abreu era lindíssimo ainda me lembro muito bem disso, de maneira que tinha medo de toda a moça nova que lhe aparecesse ao pé.

CORH – A senhora conheceu o Cristiano Artêncio da Silva?

MJE – Não.

CORH – A senhora conheceu o José Pera da Silva?

MJE – Não, não me lembro de mais nome nenhum. Este dei-me particularmente com eles.

CORH – Eu estou tentando dizer estes nomes a senhora para ver se a gente consegue descobrir mais alguma coisa.

MJE – O Meiller lembro-me assim que ouvi o nome dele, mas esses nomes se eu tivesse conhecido eu lembrava-me.

CORH – D. Maria José quem mais a senhora lembra do tempo da senhora aqui? O que é que a senhora gostaria de contar para a gente?

MJE – Olhe do tempo que eu passei aqui, das vezes que eu cá vinha, em geral vinha muito cansada porque a viagem era sempre muito fatigante. Percorria as ruas da cidade, que eram só traçados mais nada, conversava com o meu cunhado que por acaso como dizia ele sendo machista, o meu cunhado era bastante machista não acreditava nada nas mulheres, mas acreditava

em mim, mas era bastante machista e conversava muito com ele sobre isto. Discutia as vezes com o Meiller coisas dos traçados, ele é capaz de ser vivo porque ele era um pouco mais velho que eu mas não muito, ele desapareceu de cá o Meiller?

CORH – Já faleceu.

MJE – Há já faleceu? Eu devo ser das poucas sobreviventes. Já sei que o Paulo de Abreu ainda é vivo.

CORH – Sim o Paulo de Abreu é vivo.

MJE – Paulo de Abreu também era mais velho que eu.

CORH – Ele está em São Paulo.

MJE – Pois é mas ele já não me conhecia, alias eu conheci-o por um retrato que ele é do tempo em que eu o conheci. Porque provavelmente se ele visse um retrato do tempo em que me conheceu também se lembrava.

CORH – A senhora chegou a conhecer o Padre Cristina? Ou sé ouvia falar dele?

MJE – E da mulher do Paulo de Abreu eu não conheci, só conheci os filhos e o Bento de Abreu que ia muito a fazenda, mas principalmente quem ia mais era o Paulo.

CORH – O Padre Cristina não?

MJE – Não.

CORH – A senhora gostaria de contar mais alguma coisa para a gente?

MJE – Olhe eu lembro-me de uma vez de uma espécie, isso talvez já seja um bocadinho de fantasia, estas coisas perdem, a gente perde a noção do tempo nelas. De uma vez que houve uma espécie de amotinação contra o Padre Cristina por qualquer coisa que eu não sei o que é que acho que eram homem que se revoltaram etc. Eu lembro-me que era muito religiosa na altura e que fiz uma promessa que se não

fizessem nada ao senhor nem isso porque ele era da minha terra. Ele era da minha terra ou de possivelmente pessoas ligadas a minha família, possivelmente, e lembro-me disso de ter feito uma promessa de que se não lhe fizessem mal, eu já nem sei que promessa foi e naturalmente até cumpri. Mas coisas mais assim não me lembro.

CORH – A senhora lembra quando chegou o primeiro trem aqui a Marília?

MJE – Não.

CORH – Não pegou essa época?

MJE – Não, não peguei não vi, quer dizer é possível que fosse na minha época mas eu não vi não assisti. A seção mais importante que eu vi aqui, quer dizer mais fundamentalmente importante, foi o lançamento da primeira pedra para a igreja. Que é uma fotografia em que eu estou e eu tenho uma fotografia que agora tenho pena de não ver no museu, eu tenho uma fotografia melhor do que a que está no jornal, tenho ou tinha porque aqui a minha afilhada diz que eu que rasguei as fotografias todas

Maria José Noronha – Todas não, ainda deixou algumas.

MJE – E há uma fotografia minha vestida de japonesa sabe? O senhor sabe melhor que ninguém que a influencia japonesa começou muito cedo aqui.

CORH – Tinha japoneses aqui naquela época ou a senhora não sabe?

MJE – Japoneses aqui naquela época não me lembro, mas lembro-me de japoneses na fazenda de São Bento. E lembro-me de uma coisa muito curiosa, uma vez apareceu um japonês com uma mulher franzina, muito franzina e ele foi comprar, não como é que se chama, uma sachola uma coisa para a terra para cavar e depois disse eu queria uma mais pequena e eu disse não me diga que quer uma mais pequena para esta senhora e ele disse ai ela também vai trabalhar. Porque os japoneses ajudaram muito a fazer São Paulo.

CORH – A senhora lembra de algum Italiano na época ali na fazenda?

MJE – Isso havia muitos, italianos havia bastantes.

CORH – Havia menos portugueses que italianos?

MJE – Sim por acaso já não me lembro muito dos nomes. Eu até tinha um compadre, fui madrinha de uma filha dele, perdi o contacto em absoluto a menina já deve ter morrido se calhar era pouco mais nova do que

eu dia 20 anos menos, de maneira que era possível, que era uma espécie de secretário do meu cunhado e lembro-me de muitas pessoas vagamente. As pessoas com quem eu me dava, eu ia muito a Pirajuí, ia muito aos bailes a Pirajuí e lembro-me de um médico que havia em Pirajuí que ia fazer clinica a fazenda de São Bento, até tenho em casa retratos com ele em bailes e das festas, porque a gente aproveitava tudo quando podia para ir, dava o pé onde tinha.

CORH – D. Maria José a senhora falou em fotografias de Marília por ventura a senhora achando em sua casa lá em Portugal a senhora poderia fazer a doação dessas fotografias a Câmara de Marília?

MJE – Se eu encontrar a Maria José vai-me prometer que vamos ver isso

Maria José Noronha – Mas não pode prometer sem dizer ao filho.

MJE – Ele não se importa disso. Porque na altura morreu uma prima minha e eu fez-me muita aflição ver as noras e aquela gente toda pegar nas dela e rasgar e utilizarem, etc. Eu que já também não era muito nova disse “não quero depois de morta que façam o mesmo as minhas coisas” e desatei a rasgar coisas e queimar, mas esta deu conta e foi dizer ao meu filho, proibiram-me terminantemente não pude fazer mais nada. Mas eu tenho impressão que ainda tenho um retrato também de japonesa.

MJN – Esse que tem de japonesa é igual aquele.

MJE – Não é bem igual aquele. Tenho um retrato de japonesa e tinha um retrato de um dos meus sobrinhos numa casa de madeira que devia de ser a de Marília, mas não sei se a queimei.

MJN – E ainda lá tem mais.

CORH – Então vamos fazer o seguinte, vamos fazer um trato entre a gente, a senhora chegando a Portugal a senhora vê essas fotografias e nos fizesse essa doação ao Museu Histórico da Prefeitura.

MJE – Tenho muito prazer nisso, mas eu vou-lhe explicar, deve tardar um bocadinho. Vou-lhe explicar por que porque o meu marido morreu a muito pouco tempo, quer dizer à um ano e meio e ainda me custa muito mexer em coisas antigas, coisas relacionadas com ele. No meio dessas coisas antigas devem estar as tais fotografias, eu tenho até uma fotografia muito bonita minha que no ano passado eu fiz para o filho, no ano passado não, há dois anos, dei-lhe um álbum com uma fotografia minha nova, do pai e retratos dele em pequenino e tenho ideia que ainda o devo lá ter.

MJN – Tem lá, naquela mala que está na dispensa.

MJE – Tenho de ir ver a mala que está na dispensa.

MJN – É onde está essa chinesa também.

MJN – Em chegando lá vou tratar disso.

CORH – Acompanha a gente a Dona Maria José Martins Noronha e o Hélio Mendes Rocha Júnior, a Helena Teixeira e o seu pai Rui Amado Teixeira. D. Maria José eu gostava que a senhora deixasse para todos nós uma mensagem, a senhora viveu os primórdios de Marília e isso em 1927, passados cinquenta e oito anos a senhora volta a Marília e vê essa cidade crescer, viu essa cidade pequena e hoje grande.

MJE – Eu via-a nascer.

CORH – Viu-a nascer, hoje ela já é adulta.

MJE – Já é adulta e bem adulta.

CORH – E cada vez mais ela está progredindo, eu gostaria que a senhora deixasse à juventude de Marília uma mensagem.

MJE – Tenho prazer nisso e sobretudo porque aqui tenho o prazer de constatar que há muita gente jovem já metida em trabalhos e o Perfeito é muito jovem, aquele nosso amigo também é jovem, embora seja da idade da minha afilhada, mas está muito bem entregue a gente jovem e eu sou dos velhos que tenho a certeza de que o futuro está nos novos.

CORH – D. Maria José em nome da Comissão eu agradeço a presença da senhora e o seu depoimento foi muito importante para todos nós, esse depoimento ficará guardado e arquivado aqui na Câmara Municipal de Marília, futuramente este seu depoimento será oferecido e passado para as crianças e também para os estudantes da nossa cidade. E mostrar realmente que as primeiras pessoas que aqui chegaram, são realmente os pioneiros de Marília. Eu fico muito comovido e muito agradecido pela presença da senhora e pela visita que a senhora fez a Câmara Municipal de Marília.

MJE – Garanto-lhe que ninguém ficou mais comovido do que eu fiquei com esta visita a Marília, não tenha dúvidas que ninguém fica mais comovido. Porque hoje quando vi o jornal e vi aquela fotografia minha no lançamento da primeira pedra e aquelas coisas todas e vi o que hoje é Marília, eu que vi Marília pequenina

de berço. É um espanto mas é um espanto que não é difícil de acreditar no Brasil.” Eu nunca me esqueço que o que me fez maior impressão, foi ver no Brasil duas vezes o arroz dar grão, quando eu vi duas vezes. Em Portugal o arroz dá só uma vez e aqui havia depois o arroz da soca, não sei se ainda chamam hoje arroz da soca? Era o segundo arroz que crescia depois de se cortar o arroz e quando eu vi esse milagre fiquei a acreditar que realmente o Brasil era um grande país. Esse foi o depoimento de Dona Maria José Brito Estanco Machado da Luz, que ela chegou aqui no ano de 1927 nos primórdios de Marília, não era bem Marília era Alto Cafezal.



ANEXO D

Entrevistas a Maria José Correia e Maria José Noronha

1. ENTREVISTA A MARIA JOSÉ NORONHA, MAIO DE 2016, LISBOA

Joana Roxo – D. Maria José quantos anos trabalhou em casa da arquiteta Maria José Estanco?

Maria José Noronha – Eu trabalhei lá durante quarenta e tal anos.

JR – Em que ano começou a trabalhar como empregada lá em casa?

MJN – O meu pai morreu em 1952 e eu devo ter começado logo a seguir, em Março desse ano. Passados quarenta anos sai porque o meu marido adoeceu, nessa altura o menino já tinha morrido e eu fui para a terra tomar conta do meu marido.

JR – Como é que era a casa?

MJN – A casa nós entrávamos e tínhamos o hall, depois a sala que tinha uma estante grande logo à entrada. Tinha uma estante que eles tinham comprado e outra, que eu calculo que ela tenha desenhado. Havia um sofá grande no meio, um ao pé da estante, onde o meu patrão se sentava, outro onde eu me sentava a ver televisão e o grande era onde a senhora. Havia também uns cadeirões que ela tinha desenhado, em madeira, os braços eram feitos com caixotes das balanças Inca, eram pintados com viochene castanho e tinham almofadas para a gente se sentar, eram dois. No hall tinha a porta do meu quarto e havia um piano que era do meu menino, mas quem tocava no piano era o meu gato. A casa tinha o meu quarto, tinha o do filho, que tinha um escritório (...) o quarto da mãe, com um guarda-fatos feito por ela também, com os caixotes. Tudo o que era de caixotes era feito por ela, a senhora tinha um banco de carpinteiro no atelier. Na cozinha também tinha um armário em cima da porta feito por ela. Depois na altura só tínhamos uma casa de banho e uma pia na varanda.

JR – D. Maria José a arquiteta vendia os móveis que desenhava?

MJN – Não ela fazia era lá para casa ou dava, em Odivelas desenhava era muitas flores. Ela desenhava muito bem e também pintava muito bem. Lá em casa havia um quadro de um velho que foi ela que pintou nas Belas Artes e eu tenho quase a certeza que esse quadro está num Museu nos Açores. Porque esse quadro estava na sala de jantar, lá em casa, quando ela mandou os quadros do marido para os Açores, penso que esse também foi junto com os outros. Eu é que lhe disse para ela enviar tudo para os Açores, porque ela não sabia muito bem o que fazer aos quadros e depois ela acabou por enviar. Ela deixou de

desenhar porque o marido pintava quadros também, ele até me ofereceu alguns, para não serem os dois ela deixou.

JR – Para além dos móveis, li que também fazia esmaltes.

MJN – Os esmaltes vendia. Fazia brincos, colares, pregadores, várias coisas, até fez uma coleira para o gato da diretora de Odivelas e para o meu faraó. Ela vendia muito, tinha várias encomendas, fazia muito dinheiro com isso e esse dinheiro usava para fazer viagens. Ela fazia as vezes umas exposições para vender, veja no MDM. Eu ainda tenho uns esmaltes dela, que me ofereceu.

JR – A arquiteta tinha algum atelier?

MJN – Vou contar a história do atelier. Na altura ela era professora, de um qualquer não sei quem era, e fizeram o Bairro do Arco do Cego. Depois perguntaram se ela queria ir para lá, aquilo estava tudo cheio de mato, e o pai do aluno ofereceu-lhe o atelier a ela e ao Sr. Doutor. Tiveram de tirar aquele mato todo e também lhe davam para ser uma casa mas o marido nunca quis, porque preferia ter lá o atelier. O atelier é o nº 10 numa rua no Bairro do Arco do Cego, fica mesmo ao pé da Igreja São João de Deus. Agora já está um pouco alterado, penso que fizeram obras e assim, como é normal, a parte da frente é igual. Só uma janela é que esta diferente mas em cima está praticamente igual. O atelier tinha também esses caixotes que ela desenhava. Era perto de casa deles, sai-se na Avenida de Roma é uma rua que fica em frente daquelas das estátuas, se perguntar ali as pessoas sabem. A porta tem umas gradezinhas e tem uma porta de lado, têm umas telhas postas agora porque antigamente não tinha isso, puseram-lhe umas telhas e tiraram-lhe as flores, ela tinha uma roseira miudinha muito bonita. No quintal, agora tem uma grade, deve ser para tapar a porta, porque tinha uma porta que era da casa de banho, porque havia uma casa de banho no quintal. O atelier tinha uma cave e tinha em cima uma cozinha, o Sr. doutor mandou fazer a cave para o filho, para ser o atelier do filho, aí tinha uma mesa grande, um estirador, que tinha um candeeiro que virava e tinha lá as coisas dele de arquitetura. Na parte de cima, era tipo um sótão, onde tinha muitas telas e muitas coisas, tinha lá um divã, cá em baixo tinha um ou dois divãs que era onde se sentavam e tinha uma mufla que trabalhava a coque e tinha um armário desses dela, do lado esquerdo tinha a casa de banho que era grande e boa, tinha a bacia depois o esquentador e tinha uma espécie de polibã.

JR – Então dividia o atelier com o marido?

MJN – Primeiro dividia, como ele pintava nus, depois deixou de ir. Quando eu comecei a ir trabalhar lá para

casa ela já não ia, foi muito cedo, porque ela ia para Odivelas já não ia.

JR – D. Maria José a Arquiteta licenciou-se no ano de 1942, alguma vez conversaram sobre o período?

MJN – A Maria José foi a primeira mulher a licenciar-se em Arquitetura e a arquiteta Maria José Marques da Silva dizia que era ela, andavam sempre a discutir. Até chegaram a fazer uma cerimónia no Porto para irem as duas e a arquiteta do Porto não compareceu, havia essa confusão mas a minha tinha razão. A menina Maria Luísa Abelha deve saber melhor essa história e mesmo os anos que ela esteve a dar aulas no Porto. O projeto final de curso foi um projeto de um Jardim-Escola no Algarve, eu acho que era para Faro. Eu até acho que o projeto foi mesmo feito porque ela era muito amiga da filha do João Deus e uma vez disse ao filho que tinha feito um projeto para uma escola no Algarve. (...) Eu sei que a filha uma vez ligou para a Maria José a pedir para lhe fazer uma planta nova, para outra escola, mas quem ia fazer era o menino, já era arquiteto na altura mas não fez.

JR – D. Maria José, na altura em que saiu a notícia nos jornais sobre a licenciatura da arquiteta, li que saíram também caricaturas em jornais da época, recorda-se disso?

MJN – Saíram sim, não sei bem em que jornais mas calculo que tenha sido no Os Ridículos ou assim.

JR – Sabe porque é que a arquiteta nunca conseguiu exercer a profissão?

MJN – Na altura queriam que ela fosse “arquitecto” mas ela dizia que era “arquiteta” não era um homem e levou sempre a dela avante. Nunca foi trabalhar para lá porque na altura era preciso ter a carta militar e as mulheres não podiam ter.

JR – Sabe se alguma vez tentou trabalhar em alguém atelier de arquitetura?

MJN – Isso não sei.

JR – O único projeto que a arquiteta desenhou foi uma casa de férias em São Pedro de Moel, recorda-se?

MJN – Sim, a arquitetura foi feita por ela porque ela era comadre a Maria da Conceição Duarte, elas eram muito amigas.

JR – Escrevia para revista Modas e Bordados, leu algum artigo escrito por ela?

MJN – Eu sei que a sobrinha Lurdes Camargo escrevia, eu penso ela para além de ajudar a sobrinha também escreveu alguns. Eu tenho uma revista que tem o retrato penso que dela e do meu menino.

JR – A Arquiteta Maria José Estanco deu aulas em vários liceus em Lisboa e a um Porto, sabe em que anos?

MJN – Penso que começou ou no Liceu Filipa de Lencastre ou no Passo Manuel, mas penso que terá sido no Filipa porque ela estava grávida do meu menino e dizia que tinha de subir a rua e que parava para descansar numa pedra, porque aquilo antes era tudo campo. Penso que foi primeiro o Filipa de Lencastre, o Passos Manuel, depois foi para o Porto e veio para o Instituto de Odivelas, onde se reformou. A Maria José ainda chegou a ir a Rússia com a licença do Salazar, ela estava no Instituto de Odivelas e fez um discurso ao Salazar mas depois do 25 de Abril houve uns problemas. Quando se reformou andava mais ativa, fez esmaltes para vender e com o dinheiro que ganhava fazia viagem por todo o mundo, também foi nesta altura que fez mais voluntariado, ela pertencia ao MDM. Não sei se sabe depois de ela dar aulas no Instituto de Odivelas ela foi para o Lar, tinha um quarto só dela e a diretora era uma ex-aluna.

JR – Sei que a arquiteta pertencia ao MDM, lembra-se disso?

MJN – Ela estava no MDM como voluntária, nunca ganhou dinheiro, a única coisa que ela recebia em troca eram viagens e foi algumas vezes para fora do país como representante do partido.

JR – A arquiteta assumia-se como feminista?

MJN – Sim claro, ela defendia os direitos das mulheres então ela era militante. Pertenceu como já disse ao MDM, ao Concelho Português para a Paz, era também dos militares não me lembra o nome e da Casa da Rússia.

JR – Fez voluntariado em mais alguma instituição?

MJN – Sim fez na Bulgária na Embaixada de Portugal, no Concelho da Paz e ia dar umas explicações a um rapaz na Prisão de Linhó. Salvo erro chamava-se Caeiro, eu sei porque ia lá um irmão a casa que era muito amigo do meu menino e era Caeiro, foi a menina Maria Helena Duarte que arranjou para ela ir para lá, dava explicações para o 5º ano.

JR – Durante quanto tempo deu essas explicações em Linhó?

MJN – Foi só durante alguns meses para ele acabar o 5º ano, depois não voltou lá. Deu explicações também á menina Maria Helena Marc Braille que mora na Rua Guerra Junqueiro no lado esquerdo. Em casa também dava explicações mas não ganhava dinheiro, eram pessoas que pediam e ela ajudava sem-

pre. (...)

JR – Passados 50 anos da viagem ao Brasil, a arquiteta Maria José Estanco regressa para visitar a cidade de Marília, recorda-se desta visita?

MJN – Sim, eu também fui com ela e até lhe fizeram uma entrevista, onde eu apareço, há um vídeo (...) A viagem foi boa, estivemos lá um mês e pouco, estivemos no Rio, em Parati e em Marília. Ela contou-me a história de quando lá estive com a primeira vez com a mãe, a irmã ainda era viva. As irmãs foram para o Brasil ter com o pai e ela ficou com a mãe no Algarve depois veio para Lisboa para a Escola de Belas Artes. Interrompeu o curso de Pintura para ir ao Brasil com a mãe visitar a irmã e em Marília ajudou um engenheiro a desenhar as ruas, é uma cidade muito linda, quando fomos lá ela dizia “aqui não há muitas curvas” as ruas eram todas perpendiculares.

JR – A arquiteta ainda tem familiares lá no Brasil?

MJN – Têm sobrinhas, não sei se são todas vivas, uma sobrinha é a Belinha, têm a Lurdes e a Arabella. Quando foi pela primeira vez ao Brasil o cunhado até lhe deu uma plantação de café mas depois como ela veio para Portugal ficou lá tudo. A irmã foi para lá porque o pai dela era proprietário de muitos terrenos e quintas no Algarve mas o negócio correu mal, a irmã foi para o Brasil porque não quis assistir às coisas cá, depois o pai também foi. Ela só tinha duas irmãs, eram as duas mais velhas, a outra ficou cá em Portugal.

JR – O que fazia a mãe?

MJN – A mãe era doméstica.

JR – D. Maria José onde estará o espólio da arquiteta Maria José Estanco?

MJN – Olhe quando ela morreu veio cá do Brasil uma sobrinha, a Arabella Camargo, mas eu não sei se ela ficou com alguma coisa. Quem deve ter tudo deve ser uma senhora que se chama D.

Amélia e é das Caldas da Rainha mas eu já não tenho a morada dela.

JR – Nos tempos livres o que é que a arquiteta gostava de fazer?

MJN – Ela lia muitos livros de história e fazia paciências, até costumava estar deitada na cama a fazer paciências. Ouvia música, música clássica e coisas assim, ia muito à Ópera, sempre que havia ela ia. Quase todas as semanas ia ao São Carlos e à Gulbenkian. Em casa eles ouviam muitas vezes música. O

filho tinha muitos discos de música clássica. Depois ela também escrevia muito. As vezes quando o marido tinha de fazer discurso ela depois lia para ver se estava tudo bem, fez um discurso para o Salazar. Eles no verão iam para uma casa de férias no Estoril que era da D. Ivone, onde costumavam alugar uns quartos, um dela e outro do filho.

JR – Fale-me sobre as viagens.

MJN – Ela viajava muito, conhecia o mundo inteiro. Desde a América, teve em Moçambique, quando o filho lá estive, na Rússia, em Cuba, Bulgária, Espanha, quando foi a Rússia foi com a licença do Salazar que ninguém ia na altura, mas também conhecia bem o Portugal.

JR – Como é que a descrevia como pessoa?

MJN – Era uma pessoa que dava simpatia, se alguém lhe pedisse alguma coisa ela fazia de bom coração, era boa pessoa mas tinha um feitio arisco. Depois vestia-se muito bem, tinha muitos vestidos, também tinha calças mas em Odivelas não podia usar era proibido, quando ia para fora usava. O filho oferecia-lhe muitas coisas, porque era muito vaidoso com a mãe e comigo também, ela tinha vestidos para tudo até para ir a ópera e ao teatro, era uma pessoa simples.

2. ENTREVISTA A MARIA DE JESUS CORREIA, JUNHO DE 2016, PAÇO DE ARCOS

Joana Roxo – Arquiteta Maria Jesus como é que conheceu a Arquiteta Maria José Estanco?

Maria de Jesus Correia – Eu conhecia bem porque eu fui educada no Instituto de Odivelas, onde entrei com sete anos para a Instrução Primária e acabei por sair só para me casar e casei lá no Convento de Odivelas. Depois de fazer o sétimo ano do liceu, a Diretora que, entretanto, aquilo foi substituído era só uma coisa militar mas na verdade foi substituída a direção, em vez de ser um General passou a ser uma senhora. Essa senhora criou um lugar universitário, um lar universitário eu e mais uma série de alunas da minha idade também, mais ou menos, eramos sete que começamos o lar, na verdade espalhadas pelas várias universidades em Lisboa, fizemos lá o curso todo. O curso de Arquitetura antigamente era um curso muito longo porque eram quatro anos de curso especial de dias e quatro anos de curso superior, de maneira que a coisa era um pouco complicada de fazer. Eu conhecia porque a Maria José Estanco, eu não sei se ela fez mais alguma obra de arquitetura para além da casa em São Pedro de Moel, eu só conhecia essa porque foi ela que me falou nisso quando soube da minha ligação com São Pedro de Moel, ela é que me disse que aquela casa era um projeto dela. Ora a Maria José Estanco o que é que lhe aconteceu? Eu também já na minha geração não havia arquitetas, como sabe, o nosso diploma e o dela também é de arquiteto “confere-se o Diploma de Arquiteto á Senhora Dona”. O resultado é que não se trabalhava num atelier de Arquitetura, eu trabalhei durante alguns anos num atelier, mas enquanto estava a estudar [...] mas quando acabei o curso aconteceu-me o mesmo que à Maria José foi para o ensino. Entretanto ela casou com o Machado da Luz, que era também colega dela embora fosse pintor, era colega na escola, casou com ele. Depois nesse tempo era sim, para os professores se efetivarem tinham de andar por aqui e acolá. Era uma dificuldade e então para se efetivar teve de ir para o Porto, já era mãe já tinha o filho, o marido ficou cá em Lisboa de maneira que tiveram na verdade alguns anos separados, viam-se ao fim-de-semana quando era possível mas era uma vida um pouco dura, até que ela conseguiu ir para o Instituto de Odivelas que era outro Ministério que não o da Educação. O Ministério da Educação na altura era uma coisa e o Ministério da Guerra era outra, depois só mais tarde é que passou para o Ministério do Exército, não sei como é que ela conseguiu mas foi para o Instituto de Odivelas onde me encontrou, nunca fui aluna dela.

JR – Conheceu-a no Instituto de Odivelas?

MJC – Sim conhecia lá e naturalmente aproximamo-nos muito porque eu fiz o exame de admissão á escola entrei logo no primeiro ano. Aproximamo-nos muito e claro que tivemos longas e variadíssimas conversas.

JR – Como é que foi esse momento em que se conheceram?

MJC – Como ela era arquiteta e eu ia tirar o curso de Arquitetura, ela era professora de Desenho lá na escola, nós os arquitetos nesse tempo podíamos também ensinar matemática, eu ainda tive umas turmas de matemática. Lá em Odivelas havia vários Cursos além do Liceal, havia o Comercial e outros cursos de formadoras de Química e um Curso Oficinal mais ligado as coisas de artesanato, de maneira que havia muitas disciplinas de Desenho variadas. Ela era lá professora de Desenho e lá contactamos e tivemos assim uma relativa intimidade não é. Convidou-me para ir a casa dela, estive em casa dela ainda conheci o filho e depois conheci muito bem o Machado da Luz porque ele foi inspetor do Ensino no Ministério da Educação, ligado aos Desenhos e então eu era professora numa escola aqui em Belém e ele fazia serviço de inspeção aqui e além e varias vezes encontrei-me com ele. Ele era uma pessoa muito simpática e acessível, ela a Maria José Estanco era uma pessoa determinada é talvez o que eu tenho para lhe dizer, era muito determinada e com uma personalidade forte porque ela a única mulher a frequentar o curso de arquitetura numa turma só de homens.

JR – Não havia mais raparigas na turma?

MJC – Não havia mais raparigas. É engraçado que ainda ontem estive com uma colega minha dessa época e estivemos a recordar esses tempos. No meu tempo também haviam poucas raparigas, eram tempos difíceis e para ela deve ter sido ainda mais difícil porque ela já encontrou o diretor que foi diretor durante o tempo que estivemos na escola. Posso dizer que era uma pessoa péssima e muito difícil connosco mulheres, as mulheres eram para estar em casa, fazia todos os possíveis para nos dificultar a vida. [...]

JR – Já vi várias vezes mencionado em textos que a Arquiteta escrevia para a revista Modas e Bordados, a senhora sabia disso?

MJC – Eu tenho uma ideia, agora que esta a falar disso, penso que era costume, no tempo quem é que era a diretora da revista?

JR – Era a Maria Lamas

MJC – Exato era no tempo da Maria Lamas, elas conheciam-se, defendiam mais ou menos as mesmas ideias.

JR – Pertenciam as duas ao MDM?

MJC – Deve ter sido nessa altura que se aproximaram mais. [...] Eu acho que a Maria José Estanco e isto, não é por estar passados estes anos a falar disso, era de uma personalidade rica e forte mas na verdade que se esvai com o tempo. Felizmente que agora está a abordar este assunto e ela virá ao decimo como é justo que venha, é justo porque ela era combativa porque se não fosse não se tinha formado nesse tempo. Era a única mulher numa turma de homens, ela podia ombrear com os homens sendo uma pessoa fantásticamente feminista porque não havia nela nada que nos pensasse têm um aspeto ou a masculinidade andava ali, nada disso. Tinha gosto em se arranjar e tinha esse cuidado, não era nada exibicionista, mas era uma mulher determinada e que sabia muito bem o qual caminho que tinha escolhido, claro que as circunstâncias, as dificuldades do tempo, a política, era propenso a que as mulheres pudessem ter assim lugares, eu sou do tempo em que as mulheres ainda não tinham voto. [...]

JR – Quando é que foi a última vez que estiveram juntas?

MJC – Não me recordo foi a muitos anos lá em Odivelas mas eu acho que ela já se tinha aposentado, a aposentação era aos setenta anos na altura, se ela nasceu em 1905 deve ter-se aposentado em 1975. Eu acho que ela por onde passava deixava ficar um rasto de boa pessoa, de simpatia, de um certo encanto pessoal que tinha. Era conversadora, amável com as pessoas, simpática de maneira que eu tenho a impressão que ela tinha sempre um bom relacionamento com as pessoas que encontrava. (...). É interessante publicar este trabalho porque na verdade porque são coisas que as pessoas não têm acesso, só uma pessoa que se debruce bem sobre o assunto é que na verdade é consegue fazer essa recolha, na verdade não é muito fácil. [...] Lembro-me que algumas conversas que tinha com ela, coisas pessoais passadas na escola que agora não tem relevância para um trabalho feito sobre ela, mas para mim me dão a certeza da personalidade que ela tinha.

JR – Sabe o nome de algum arquiteto que possa ter sido professor da Arquiteta na Faculdade de Belas Artes?

MJC – Por exemplo Modelo era uma cadeira que tínhamos simultaneamente com os pintores e escultores, tínhamos sempre aula primeiro o Desenho Clássico e depois mais tarde Modelo tínhamos todos juntos. O

Mestre Simões de Almeida talvez mas devia ser o Simões de Almeida tio porque o sobrinho era professor na minha altura, de Geometria Descritiva, devia ser o Mestre Piloto, um homem muito baixinho mas de muito bom trato, como deve ser. Esses devem ter sido professores da Maria José Estanco, essa geração porque não tenho ideia de quem seria o professor de Arquitetura quem seria? O nosso professor era o Mestre Cristino da Silva, antes quem seria? Não faço ideia.

ANEXO E
 CODA - Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto



ção
 se
 es-
 gi-
 nos
 os
 nça
 am.
 ini-
 ma
 es;
 mi-
 ito
 eo-
 so-
 ne-
 de
 os
 os,
 29),
 10-
 gi-
 ter

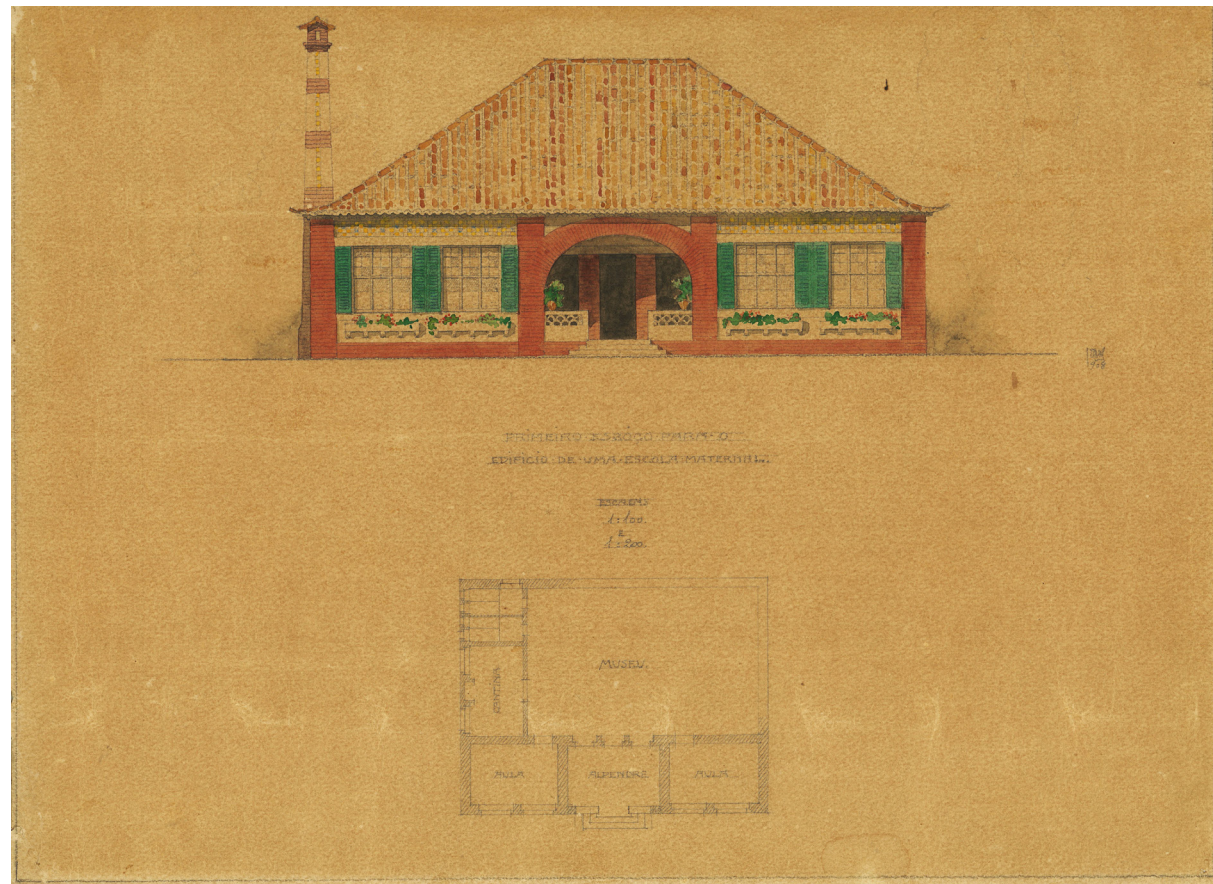
Dr.ª Maria José de Brito Estanco

Concluiu, brilhantemente, o curso de arquitetura na Escola de Belas Artes de Lisboa esta nossa Ilustre conterrânea, distinta professora do liceu D. Filipa de Lencastre.

Por tal facto todos os louletanos se devem orgulhar pois trata-se da primeira senhora portuguesa que alcança tão honroso diploma.

"O Louletano", enviando a saudosas saudações, faz sinceros votos para que o seu futuro lhe seja próspero e coroado de bom êxito, como recompensa das suas altas virtudes e invulgar inteligência.

Progressos de Loulé



Alçado e Planta do Primeiro Esboço para o edifício de uma Escola Maternal, Reprodução do Autor. Fonte: Primeiro Esboço para o edifício de uma Escola Maternal [Visual gráfico] / [arq. Raul Lino] – Escala 1:100 – [Lisboa: s.n.], il., aguarela e traçado a lápis de carvão; 40x50cm. Datado e assinado por Raul Lino.



COMPANHIA DE BENEFICENCIA
EDICAO "A VENDA A VIDA DE JOAO BARROS"
ARGUMENTOS DE TERCEIRO GRUPO DO PROCESSO CIVIL
CAIXA DE PENSOES DE Lousa
EXPOSICAO ANTERIOR
Guimaraes
ADAMASTOR
VANTAGEM
AGRADECIMENTO
FEIRA DO LIVRO
COMPRAM-SE
CERVEJARIA PEROLA
NOTAS DE SIMO-SING
CORDAO IS CONTOS

VIDA ARTISTICA
COLISEU
ACREDITAMENTO
MUSICA
ARTES PLASTICAS
CINEMA
EXIBE-SE HOJE NO CINEMA
ING-SING
Acelistas
MAIA
CONFIANCA

EXIBICAO A PRIMEIRA SENHORA PORTUGUESA
 a quem foi concedido o diploma de architecto

NOTICIAS
OLIMPIA
COLEISU
PARIS
Palatino

EXIBICAO A PRIMEIRA SENHORA PORTUGUESA
 a quem foi concedido o diploma de architecto

NOTICIAS
OLIMPIA
COLEISU
PARIS
Palatino

Federacao Nacional dos Produtores de Trigo
Direccao Geral dos Servicos Agricolas
Classificacao do Concurso de "A MELHOR SEMEA" - 1940/1941
PREMIOS NACIONAIS:
Prémio "Dr. Oliveira Salazar" - Média Propriedade - Esc. 10.000\$00 - Sr. José Mariano dos Santos Mestre - Concelho de Beja.
PREMIOS REGIONAIS:
I Região Agrícola
Prémio Propriedade - Sr. João Vassalão Botelho e Lúcia - Concelho de Beja.
II Região Agrícola
Prémio Propriedade - Sr. José Antonio de Aguiar - Concelho de Vila do Conde.
III Região Agrícola
Prémio Propriedade - Sr. António de Jesus Silva - Concelho de Mafra de Cavaleiros.
IV Região Agrícola
Prémio Propriedade - Sr. Joaquim Pedro de Nogueira Beira Mar - Concelho de Beja.
V Região Agrícola
Prémio Propriedade - Sr. João Soares - Concelho de Beja.
VI Região Agrícola
Prémio Propriedade - Sr. António de Jesus Silva - Concelho de Mafra de Cavaleiros.
VII Região Agrícola
Prémio Propriedade - Sr. João Soares - Concelho de Beja.
VIII Região Agrícola
Prémio Propriedade - Sr. António de Jesus Silva - Concelho de Mafra de Cavaleiros.
IX Região Agrícola
Prémio Propriedade - Sr. António de Jesus Silva - Concelho de Mafra de Cavaleiros.
X Região Agrícola
Prémio Propriedade - Sr. António de Jesus Silva - Concelho de Mafra de Cavaleiros.
XI Região Agrícola
Prémio Propriedade - Sr. António de Jesus Silva - Concelho de Mafra de Cavaleiros.
XII Região Agrícola
Prémio Propriedade - Sr. António de Jesus Silva - Concelho de Mafra de Cavaleiros.
XIII Região Agrícola
Prémio Propriedade - Sr. António de Jesus Silva - Concelho de Mafra de Cavaleiros.
XIV Região Agrícola
Prémio Propriedade - Sr. António de Jesus Silva - Concelho de Mafra de Cavaleiros.
XV Região Agrícola
Prémio Propriedade - Sr. António de Jesus Silva - Concelho de Mafra de Cavaleiros.

BERLIM ALEMANHA FALA!
DESPORTOS
DIARIO DE GOVERNO
NUMEROS MAIS PREMIADOS NA LOTARIA DE ONTEM
NECROLOGIA
EM DEFESA DO CONSUMIDOR
OS DOIS PREMIOS MAIORES DA LOTARIA DE ONTEM
CASA DA SORTE
EM MACAU
FALECEU NUM DESASTRE DE AVIACAO
o 1.º tenente-piloto aviador Rodrigo Henriques Silveirinha

ho de
 io Sul.
 e Cas-
 ho de
 ra.

AMARAL CARDOSO, SPORTING, NO DISCO COM 33m, 43; ELENTERIO, BELENENSES, NOS 150 METROS, EM 17 s 4/10; HERLANDER PAIXÃO, SPORTING, NOS 1.000 METROS, EM 2m 47 s 8/10; LUIZ ALCEID, BENFICA, NO COMPRIMENTO, COM 6m, 22 s 4/10; EQUIPA DO SPORTING (ARDISSON, CASTILHO E LUIZ JOSÉ) NOS 3x300 EM 1m, 57 s 6/10.
Houve uma prova extra, 100 metros, disputada em duas mãos, as quais foram ganhas por Lourenço, do Sporting, em 11 s 2/10 e 11 s 1/10.

O DIPLOMA DE ARQUITECTO foi ontem entregue, pela primeira vez, a uma senhora portuguesa

Na Escola de Belas Artes recebeu ontem o seu diploma de curso a primeira architecta portuguesa, a sr.ª D. Maria José Brito Estanco, professora do Liceu Passos Manuel.

A tese foi subordinada ao titulo de «Um jardim-Escola no Algarve» e mereceu do juri a classificação de dezasseis valores.

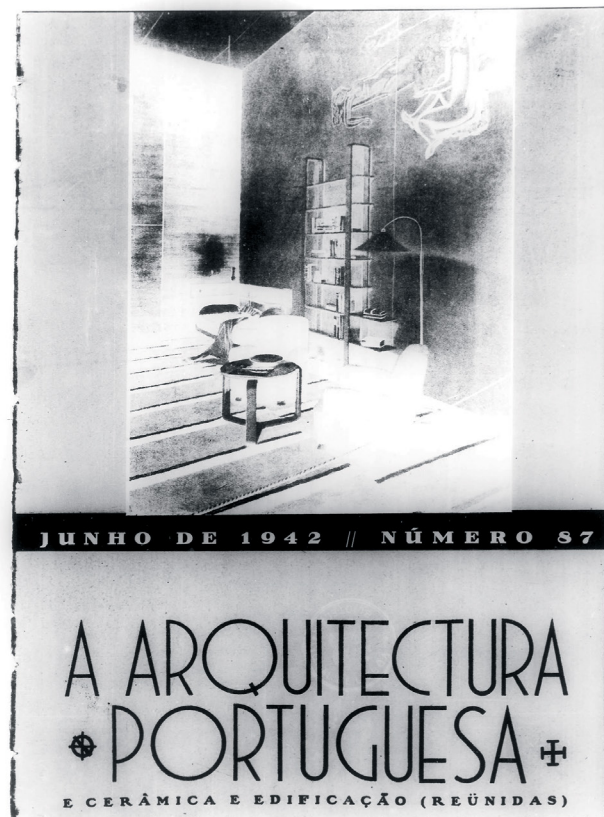
A mesa foi constituída pelo director da Escola, architecto Luiz Cunha, sendo arguentes os architectos João António Piloto e Luiz Cristiano da Silva; vogais do juri, o architecto Pardo Monteiro, esculptores Simões de Almeida e Leopoldo de Almeida e pintor Luiz Varela Aldemira.

EM MACAU
FALECEU NUM DESASTRE DE AVIACAO
o 1.º tenente-piloto aviador Rodrigo Henriques Silveirinha
 Segundo communicação do Governador de Macau faleceu naquela Colónia, devido a um

no Centro Escolar / se, ontem, uma si ramento dos trabal amo lectivo.
 Pelas 15 horas, ção do Secretariado nal, realizou-se u programa adequa que frequentam o diversas canções e Mocidade Portug
 Em seguida in exposição de lavo mas alunas, na q deiras vocações.
 A exposição, q da, manter-se-á a

Almôço
 Oferecido por liza-se hoje, às almôço de homer da Silva, ajudante Rádiologia dos f sim os seus 36 an tou há dias.

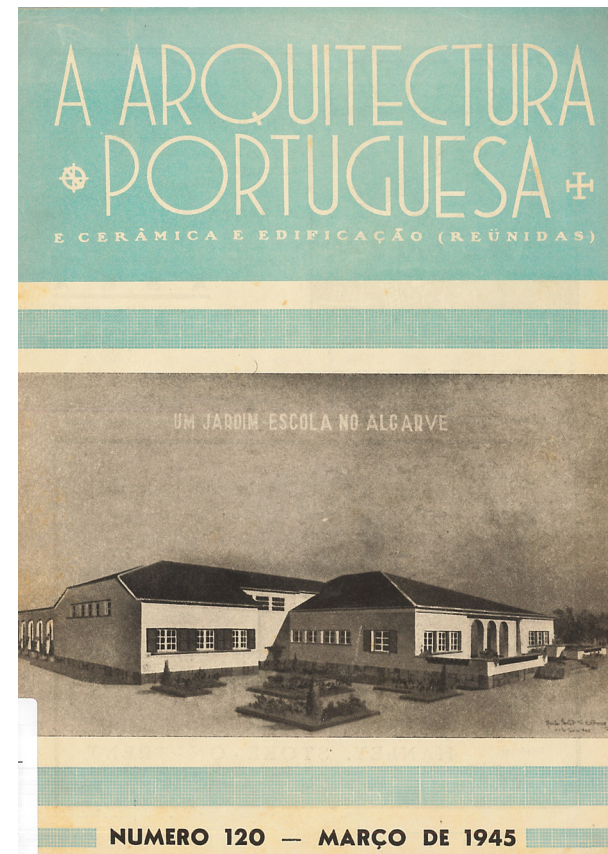
Amigos
 Sob a direcç do Couto, que obras de resta faz hoje, às 16 de Lisboa» um tudo aquele templo.
 Também hoj 22 horas e 30, dos seus prop aos «Amigos d Santa Apoloni cado.

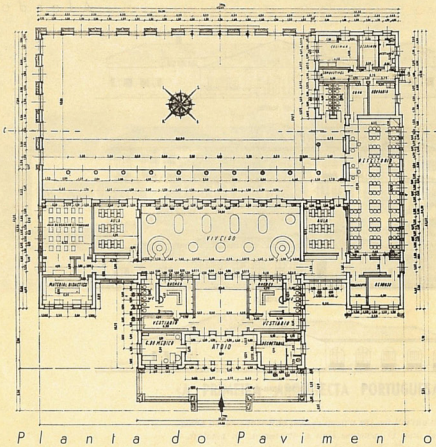


A primeira arquitecta portuguesa

Acaba de ser concedido pela primeira vez em Portugal o diploma de arquitecto a uma senhora. O júri das provas finais constituído pelo director da Escola de Belas Artes de Lisboa, pelos arquitectos Luiz Cunha, Pardal Monteiro, João António Piloto e Luiz Cristino da Silva e escultores Simões de Almeida, Leopoldo de Almeida e pintor Varela Aldemira apreciaram o trabalho apresentado que constava de um projecto para «Um Jardim-Escola no Algarve».

A bela classificação obtida traduz o valor da obra que a primeira arquitecta portuguesa defendeu. Á arquitecta Maria José Brito Estanco daqui enviamos as nossas saudações.



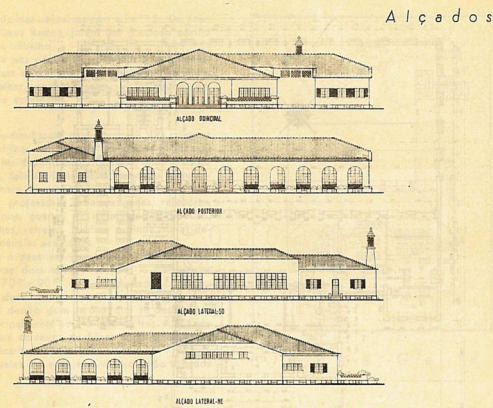


Planta do Pavimento

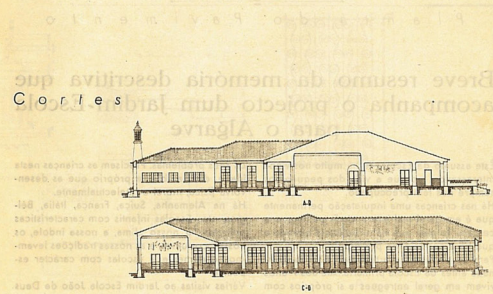
Breve resumo da memória descritiva que acompanha o projecto dum Jardim-Escola para o Algarve

Este assunto das Escolas já há muito nos vinha interessando, porque a vida dos pequeninos sempre nos tem preocupado. Há nas crianças uma inquietação permanente que é em geral mal interpretada pelos que a cercam. Julgam que há turbulência quando o que há é curiosidade por tudo. Para os pequenos portugueses não há quase nada antes da Escola primária. Até aos 7 anos vivem em geral entregues a si próprios com

os seus problemas. Precisam as crianças nesta idade, dum ambiente próprio que as desenvolva física, moral e intelectualmente. Há na Alemanha, Suíça, França, Itália, Bélgica, etc., Escolas infantis com características próprias; o nosso clima, a nossa índole, os nossos costumes, e as nossas tradições levam-nos certamente a escolas com carácter especial. Várias visitas ao Jardim Escola João de Deus



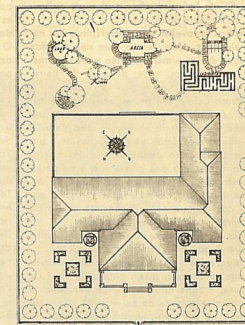
Alçados



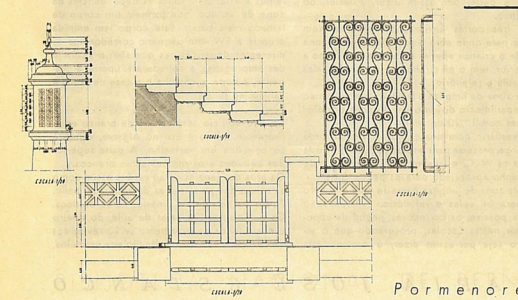
Breve resumo da memória descritiva que acompanha o projecto dum Jardim-Escola para o Algarve

e repetidas conversas com o Ex.^{ma} Sr. Dr. João de Deus Ramos, foram um precioso auxílio neste trabalho. Nada nos podesse dizer melhor o que necessavam as crianças portuguesas do que vê-las trabalhar, comer, cantar, vê-las enfim, em plena actividade.

O Jardim-Escola para cerca de 100 crianças a edificar no Algarve compôr-se-á das seguintes dependências: Viveiro, duas salas de aula, Sala de Desenho e Trabalhos Manuais, gabinete de médico, Vestiário para as crianças, professoras e empregadas, refeitório, cozinha, quartos de isolamento e repouso, duchas, reletres, lavabos e ainda outras dependências acessórias. Para o desenvolvimento d'este programa dispõe-se dum terreno arenoso e consistente de 70^m x 90^m aproximadamente, ladeado por duas ruas perpendiculares. O edificio ficará dentro dum jardim que se desenvolve principalmente para o lado de traz. A entrada haverá canteiros de flores onde as creanças praticarão a jardinagem. As salas de aula e o viveiro estão voltados



Planta Geral



Pormenores

para SE de forma a estarem sempre abrigados dos ventos dominantes. Tentamos aproveitar as características das casas algarvias desta região, que não é a dos terraços da beira-mar, nem tão pouco a construção um pouco ruda de casa de beira-mar.

Um muro com o seu beiral fecha-nos um espaço rectangular que de dois lados tem um alpendre para onde abrem as salas de aula e ainda o refeitório; este conjunto será um misto de claustro, reminiscência das nossas primeiras escolas dos conventos, e do pátio fechado tão característico das casas do Algarve. No muro haverá muitas aberturas em arco com pequenas vedações de reixas de madeira, próprias da região. Vamos seguir a nossa planta para mostrarmos o critério que presidiu à sua elaboração. Consideramos 4 zonas distintas neste edificio: a zona, por assim dizer, pública, a zona de limpeza, a zona onde a criança vive (aulas e refeitório) e a zona de serviços. A frente do edificio há um pátio, aberto, todo calado de branco, com os elegantes floridos e o rendilhado dos lixolos. O chão, que dará uma nota colorida, todo coberto de lixoleira, continuará-se num vestíbulo aberto para o pátio, para onde deltam o gabinete do médico, a sala de espera-secretaria e o vestiário das professoras; isto constitui a parte, por assim dizer, exterior do edificio.

Por três portas envidraçadas entra-se num átrio para onde abre a zona de limpeza, zona onde a criança apenas circula, e que como a anterior, tem o pé direito inferior ao das salas de aula e refeitório. Este zona de limpeza é formada por um único compartimento dividido em 3 partes por divisórias com 1^m,20 de altura. Do vestiário, com lugares individuais para cada criança, passa-se para a sala dos duchas e desta para os W. C. e lavabos. Aqui tudo é feito de lamenho apropriado para os pequeninos. Deste zona de limpeza passa-se para o Viveiro e para as aulas e refeitório. Evitaram-se o mais possível os corredores, pouco de aconselhar nestas Escolas, procurando que o viveiro seja por assim dizer, o centro desta

parte escolar. O viveiro servirá também para as aulas de canto e para a ginástica em dias de chuva.

O viveiro, cujo nome é um mimo de graça e de lógica, está calculado para 60 crianças, podendo evidentemente comportar mais. As salas de aula, assim como a de Desenho, estão calculadas para 24 crianças. A iluminação das salas de aula é lateral esquerda e a de sala de Desenho é bilateral, isto é, da esquerda e de traz, vindo esta de cima.

Todas estas salas dão, como dissemos, para um claustro, podendo os pequeninos brincar debaixo dos alpendres nos dias de chuva. Também aí colocamos W. C. e lavabos para evitar que as crianças tenham de vir ao interior do edificio durante o recreio.

Descendo um degrau temos a parte descoberta do pátio com largas aberturas para o jardim; neste pátio podem as crianças fazer ginástica, jogar e brincar durante os pequenos intervalos. Para o claustro abrem também 3 portas do refeitório, amplo, arejado e alegre, orientado a SW, com muita luz. O refeitório tem 2 portas para um pequeno corredor para onde comunicam também os quartos de isolamento e repouso, respectivamente para os casos suspeitos de doença contagiosa ou para crianças que necessitem dum pouco de repouso depois da refeição.

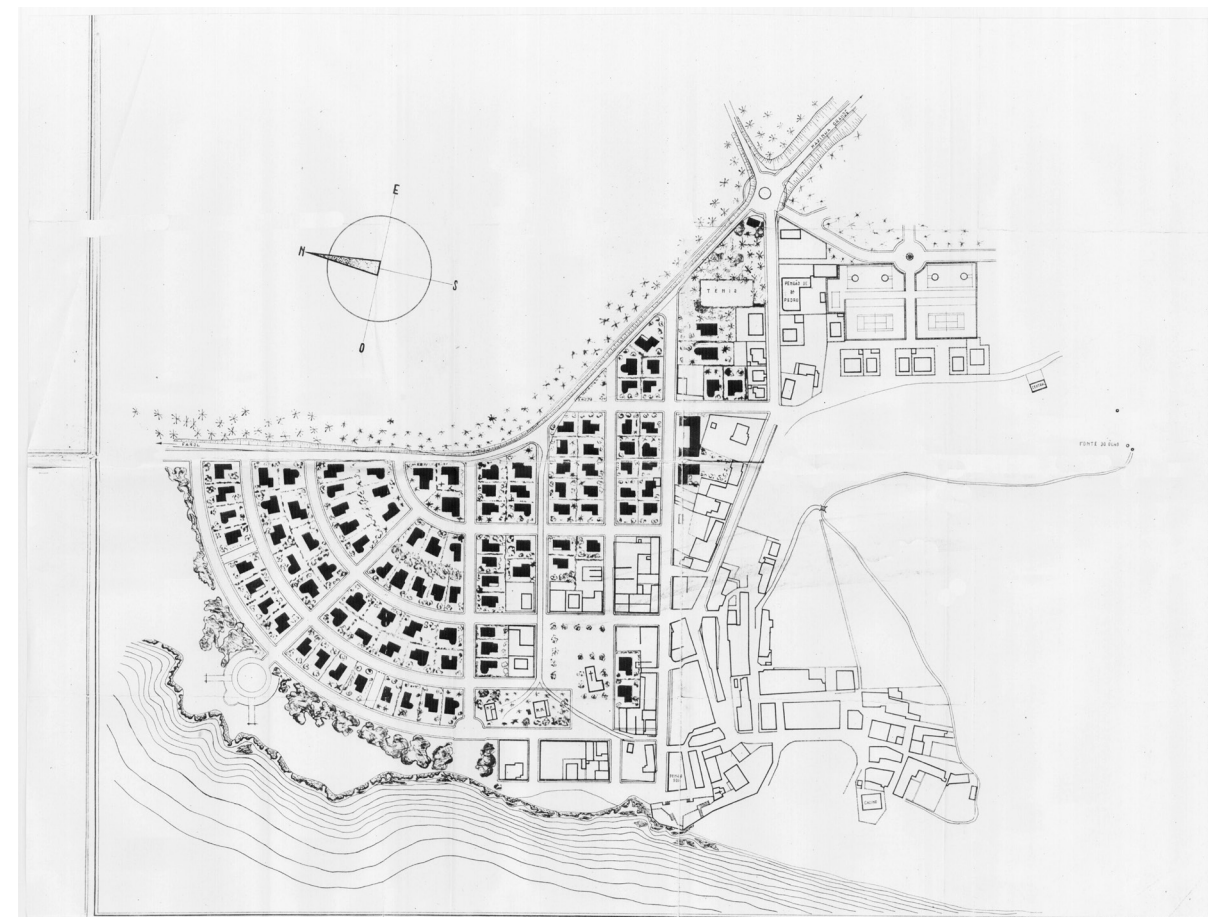
Ligado com o refeitório, no extremo oposto, temos a cozinha e lódas as dependências da zona de serviço, que formam um corpo de telhado mais baixo. Este corpo tem entrada própria a SW. Um pequeno corredor liga as diferentes dependências que são o vestiário das empregadas, a entrada, a recuparia, a despensa, a copa, e cozinha e a casa de lenha e cervão, ao fundo.

Todo o edificio será caiado de branco exteriormente, como é uso no Algarve, e levará os beirados em vermelho. A parte superior dos beirados e os rincões serão brancos. Os aros das janelas serão verdes assim como as reixas das janelas e as da arcaria do pátio. Todos os caixilhos e pináculos serão brancos. Os pavimentos das salas de aula, do viveiro e dos quartos de isolamento serão revestidos de cortiça e os restantes de lixoleira vermelha.

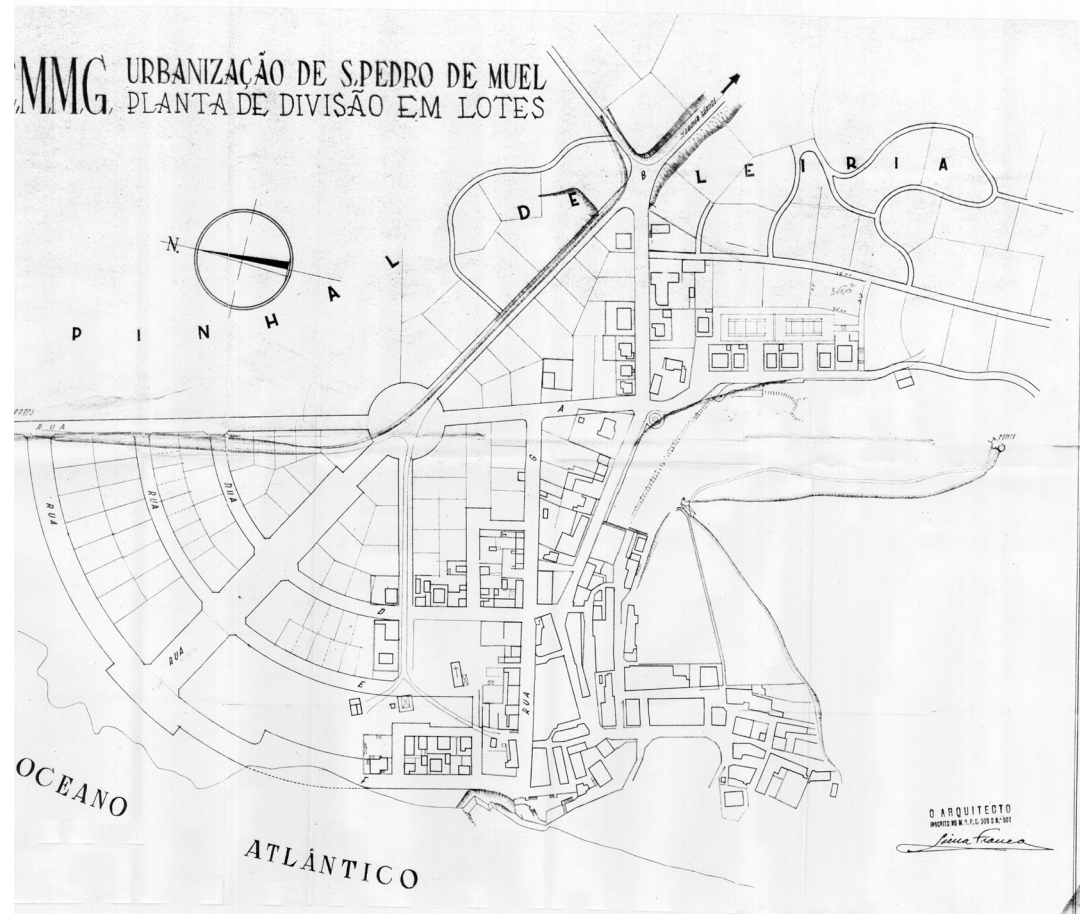
M A R I A J O S É E S T A N C O

ANEXO F

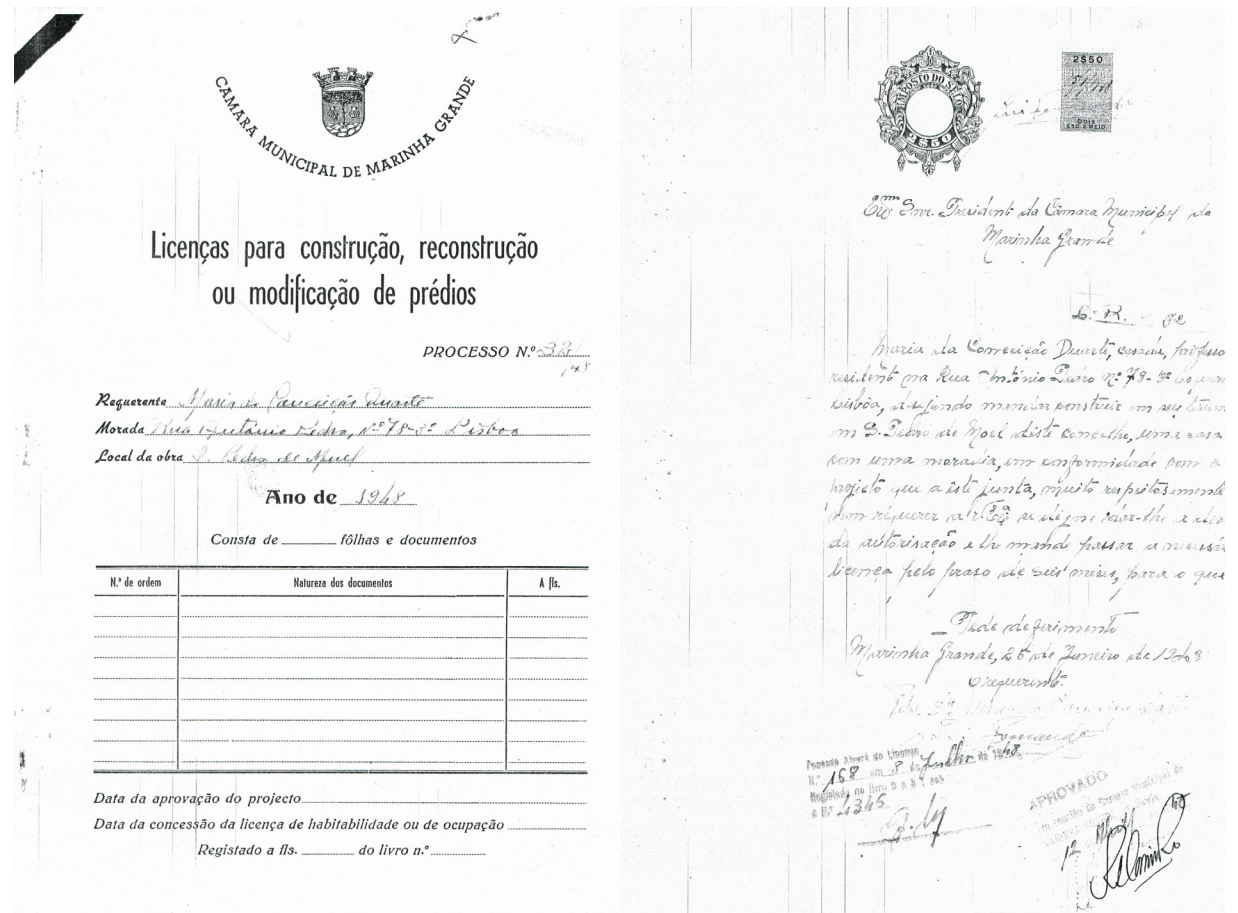
Casa em São Pedro de Moel



Ante Plano de Urbanização de S. Pedro de Muel, Lima Franco, 1947. Planta de Apresentação. Fonte: Quinta, E. S. (2010). São Pedro de Moel - Um Refúgio Moderno. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.



Ante Plano de Urbanização de S. Pedro de Muel, Lima Franco, 1947. Planta de divisão em lotes. Fonte: Quinta, E. S. (2010). São Pedro de Moel - Um Refúgio Moderno. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.





Terço de Responsabilidade

José Fernandes Pereira, construtor civil residente nesta Vila de S. Pedro declara que assume a responsabilidade de pela boa execução das obras a que se refere o projecto apresentado pelo Sr. Sr.ª D.ª Maria da Conceição Duarte, a levar a efeito na Vila de S. Pedro de Muel.

Lisboa Grande 3 Abril de 1948

Assinatura e subscrição de

José Fernandes Pereira

Rua Grande 5 de Lisboa, n.º 29
Apostado no Registo Notarial,
Após a entrega do respectivo
emolumento adicional e adp. 3190
em 1948 no Conservatório de Registos e N.º 42 de Lisboa

J. DE LIMA FRANCO
ARQUITECTO Informação N.º 32

Processo N.º 32/48

Nome do requerente Maria da Conceição Duarte

Local Rua A - S. Pedro de Muel

Julgo não haver inconveniente no deferimento da pretensão do requerente devendo, no entanto, a licença de habitação ser condicionada ao cumprimento dos artigos 16.º, 26.º, 27.º e 28.º.

Lisboa, 4 de Abril de 1948

O ARQUITECTO
INSCRITO NO R.º N.º P.º SOB O N.º 607

José Fernandes Pereira

Projecto duma casa de verão que a Senhora D. Maria da Conceição Duarte pretende construir em S. Pedro de Muel.

Memória descritiva

O lote de terreno onde se pretende edificar tem a forma de um trapézio rectângulo cujo lado menor confina com a rua A e tem em frente a rua G.

Deixou-se o logradouro da frente com as dimensões exigidas sendo a casa recuada de 5 m. do alinhamento da rua A e tendo os logradouros laterais 3 m. de largura; o logradouro de trás não pode ficar todo com 10 m. de profundidade por ter o terreno uma forma irregular.

O edificio que se pretende construir é uma modesta casa de verão, de um só piso, onde se procurou apenas um máximo de comodidades para nela se passarem os meses de verão, mas onde se procurou também conseguir um ambiente agradável e higiénico; tendo em vista a situação do lote procurou-se tirar o maior partido dela de forma que a sala de estar e jantar e o pátio de entrada ficassem justamente em frente da rua G para que se pudesse desfrutar a magnífica vista do mar sem sair de casa.

Todos os compartimentos têm janela e instalou-se exteriormente a pia de despejo embora com luz e ventilação directa. Todos os compartimentos têm 3 m. de pé direito.

Todo o soco da casa e ainda o chão do pátio da entrada é da pedra rústica e os degraus da entrada principal bem como o pavimento do vestíbulo são de tijoleira vermelha.

São pintados de verde os arcos e portadas exteriores (de xadrez) das janelas, as duas portas exteriores e ainda os beirais à portuguesa.

Os logradouros da frente e laterais serão ajardinados, e, parecendo-nos mais estético, serão os muros de vedação substituídos por sebe de verdura.

A construção será de blocos de cimento de 0,40 x 0,20 x 0,15 ao traço de 6/1; as paredes interiores serão de tijolo e os revestimentos serão de cal e cimento ao traço de 4/1.

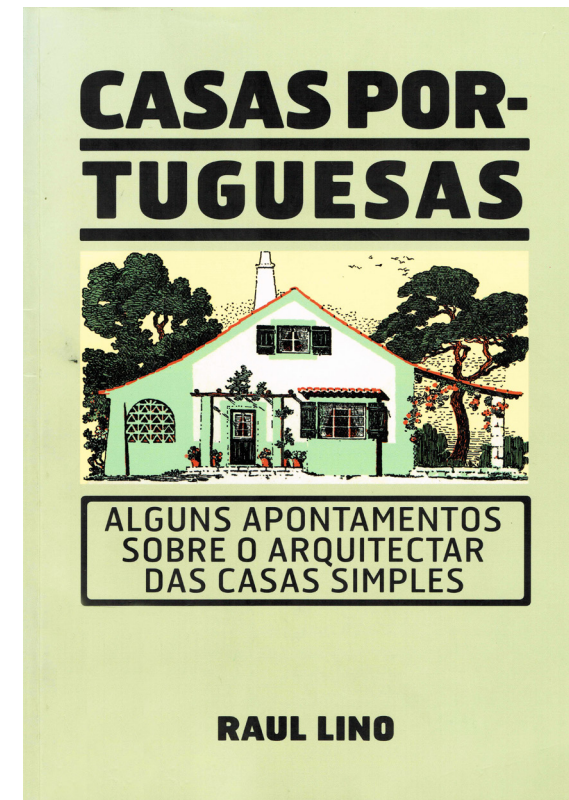
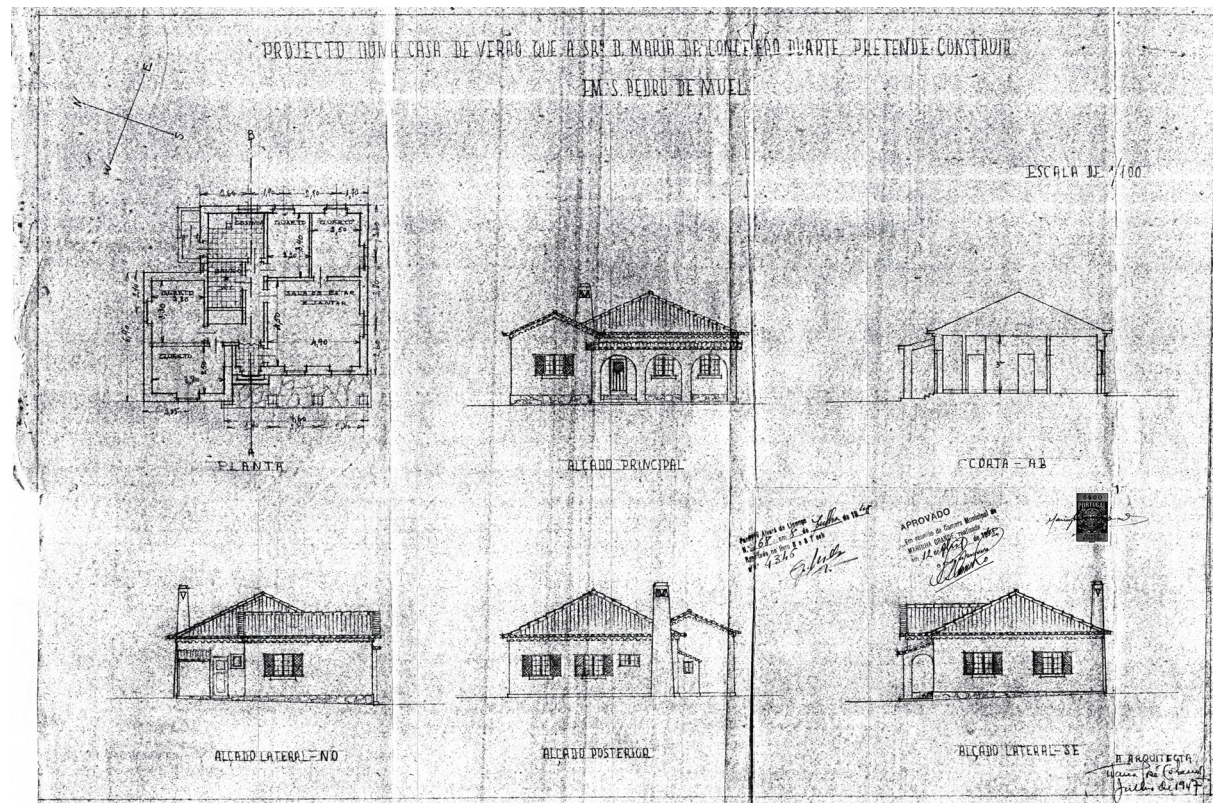
As fundações irão até profundidades possivelmente variáveis de 0,80 a 1,20 e serão de alvenaria com a largura de 0,50 e 0,60.

O sistema de esgotos é por meio de fossas.

Lisboa Julho de 1947

A arquiteta,

Maria da Conceição Duarte



ANEXO G

Ensino Liceal - Registo Biográfico e Entrevistas a Ex-Alunas

----- MARIA LLACH CHAVEIRO, Chefe de Secretaria do Liceu Nacional Dona Filipa de Lencastre, em Lisboa. -----
----- INFORMA que - MARIA JOSÉ BRITO ESTANCO, prestou serviço neste Liceu na categoria de professora Agregada Eventual, no ano lectivo mil novecentos e trinta e quatro - trinta e cinco, diário de governo número duzentos e quarenta e dois, de quinze de Outubro de mil novecentos e trinta e quatro, tendo entrado em exercício desde nove de Outubro de mil novecentos e trinta e quatro a trinta e um de Julho de mil novecentos e trinta e cinco. -----
----- Neste período o desconto para a Caixa não eram efectuados pelo serviço. -----
----- Mil novecentos e quarenta e dois - quarenta e três, colocada na categoria de Professora Auxiliar por despacho de um de Julho de mil novecentos e quarenta e dois, diário do Governo número duzentos e quarenta e oito, segunda série de vinte e três de Outubro do mesmo ano, tendo entrado em exercício de um de Outubro de mil novecentos e quarenta e dois a vinte e oito de Setembro de mil novecentos e quarenta e sete. -----
----- Data em que foi nomeada professora efectiva de Liceu Rainha Santa Isabel, por portaria de dezassete de Setembro de mil novecentos e quarenta e sete, diário do governo número duzentos e vinte e seis de vinte e sete de Setembro do mesmo ano, onde temo posse, tendo sido abonada por este Liceu de vinte e nove de Setembro de mil novecentos e quarenta e sete a trinta do mesmo mês e ano. -----
----- Todo o serviço foi prestado sem interrupção e desempenhado

em situação de caracter normal e permanente, tendo sido sempre remunerada por força de verbas orçamentais inscritas exclusivamente para Pessoal sob a designação de vencimentos. -----
----- Nos períodos em exercio na categoria de Professora Auxiliar descontou sempre a quota legal para a Caixa Geral de Aposentações. -----
----- Consta das folhas de vencimentos e de mais documentos arquivados na Secretaria deste Liceu. -----
----- Lisboa e Liceu Nacional Dona Filipa de Lencastre, em quatro de Abril de mil novecentos e setenta e cinco. -----
A CHEFE DE SECRETARIA,

Odivelas, 4 de Fevereiro de 1952

Exm.º Senhor Director Geral do Ensino Liceal

Ministério da E. Nacional

51/S
P. Ind.
MJ.L I S B O A
=====

Para os devidos efeitos, junto tenho a honra de enviar a V. Ex.ª um requerimento da professora Maria José Brito Estanco em que pede a demissão do lugar de professora efectiva do 9º grupo do Liceu Rainha Santa Isabel, no Porto, em virtude de ter sido nomeada professora efectiva do 6º grupo de disciplinas, neste Instituto.

A BEM DA NAÇÃO

A Directora

Aida da Conceição

Odivelas, 4 de Fevereiro de 1952

Exm.º Senhor Director do Arquivo de Identificação de

48/S.
P. Ind.
MJ.L I S B O A
=====

Para efeitos de lhe ser renovado bilhete de Identidade e satisfazendo ao preceituado no § 1º do artº. 9º do Decreto 12.291 Informo V. Ex.ª de que a portadora D. Maria José Brito Estanco, filha de Joaquim Francisco Estanco e de Maria da Conceição de Brito Estanco, é natural de Loulé (não consta freguesia nasceu no dia 26 de Março de 1905.

É casada com Raimundo da Silva Mendonça do da Luz e reside na Rua Ponta Delgada, 68 em Lisboa.

É professora efectiva do 6º grupo de disciplinas deste Instituto.

A BEM DA NAÇÃO

A Directora

Aida da Conceição

S. R.
MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
 Direcção do Serviço de Pessoal
 REPARTIÇÃO GERAL

N.º 34677 / 17
 Lisboa, 14 de Julho de 1965
 Ex.º Sr.ª Directora do Instituto de Odontologia

ASSUNTO: Professora efectiva, MARIA JOSÉ BRITO ESTANCO

REFERENCIA: Nota N.º digo, req. n.º 70 de 12-7-1965

1.º — Comunico a V. Ex.ª que, por despacho desta data, foi deferido o requerimento em que o individuo em epigrafe pede licença para se ausentar para França, Suíça, Alemanha Ocidental, Bélgica, Holanda e Inglaterra, durante o mês de Agosto e fins de Julho corrente, em viagem turística.

2.º — O interessado pagará os emolumentos das Secretarias de Estado, correspondentes ao período de tempo em que estiver ausente, nos termos do Decreto n.º 9605, de 19 de Abril de 1924 e a estampilha fiscal de 5\$00, a que se refere o artigo 107.º da Tabela Geral de Imposto do Selo.

O CHEFE DA REPARTIÇÃO,

Joaquim de Sousa Brites

Major

Modelo 21

S. R.
MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
 DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE PESSOAL
 REPARTIÇÃO GERAL

N.º 34677 / 17
 Lisboa, de de 1965
 Ex.º Sr.ª Directora do Instituto de Odontologia

ASSUNTO: Professora efectiva, MARIA JOSÉ BRITO ESTANCO

REFERENCIA: Nota N.º 322/S, de 11.7.1967

1.º — Comunico a V. Ex.ª que, por despacho desta data, foi deferido o requerimento em que o individuo em epigrafe pede licença para se ausentar para França, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Dinamarca, Suécia, Noruega e Finlândia, durante o período da sua licença disciplinar.

2.º — O interessado pagará os emolumentos das Secretarias de Estado, correspondentes ao período de tempo em que estiver ausente, nos termos do Decreto n.º 9605, de 19 de Abril de 1924 e a estampilha fiscal de 5\$00, a que se refere o artigo 107.º da Tabela Geral de Imposto do Selo.

O CHEFE DA REPARTIÇÃO,

Joaquim de Sousa Brites

Major

Modelo 21

186

21 Julho 9
 Chefe da Repartição Geral-Direcção do
 Serviço de Pessoal do Ministério do Exército
 LISBOA-2

442/S
 P.Ind.

Licença para ser gozada no estrangeiro

Depois de informado, junto remeto a V.Ex.ª um requerimento em que a professora efectiva deste Instituto, Maria José Brito Estanco pede autorização para se ausentar para Espanha, Brasil e Argentina, durante dois meses (fins de Julho a fins de Setembro).
 Junto remeto a V.Ex.ª um selo fiscal de 6\$00 (1 de 30\$00 e outro de 60\$00, para pagamento de emolumentos, a que se refere o Decreto-Lei n.º 48.756, de 11 de Novembro de 1968.

A Directora

Deolinda Santos

13 Julho 0
 Chefe da Repartição Geral-Direcção do
 Serviço de Pessoal do Ministério do Exército
 LISBOA-2

411/S
 P.Ind.
 MJ.

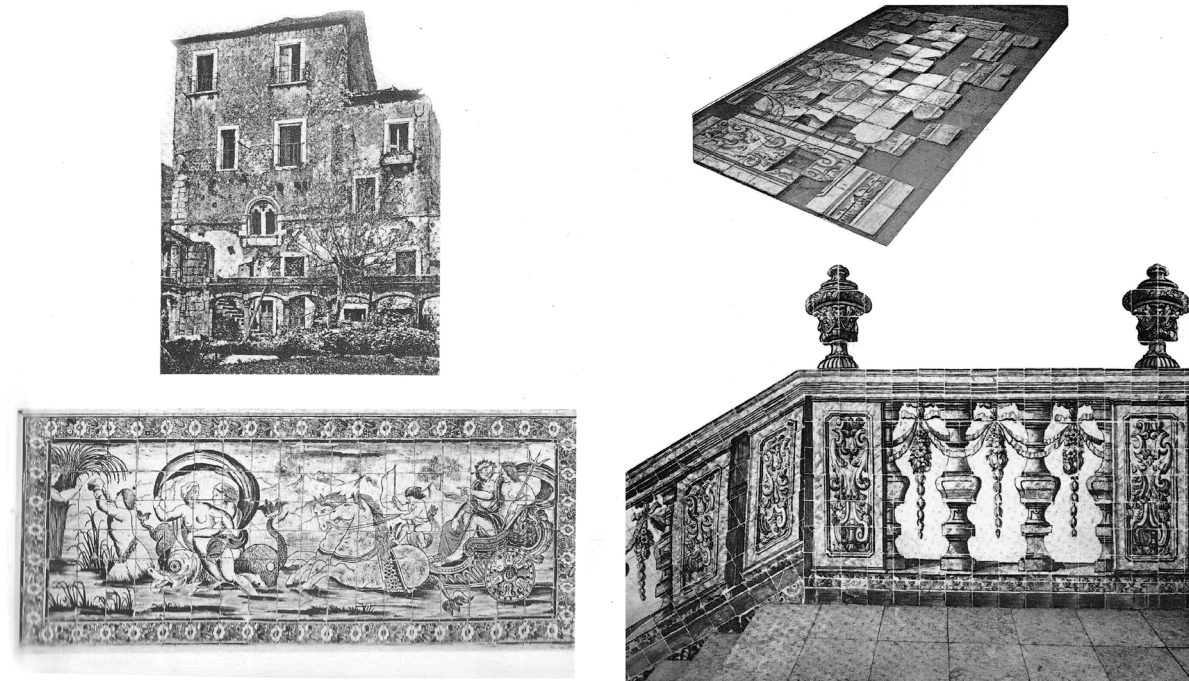
Licença para ser gozada no estrangeiro

Depois de informado, junto remeto a V.Ex.ª um requerimento em que a Professora efectiva deste Instituto, MARIA JOSÉ BRITO ESTANCO pede autorização para se ausentar para o estrangeiro durante o mês de Agosto.
 Para pagamento de emolumentos, vão coladas no requerimento estampilhas fiscais no valor de 66\$00, conforme Decreto-Lei n.º 48.756, de 11 de Novembro de 1968.

A Subdirectora

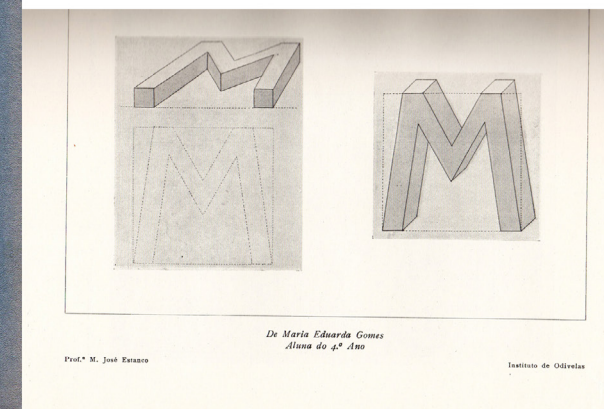
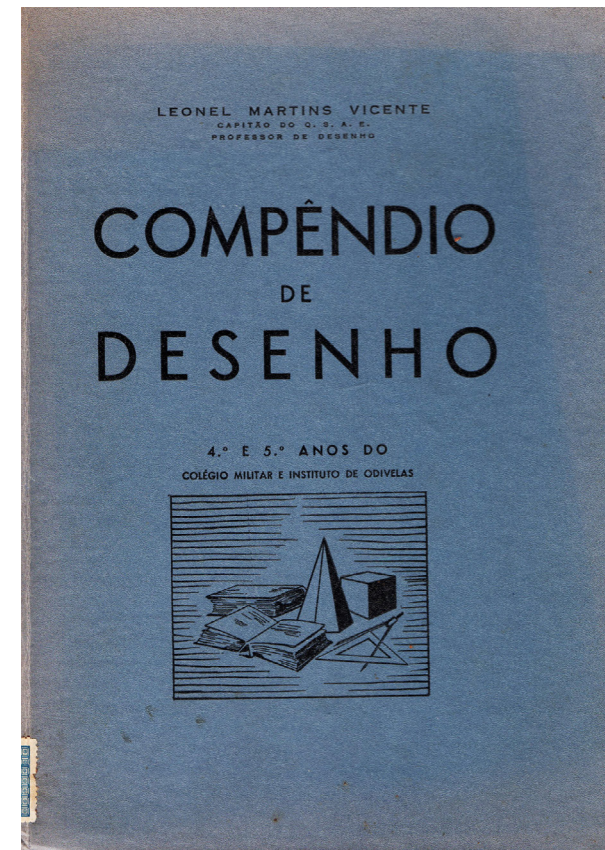
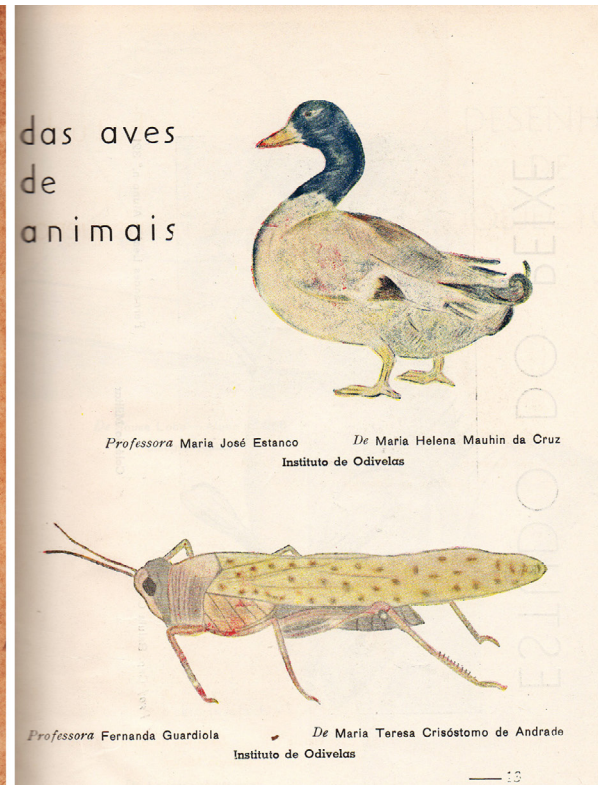
Ofélia Moreira de Sena Martins

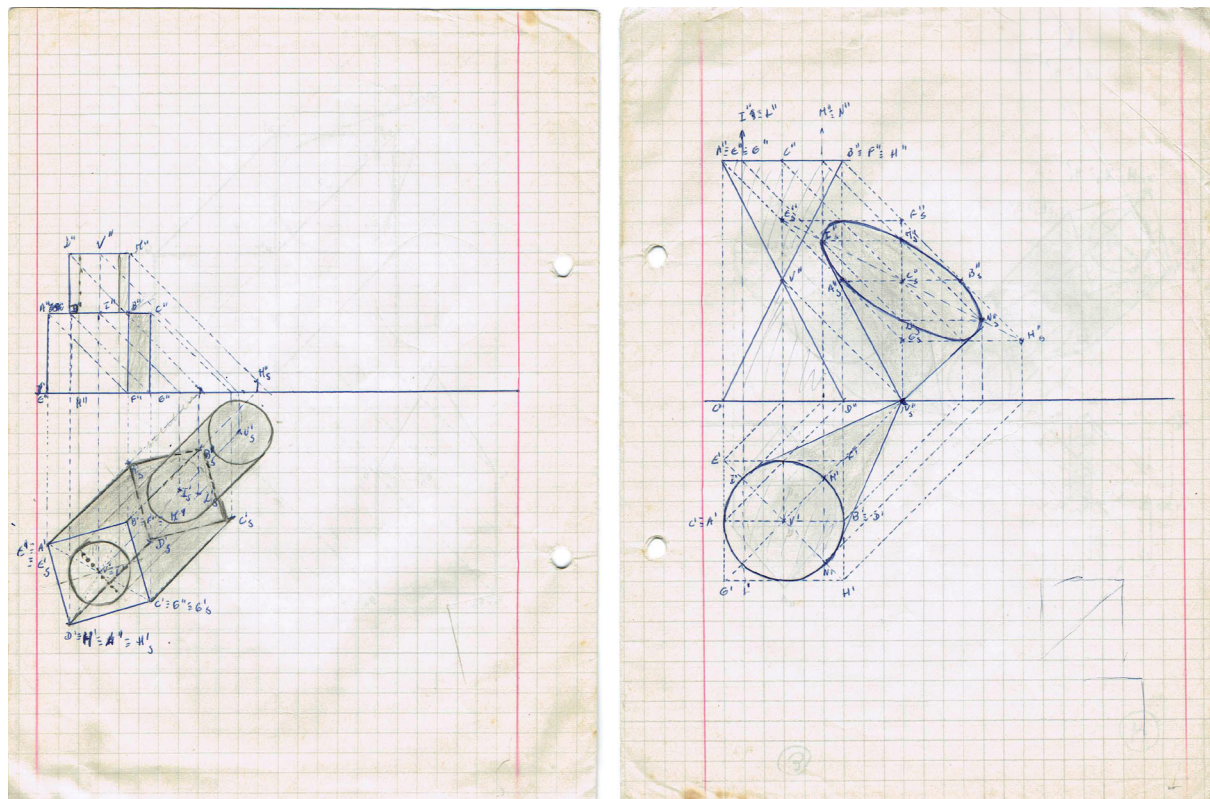
187



Restauro de Azulejos Portugueses, elaborado por um grupo de alunas cordenadas por Maria José Estanco, Instituto de Odivelas.








Exercícios de Desenho Geométrico elaborados por Lurdes Rapoula, ex-aluna de Maria José Estanco no Instituto de Odivelas.





No dia da inauguração do Sr. Pres. do Cons. 1961
 D. Maria José Estancos teve a ideia de fazer filis do tipo algarvio.
 bone as suas mãos de artista modelou-os. E encheu um
 lindo prato, feito na sua aula de Cerâmica. Os dois alunos
 mais pequenos do Instituto foram oferecê-los.

 INSTITUTO DE ODIVELAS v	SERVIÇO DA REPÚBLICA
	Odivelas, 26 de Março de 1975 Ao Sr. Chefe da 5ª Repartição do Estado Maior do Exército LISBOA 2
N.º 94/S P.º Ind.	Assunto: Aposentação de uma professora Referência:
<p>Tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª que atinge hoje o limite de idade a professora efectiva do quadro deste Instituto Maria José Brito Estanco.</p> <p>Com os meus cumprimentos</p> <p style="text-align: center;">A Directora</p> <p style="text-align: center;">Declinda Santos</p>	

1. ENTREVISTA COM MARGARIDA VILELA, JUNHO DE 2016, PORTO

Joana Roxo – D. Margarida foi aluna da Arquiteta Maria José Estanco em que Liceu do Porto?

Margarida Vilela – No Liceu Rainha Santa Isabel. Entretanto eu encontrei uma fotografia nas minhas coisas antigas da Dra. Maria José Estanco [...] Ela é do ano de 1951, está ela e uma colega, uma filha de uma colega que eu conhecia e um rapazinho, deve ser o filho dela, deveria ter uns sete ou oito anos. Vê-se perfeitamente a cara dela, assim que a vi disse logo está aqui, com uma outra professora que foi professora de Inglês. [...] Nesta fotografia em 1951 eu já andava no antigo 3º ano, no que é agora o 7º ano de escolaridade, portanto eu fui aluna dela ou no 1º ou 2º ano. Eu achava que ela só tinha estado um ano ou dois no Rainha mas pelos visto ela deve ter estado três. Portanto eu entrei no liceu em 1941/1942 e ela foi minha professora em 1948/1949. Em 1951 ainda estava porque esta fotografia, por acaso é de 1951, estava escrito atrás a data na fotografia, ela deve ter estado três anos no Rainha Santa Isabel.

JR – Que disciplinas é que teve com a Arquiteta?

MV – Eu só tive, portanto, antigamente o que agora se chama Educação Visual, chamava-se Desenho no 1º ciclo. No 2º ano do liceu era parte de Desenho, portanto havia uma professora que dava Desenho, no meu caso era a Dra. Eugénia Canto Moniz e ela era a que dava a parte digamos prática de Trabalhos Manuais, a disciplina chamava-se Desenho e Trabalhos Manuais.

JR – Que tipo de exercícios faziam durante as aulas?

MV – Só me lembro de ter feito com ela, embora possa ter feito outros, coisas que provavelmente estavam relacionadas com a Matemática que nós dávamos nessa altura. Eu lembro-me de ter feito uma caixa em cartão, portanto retangular forrada em estopa por fora e por dentro forrada em chita ou algo do género, tinha uma tampa bordada e uma espécie de fivelinha com um botãozinho ou uma mola. Esse é o único trabalho que eu me lembro de ter feito com ela mas devo ter feito outros. Nós usávamos cartolina, dobrávamos, construíamos sólidos e essas coisas todas, por isso é que eu digo que se calhar o que fazíamos estava relacionado com o que se passava em Matemática.

JR – Alguma fiz fizeram esmaltes nas aulas?

MV – Não.

JR – Pergunto isto porque em outros Liceus onde a Arquiteta foi professora o esmalte era uma das técnicas que ensina as alunas.

MV – Não, não havia mufla no Rainha no meu tempo, mais tarde quando já era professora aprendi a fazer esmaltes.

JR – Quantas horas semanais tinham de Desenho?

MV – Penso que devíamos ter uma hora por semana.

JR – Quantas alunas tinha a turma?

MV – A minha turma do 1º ano tinha 25 alunas, eu era a numero 24, no 2º ano era mais ou menos a mesma coisa. Naquela altura quase não havia reprovações, eram muito raras. O horário era das 9h00 às 12h05 e das 14h às 17h20.

JR – Quantas turmas havia em cada ano?

MV – Cada turma tinha uma professora de Artes Visuais, no 1º ano havia as turmas A, B, C e D e no 2º ano eram só três A, B e C.

JR – Algumas vez a arquiteta contou em aula que tinha sido a primeira mulher a formar-se em Arquitetura?

MV – Não para mim foi uma surpresa quando a Joana me contou, eu não imaginava que ela fosse arquiteta pensava que era uma professora de Desenho, como outra qualquer talvez das Belas Artes sim, não sabia isso, fiquei muito admirada.

JR – Como é que descreveria a arquiteta Maria José Estanco como professora e como pessoa?

MV – Como pessoa, o contacto era relativamente pouco, nós eramos muito pequenas eu entrei no liceu com nove anos, naquele tempo os professores eram um pouco distantes. Não há o contacto que há hoje que se pode ficar amiga de uma professora, a única exceção é a colega que vai ver com ela na fotografia que foi minha professora de inglês no 3º ano. Determinou a minha vida, foi por isso que eu me formei em Germânicas, era muito para a frente até nos convidava para ir a casa dela. Não era o caso da Maria José Estanco, ela ia dava as suas aulas, quando precisávamos ela ajudava, era uma pessoa que não era quer dizer ela tinha cuidado com as alunas, não era uma professora que dissesse faz o trabalho e senta-te para aí ou faz o trabalho e fica aí sentada não em aborreças nada. Se nós precisássemos de alguma coisa íamos ter com ela e ela ajudava, orientava o trabalho, tenho uma boa ideia dela como professora.

2. ENTREVISTA A JOAQUINA CADETE PHILLIMORE, JUNHO DE 2016, LISBOA

Joana Roxo – A D. Joaquina para além de ex-aluna da arquiteta Maria José Estanco é Diretora da Associação de Antigas Alunas do Instituto de Odivelas, há quantos anos está a frente da Direção?

Joaquina Cadete Phillimore – Como presidente da Direção desde 2014, de 2011 a 2013 fui presidente da Mesa da Assembleia Geral.

JR – D. Teresa em que ano é que foi aluna da Arquiteta Maria José Estanco?

JCP – Fui entre o 4º e o 5º ano, portanto nos anos letivos entre 1963/1964 e 1964/1965.

JR – Que disciplinas é que teve com a arquiteta?

JCP – Só tive mesmo Desenho e na altura não se chamava mas a professora introduzia a chamada Geometria Descritiva.

JR – Que tipo de exercícios é que faziam durante as aulas?

JCP – Tínhamos dois tipos, tínhamos o chamado Desenho á vista e o Desenho Geométrico. Eu não era uma aluna extraordinária nessa área, quando a professora Maria José Estanco dizia “meninas estão a ver aqui este sólido?” Eu não via absolutamente nada mas havia colegas minhas que viam perfeitamente, eu confesso que não via coisa nenhuma. Via o sólido que me punham na frente e depois tínhamos de saber dizer quais as propriedades do sólido e etc, o cubo e o paralelepípedo até percebia, o cone também não era mau agora quando entrávamos com os sólidos mais complexos eu fica completamente perdida. Uma das coisas que hoje ainda me lembro que trabalhávamos com ela era o Desenho á vista, era trabalhar com a bitola e ainda transmiti esses conhecimentos aos meus filhos quando já quase ninguém fazia isso. Tínhamos um primeiro momento em que estava dividido ao meio, em papel quadriculado, a primeira parte depois de estar certinha para depois medir, marcávamos os pontos e a seguir desenhávamos, eu ainda tenho um ou outro desenho. Eu penso que tenho uns sólidos que fiz nas aulas com ela mas ainda não tive tempo de ir ao sótão procurar. Mas isto está muito bem explicado num livro que ela fez, já deve ter tido acesso ao livro que ela fez com um professor do Colégio Militar?

JR – Não, não sabia desse livro.

JCP – Mas eu vou conseguir esse livro para ver, ela fez um manual com um professor do Colégio Militar. Este manual foi usado por várias gerações, a tutela dos colégios era Militar pode ter sido o Estado Maior que pediu que fizessem o livro. Lembro-me bem que uma das áreas que a arquiteta Maria José Estanco nos ensinava e que me marcou muito, foi História de Arte, ensinava tão bem que o que sei ainda hoje vem do tempo em que aprendi com ela.

JR – Quantas horas semanais tinham de Desenho?

JCP – É uma pergunta extraordinária, mas estamos a falar com cinquenta anos de distancia, mas tínhamos pelo menos com certeza duas vezes por semana. Imagino que seriam aulas de pelos menos duas horas ou hora e meia.

JR – Quantos alunas tinha a turma?

JCP – Eramos umas vinte, não muito mais. Eu estava no 4º e 5º anos antigos e as turmas eram grandes, nada como cá fora, portanto no máximo vinte alunas.

JR – Algumas vez a arquiteta contou na aula que tinha sido a primeira mulher a formar-se em Arquitetura?

JCP – Sim sim, eu sabia porque na minha época nós gabávamo-nos porque os professores cá fora podiam dar aulas sem fazer o exame de admissão do Estado que corresponde á tese e essas coisas todas e no Instituto não entrava ninguém que não tivesse feito esse exame.

Era para nós um motivo de grande orgulho dizermos que andávamos no Colégio onde todas as professoras eram não só licenciadas mas com exame de Estado. Tínhamos algumas pessoas com características extraordinárias, tínhamos a professora Maria José Estanco que sabíamos que era a primeira arquiteta portuguesa, a nossa professora que era cientista e ela dizia “nós os cientistas” e adorávamos aquela expressão, que era amiga da Maria José Estanco elas faziam imensas viagens juntas, era ela a professora Henriqueta Louro. Viajavam era uma coisa que à época não se fazia muito e era uma coisa que faziam sozinhas, embora as duas fossem casadas, lembro-me de uma viagem que fizeram a Israel e que quando vieram a professora Henriqueta Louro nos contou. [...] Apesar de ser arquiteta tratávamo-la por “Senhora Dona” como a todas as professoras. A arquiteta e a professora Henriqueta Louro, eram duas professoras muito respeitadas e algo temidas, eram duas professoras muito seguras de si sabiam muito bem o seu valor e impunham essa imagem de valor profissional. Eram pessoas cultas, viajadas, com vivências assina do comum na altura, tinham sempre histórias para nos contar. Depois eram pessoas de rigor, elas

trabalhavam muito com as colegas de matemática, lembro-me que comecei a perceber um pouco mais de Geometria quando a ligação com a professora de matemática se estabeleceu e nós os sólidos eram trabalhos, não eram bem os sólidos eram as frações eram trabalhadas através dos sólidos. A arquiteta Maria José Estanco, do meu ponto de vista, era uma ligação de respeito e não gosto da palavra medo, mas não era alguém que nos deixasse muito a vontade, quando íamos para as aulas dela íamos cientes que íamos para uma aula a sério e exigente, ela e a outra colega de Ciências. Eu não a tratava por arquiteta, mas quando falava nela cá fora tinha imenso orgulho em dizer que tínhamos uma professora de Desenho que era a primeira arquiteta portuguesa, isso enchíamos de orgulho.

JR – Como é que descreveria a arquiteta Maria José Estanco como professora e como pessoa?

JCP – Rigorosa é a palavra que me vem à cabeça, para mim era uma pessoa com um trato afável mas algo distante, não era desagradável mas não era uma pessoa junto da qual eu sentisse uma facilidade de contacto como sentia com outras professoras. O que me vêm imediatamente á cabeça era o rigor, uma pessoa muito rigorosa. Daquilo que me lembro dela não seria uma pessoa fácil no trato, mesmo naquele vídeo na internet onde já tinha oitenta anos não facilitou a vida a ninguém, o que era para ser dito era para ser dito, não estava com rodeios. Creio que se notava que era uma pessoa que lamentava não ter conseguido seguir a sua área de arquitetura e ter de optar pelo ensino e fazia questão que toda a gente soubesse que ela era arquiteta e a primeira.

3. ENTREVISTA A ISABEL BORBA, JUNHO DE 2016, LISBOA

Joana Roxo – D. Isabel em que ano é que foi aluna da arquiteta Maria José Estanco?

Isabel Borba – Eu fui aluna dela nos meus 3º, 4º, 5º, 6º e 7º anos correspondendo ao 11º ano. Em sai em 1970, portanto comecei a ser aluna dela em 1965.

JR – De que disciplinas foi aluna e que matérias eram dadas?

IB – Tive Desenho, História de Arte e Geometria Descritiva, estas ultimas eram incluídas na disciplina de Desenho. Por exemplo Geometria Descritiva, se não me engano, foi só nos 6º e 7º anos. Fazíamos muitas vezes problemas de um sólido, um cone ou outro, que fosse intersectado por um plano a x graus e tínhamos de representa-lo no 1º, 2º, 3º e 4º quadrante. A professora dava os dados e depois de estar feito o problema nós tínhamos que pintar, as sombras, o sólido, o plano e tínhamos de passar a tinta da china com uma coisa, que vocês hoje em dia não sabem o que é, um tira-linhas. Às estava o problema certo era a primeira parte, depois estava bem executado segunda parte mas depois olhe cai um burrão de tinta da china e tínhamos de fazer tudo de novo. Também fazíamos desenho á vista mas eramos mais novinhas.

JR – Recorda-se das aulas de História de Arte?

IB – As aulas de História de Arte eram giríssimas, porque nós era um mundo diferente, havia muito pouco não tínhamos televisão e nós íamos conhecendo pintores, arquitetos, artistas múltiplos através dos olhos dela. Ela era uma senhora muito viajada, era muito giro, porque para a época sendo uma senhora, era assim uma exceção, ela foi a primeira arquiteta portuguesa, portanto imagine. Era muito simples, era uma excelente professora. Não diria que era muito carinhosa, até porque não se usava que os professores fossem muito carinhosos com os alunos, mas nunca ralhava connosco nem falava mal.

JR – Houve colegas suas que me contaram que costumava trazer postais das viagens que fazia para mostrar às alunas.

IB – Exatamente, lembro-me que foi ao Egipto, tinha trazido montes de postais, comprou livros, levava para o Instituto e depois nós juntávamo-nos todas á volta dela e ela contava e explicava como é que tinha sido, o que sabia da parte de história. Da europa ela conhecia muita coisa, toda

a parte da arquitetura clássica ela conhecia tudo. Como o marido era pintor, ela falava imenso do marido

e tinha uma grande admiração, falava dele com muita admiração.

JR – Alguma vez foi numa visita de estudo com ela?

IB – Claro que sim, quando eram visitas de estudo de coisas organizadas por ela, onde era a mentora da visita mostrava-nos tudo. Há uma coisa que dá para perceber como nós gostávamos dela, no meu 7º ano a divisão das áreas não é bem como é agora, eu escolhi a alínea F que dava para Matemáticas, Biologias e essas coisas. Contudo não dava para Arquitetura, então eu e algumas pessoas da alínea de Desenho para subir a média. Eu tenho duas senhoras do meu ano que foram para arquitetura. Tiveram de fazer o Exame de Estado para serem admitidas, para além dos exames teóricos tinham de fazer um exame de Desenho de Estátua, mas estas aulas eram dadas por professores das Belas Artes. Ela dava-nos muitas dicas e truques para desenharmos muito bem.

JR – Quantas horas semanais tinham de Desenho?

IB – Olhe que não eram tão poucas quanto isso mas deviam ser duas ou três vezes por semana, porque também tínhamos Trabalhos Manuais mas não era com ela.

JR – Lembra-se de quantas alunas tinha a turma?

IB – Eram poucas, normalmente umas 17 ou 20 alunas.

JR – Alguma vez ela a arquiteta mencionou nas aulas que tinha sido a primeira mulher a licenciar-se em Arquitetura?

IB – Sim isso sim. Ela achava tudo muito normal, era muito humilde nas suas capacidades, de facto tinha sido a primeira arquiteta. As nossas professoras eram muito boas. Lembro-me de ela explicar de uma forma muito fácil aquelas matérias muito complexas, os quatro quadrantes ela fazia em papel e depois nos mostrava e o facto dela nos ter aberto o espírito para coisas novas. Naquela altura o programa do Instituto era diferente do de cá fora, e as pessoas tinham Geometria Descritiva no ensino técnico e lembro-me de explicar aquelas coisas a amigas e nunca tinham dado.

JR – Alguma vez nas aulas fizeram esmaltes?

IB – Não mas eu acho que ela fazia, o nosso programa era muito denso e não houve tempo.

JR – Como é que descreveria a arquiteta como professora e mesmo como pessoa?

IB – Era senhora rigorosa, contudo suave e muito interessada no que ensinava. Ainda hoje as coisas que eu sei de História de Arte foi ela que me ensinou a saber olhar.

4. ENREVISTA A TERESA VAZ, JUNHO DE 2016, PORTO

Joana Roxo – D. Teresa em que anos foi aluna da arquiteta Maria José Estanco?

Teresa Vaz – Eu sou arquiteta de profissão, os meus anos em que fui aluna dela, ou seja, o antigo 6º e 7º anos, depois vim para as Belas Artes aqui no Porto, eu nasci em na primavera de 1953 pode fazer as contas.

JR – Que disciplinas é que teve com a arquiteta?

TV – Tínhamos aulas com ela pela tarde e parece que estou a ver o sol a entrar pelas janelas, sobre os estadores onde desenhávamos, entre outras coisas, linhas de terra, pontos, retas, planos, etc. Ela paciente a explicar aquele imbróglio da Geometria Descritiva que só pode ter duas soluções: ou se percebia o que era explicado e tudo corre pelo melhor, ou não se percebe de todo e é uma desgraça! A geometria descritiva não tem solução intermédia! E a propósito disto, mas sem me lembrar dos nomes das protagonistas, lembro-me de um episódio que me deixou comovida. Já não sei como eram os “pontos” que fazíamos e em que folhas, mas lembro-me de que entre nós havia alguém que era uma barra a Geometria, vou-lhe chamar Ana, e alguém bastante menos feliz a quem chamarei de Maria, que pura e simplesmente não pescava nada do assunto... Combinaram ficar juntas e como já expliquei, se não se souber um bom bocado de Geometria, nem se consegue sequer copiar, e portanto recorreram a um estratagema: Sem assinar a prova logo ao início Ana fez a prova toda impecável e foi passando as folhas à Maria - alguém distraía a José Estanco nestas passagens. E depois de a prova estar toda nas mãos da Maria, é que a Ana ainda foi resolver, agora para si, alguns dos exercícios, não todo pois não teve tempo. Resultado, a Maria teve uma nota excelente pela sua ignorância, e a Ana não conseguiu provar quanto de facto sabia e teve uma nota muito mais baixa. Salvou-se com a solidariedade e admiração de todas nós.

Outra lembrança tem a ver com um exercício que nos mandou fazer que mais não era do que projetar uma casinha, de fim de semana talvez, uma coisa pequena, só em planta, para aprendermos a representar as paredes, as escadas, as portas e janelas. Foi com um grande entusiasmo que o fiz e, a foi de facto a primeira casa que projetei na minha vida! Ainda me estou a ver a explicar-lhe como funcionava. Um dia ela levou uma imagem de um desenho feito pelo marido, que é um Cristo na Cruz. Ela levou-nos e eu confesso que tinha visto nas minhas pesquisas pessoas na biblioteca, tinha visto um Cristo que achava parecido com o do Salvador Dalí. Isso confirma o gosto que ela tinha em nos mostrar as coisas do marido. Nós tínhamos uma professora de história que era brilhante, não sei se está familiarizada com o regime de estudos

do Colégio, nós fazíamos sete anos de liceu, fazíamos três anos mais dois, até ao 3º ano depois o 4º e o 5º onde escolhíamos a alínea. Nós estudávamos Latim, mesmo os cursos de Ciências, tínhamos História e possivelmente História de Arte. Como havia professoras que eu gostava muito, a Maria José Estanco era uma pessoa que respeitava muito, e se calhar influenciou-me. O Colégio fazia muitas visitas de estudo.

JR – E lembra-se da arquiteta vos ter acompanhado em alguma visita?

TV – Muito provavelmente ela até nos acompanhou na viagem que fizemos a Santiago de Compostela, no fim do curso. A única coisa que posso dizer que no Colégio havia uma preocupação enorme. Fazíamos visitas desde as fábricas, às fundições, íamos a zona da química ali em Vila Franca, como íamos ao Palácio de Sintra, à Gulbenkian. A Gulbenkian abre, não a parte de CAM, quando abre nós fomos fazer uma visita e lembro-me perfeitamente que a pessoa que foi connosco, que de certeza que foi a Maria José Estanco, despertou e mim um encantamento tal. Tínhamos á época uma Diretora era uma pessoa que não reagiu nada bem à Gulbenkian, mas eu senti-me profundamente incomodada por ter tido uma mensagem de abertura à modernidade, e ela a dizer que lhe apetecia pegar fogo aquilo tudo. É muito possível que tenha sido a Maria José Estanco a levarmos a conhecer a Gulbenkian.

JR – Quantos alunas tinha a turma?

TV – Muito poucas, umas dez. Era um ensino muito próximo, muito assistido, muito cuidado, muito bom. Nós tínhamos um contacto, nas aulas, muito próximo com as professoras, penso que de todas as pessoas que tomavam conta de nós, a relação com as professoras era aquela que podia ser mais próxima.

JR – Ainda guarda algum trabalho que tenho desenvolvido em aula?

TV – Não, eu minha casa era eu, mais seis irmãos, todos rapazes e a minha mãe deitou tudo fora.

JR – Como é que descreveria a arquiteta Maria José Estanco como professora e como pessoa?

TV – É assim, a educação era de grande respeito, ela era uma pessoa rigorosa, até porque a matéria exigia que se tivesse atenção. Penso que era uma pessoa com uma postura muito serena. Era capaz de ralar mas também de rir, exigia atenção, tinha gosto que a gente gostasse das aulas dela e fizesse comentários. Uma mulher com um perfil discreto. O que eu achava muito bonito era a admiração pelo marido.

JR – Algumas vez a arquiteta contou na aula que tinha sido a primeira mulher a formar-se em Arquitetura?

TV – Penso que talvez soubéssemos, apesar de não lhe atribuirmos nenhuma importância especial. A Maria José Estanco era uma mulher de equilíbrio.

5. ENTREVISTA A TERESA RAPOULA, JUNHO DE 2016, LISBOA

Joana Roxo – D. Teresa em que ano é que foi aluna da Arquiteta Maria José Estanco?

Teresa Rapoula – Eu fui aluna dela nos anos, eu entrei em 1963 mas nos primeiros anos tive outra professora. Eu penso que tive entre 1966 e 1970.

JR - Que disciplinas é que teve com a arquiteta como professora?

TR – Era o Desenho.

JR – Que tipo de trabalhos é que faziam durante as aulas?

TR – Eu penso que nos primeiros dois anos fazíamos muito desenho á vista. Eu aprendi com ela a fazer aquelas medições com os lápis isso tudo com ela, aprendi sombras, costuma ter umas coisas em gesso e umas folhas recortadas etc. Portanto nos desenhávamos a ver as sombras e depois aprendi e mesmo nas férias fazia em casa para me entreter. Lembro-me sempre do Desenho Geométrico, nós devíamos ter dois tipos de aulas umas era o Desenho Geométrico e outra de Desenho á vista, do primeiro lembro-me bastante bem apesar de não ter muito jeito, eu era mais para as letras, lembro-me de fazermos coisas bastante avançadas com sombras e perspectivas. Nós tínhamos as nossas dificuldades e ela lembro-me de ser uma pessoa que nunca levantou problemas, a imagem que eu tenho é de uma pessoa que não se ria muito, um pouco fechada até mas paciente. Fazíamos desenhos em tinta da china e aguada para fazer as sombras, eu lembro-me das aulas que até era boa aluna, tinha boas notas com ela, não me lembro como outras colegas com quem falei de postais que trazia das viagens para nos mostrar. Olhe trouxe estes trabalhos que fiz com a professora Maria José Estanco, apontamentos já não tenho mas tenho estes.

JR – Alguma fiz fizeram esmaltes nas aulas?

TR – Esmaltes não, uma colega minha contou-me que a professora fazia trabalhos em estanho muito bonitos num local junto á capela.

JR – Quantas horas semanais tinham de Desenho?

TR – Eu penso que tínhamos uma vez por semana, não me recordo o tempo.

JR – Algumas vez a arquiteta contou na aula que tinha sido a primeira mulher a formar-se em Arquitetura?

TR – Olhe eu não sabia descobri agora a pouco tempo, enquanto aluna não sabia, nem sabia que era arquiteta. Nós tratávamos todas as professoras por “Senhora Dona” porque havia professoras de por exemplo costura ou bordados, que não eram licenciadas e para haver uma certa uniformidade entre todas travamos todas por “Senhora Dona” e não por doutoras. Eu agora que me recordo já sei quando descobri que ela era arquiteta, eu moro em Telheiras e a pouco tempo inauguraram uma rua com o nome dela lá, depois vi na Internet ou no jornal que vi que era ela.

JR – Como é que descreveria a Arquiteta Maria José Estanco como professora e como pessoa?

TR – A ideia que eu tenho dela é que era uma pessoa muito discreta. Tenho uma ideia dela muito calada e talvez entre o triste e o melancólico. Tenho ideia de umas aulas calmas com um ambiente descendido mas não formal, até porque agora para vocês deve ser um pouco difícil de entender porque não tinha nada a ver com o ensino atual. A relação que se tinha com os professores era mais formal. Não havia stresse, nem medo, estávamos á vontade mas não a vontadinha.

6. ENTREVISTA A LURDES GUERREIRO, JUNHO DE 2016, LISBOA

Joana Roxo – D. Lurdes em que ano foi aluna da arquiteta Maria José Estanco?

Lurdes Guerreiro - Estou a fazer contas porque já foi a muitos anos. Eu fui aluna dela, nos anos letivos entre 1969 e 1973.

JR – De que disciplinas foi aluna e que matérias eram dadas?

LG – Foi a minha terceira professora de Desenho no Instituto. Eu estava no curso que dava acesso à Faculdade de Belas Artes, que era o curso que havia na altura de Formação Doméstica e Primeiros Socorros. Tínhamos muitas horas de Desenho, tínhamos até o exame de aptidão profissional que constava de exame de Bordados, Costura e Desenho. Sendo que o de Desenho, era o primeiro onde desenhávamos normalmente flores depois eram estilizadas e daí era escolhido um desenho para bordar. A professora Maria José Estanco foi de facto durante aqueles três anos a pessoa que me marcou, marcou-me para a vida, nós dizíamos que o olhar dela era ao milímetro. Fazíamos um desenho por exemplo um quadrado e ela dizia “este lado tem mais um milímetro que aquele” e nós íamos confirmar e tinha mesmo. Ela nesse tempo, nesses três anos foi a pessoa que me deu a precisão das coisas, porque a primeira professora de Desenho era pintora, era mais um desenvolvimento artístico. Depois tive uma outra professora durante um ano, a Arquiteta Silva Sá Dantas, que eu lembro-me de um dia que desenhei uns cartões, uns convites para uma festa na altura qualquer coisa sobre o Milagre das Rosas, eu pintei umas rosas e ela olhou para o cartão e disse olha faz aqui uns riscos e fiz uns riscos, ela deu-me atrevimento. Depois veio a professora Maria José Estanco que foi de facto a pessoa com quem eu mais trabalhei em várias áreas, trabalhamos o estanho, o cobre, fizemos peças as nossas joias, pendentos em cobre, tínhamos lá no colégio uma mufla pequena onde cozíamos esses trabalhos. Houve um trabalho muito grande que há-de lá ficar, espero bem que o Instituto não caia, porque nós fizemos restauro de azulejos. Havia uma grande quantidade de azulejos, fizemos com uma outra professora que era professora de português, reconstruímos esse puzzle e depois os bocados que faltavam foram trabalhados com a professora Maria José Estanco. Os cantinhos, os bocadinhos que faltavam restauramos, aquilo tudo e esses painéis foram colocados na escadaria que dava acesso ao corredor das salas de aula.

JR – Esses painéis de azulejos ainda existem?

LG – Sim e mesmo outros painéis que nós restauramos tudo aquilo foi feito naquela altura. Eu creio que foi no ano letivo de 1971/1972 nós regressamos de férias grandes e tivemos a enorme surpresa de ver os azulejos todos colocados nas paredes. A professora era uma pessoa que embora algumas colegas digam que era muito rígida, muito seca, eu acho que não, era muito exigente. Não sei se sabe, ela teve blau coma e já no meu último ano ela tinha de por gotas nos olhos a horas certas, de maneira que ela me elegeu a mim para lhe por as gotas nos olhos. É uma pessoa que tem lugar cativo no meu coração, anos mais tarde a minha filha era bebé isto á quarenta ou quarenta e um anos fui visitar o Instituto e fui obviamente visitar, a minha professora predileta. Estava a dar e ela pôs umas almofadas no estrado, portanto a sala de desenho tinha um estrado com um degrau onde estava a secretária, ela pôs umas almofadas ali no chão e a minha filha esteve a aula ali no estrado e tivemos uma hora de conversa muito agradável, tudo aquilo que eu tenho a dizer é que de facto aprendemos muito.

JR –A disciplina de Desenho que tinham era Desenho Geométrico?

LG – Não era um Desenho aplicado a nossa área dos Bordados, portanto desenhávamos muita coisa para depois aquilo poder ser adaptado ao bordado, é evidente que ela falava e ensinava-nos muita coisa de História de Arte.

JR – Quantas horas semanais tinham de Desenho?

LG – Penso que tínhamos umas seis horas por semana, como era uma disciplina que depois fazia parte do exame de aptidão profissional. Quando nós saíamos daquele curso não era para Arquitetura mas era para a Faculdade de Belas Artes, Pintura, Escultura e, portanto, era uma disciplina muito importante para nós e de exame obrigatório, de outras podíamos dispensar o exame mas desta disciplina não.

JR – Fora desse ambiente de sala de aula havia algum tipo de relacionamento entre alunas e professoras?

LG – Não repare isto foi a muitos anos atrás, contudo o ambiente dentro da sala de aula pelo menos na nossa turma que era a maior do curso tinha 7 alunas, está a ver tanta gente, o ambiente era francamente bom, conversava-se não apenas sobre matéria, falava-se sobre tudo. A professora Maria José teve muita pena de não ter voltado a vê-la, era uma pessoa que o olhar dela não era duro, eu gostava muito dela mesmo. Eu tenho ouvido algumas colegas mais velhas a dizer que ela era terrível e tal mas no meu ano eu não senti isso, naqueles três anos de trabalho com a professora.

JR – Sabe em que ano a Arquiteta se aposentou do Instituto?

LG – Não sei mas ele se ter aposentado, quando eu sai em 1973 e eu não sei se ela terá dado anos mais dois ou três anos. Eu penso que a saída dela deve ter coincidido com a morte do filho, foi um processo muito complicado, eu acho que deve ela ter saído.

JR – Alguma vez ela a arquiteta mencionou nas aulas que tinha sido a primeira mulher a licenciar-se em Arquitetura?

LG – Não me lembro de alguma vez ter contado isso.

JR – E sobre o facto de nunca ter exercido a profissão?

LG – Não aquilo que eu ouvi dizer é que terá sido enfim uma decisão, relativamente a qualquer situação familiar relacionada com o marido. As vezes ela partilhava algumas coisas connosco, uma vez foi a um concerto na Gulbenkian e ela trouxe algumas fotografias porque no intervalo havia uma exposição e ela foi ver, penso que o filho estava com ela, havia um degrau que ela não viu e partiu o braço foi para o Hospital e depois tirou umas fotografias na Gulbenkian com o braço engessado porque ainda veio assistir ao resto do concerto.

JR – Como é que funcionava esse processo de convite das professoras para lecionar no Instituto?

LG – As professoras eram convidadas, sendo uma escola pública tinham a preocupação de admitir a nata para formar as alunas o melhor que fosse possível, eram sempre os melhores. Relativamente ao restante pessoal fossem criadas, pessoal administrativo, a rouparia, a preocupação era ter gente a trabalhar ali que tive um nível, que não tinha de ser de escolaridade mas sim de educação que permitisse as alunas estar ali no ambiente ideal de formação de jovens, o critério das professoras a malha era muito apertada. As professoras eram todas muito inteligentes, muito conhecedoras da sua área mas com uma noção de pedagogia muito especial, porque é assim uma jovem não pode crescer a vontade e isso significa ser balizado com uma serie de parâmetros. Era isso que nos era dado, por isso quando nós saíamos do Instituto não vínhamos formatadas, eu nunca me senti obrigada a nada mas eram parâmetros de disciplina e são coisas que nos ficam para a vida.

ANEXO H

MDM – Movimento Democrático das Mulheres

**1.º CONGRESSO
MOVIMENTO DEMOCRÁTICO
DE MULHERES**



CONSELHO NACIONAL

Distrito	Nome	Idade	Sector social
	Maria da Conceição S. Pedro	23	Op. Conserv.
	Maria Natália C. Neto Duarte	37	Recepcionista
	Maria Alina de Abreu Pereira	37	Dona de casa
	Maria Vitória Pinto Calado	29	Dona de casa
	Maria Antónia M. Candelas	35	Emp. Ind. Hot.
Leiria	Rosália Maria Espírito Santo	28	Op. Cerâmica
	Maria Graciete Marrazes	35	Dona de casa
	Maria Alcina Vicente	38	Operária
	Isabel Palido	45	Dona de casa
	Ilida Cartaxo	35	Dona de casa
	Maria Isabel Taborda	46	Dona de casa
	Maria Emilia Baptista Antunes	39	Dona de casa
	Gracinda Sofia F. R. Santos	21	Op. Conserv.
Lisboa	Leonor Santa Rita	38	Bibliotecária
	Teresa Maria Afonso Dias	35	Decoradora
	Maria José Estanco	75	Arquiteta
	Matilde Soares Nunes	42	Dona de casa
	Lia Viegas	49	Advogada
	Ana Vale	—	Advogada
	Ana Abel	33	Médica
	Maria Helena Bastos	37	Prof. Univ.
	Filomena Delgado	29	Advogada
	Maria Teresa Horta	38	Escritora
	Luzia Machado	46	Op. Agrícola
	Marina Antunes	28	Emp. Sind.
	Teresa Paulo	43	Tradutora
	Maria da Purificação Araújo	—	Médica
	Ilidia da Fonseca	60	Escritora
	Francine Benoit	85	Compositora
	Luzia Maria Martins	—	Encenadora
	Maria Helena Cidade Moura	55	Psicóloga
	Ana Lopes Vieira	27	Educ. Infantil
	Maria Alda Nogueira	57	Prof. Sec.
	Helena Neves	34	Jornalista
	Indácia Lopes	26	Op. Electrón.
	Clementina Carneiro Moura	—	Assist. Social
	Maria Inês G. Rodr. Fontinha	36	Médica
	Maria Rosália Heltor Ferreira	50	Actriz
	Eunice Muñoz	—	Op. Tabacos
	Beatriz Santana	—	Actriz
	Ivone Silva	—	Pintora
	Maria Keil	63	Advogada
	Laura Lopes	—	Advogada
	Custódia Guerreiro	35	Educ. Infantil
	Conceição Faria	30	Dirig. Sindical
	Luísa Amorim	33	Estudante
	Maria José Gomes	30	Emp. Escr.
	Maria Isaura Vieira	25	Emp. Escr.
	Maria Carolina Mega	29	Emp. Escr.
	Maria Lamas	86	Escritora

EXPOSIÇÃO de ARTE Sonho e vida em gestos de mulher

EXPOSIÇÃO

março 7-8-9

ESPAÇO 8 DE MARÇO
INSTITUTO FRANCO PORTUGUÊS

INICIATIVA DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE MULHERES

MARIA JOSÉ ESTANCO

Curso de Arquitectura. Professora. Criação de esmaltes.

Ourivesaria:

No 97 - Colar com 4 medalhões	4.000\$00
No 98 - Colar egípcio	4.000\$00
No 99 - Colar de ouro	4.000\$00
No 100 - Meia lua	3.500\$00
No 101 - Alfinete azul	1.000\$00
No 102 - 2 Pares de Brincos	cada 2.000\$00
No 103 - Medalhão com lágrimas	2.000\$00

MARIA JOSÉ MATEUS

Curso de Farmácia. Cursos de gravura em metal. Exposições colectivas de gravura e tapeçaria em várias galerias de Lisboa, Braga, Estoril, etc.

Tapeçaria:

No 104 - "Canópias outonais" - 1985	190.000\$00
-------------------------------------	-------------

Gravura:

No 105 - técnica mista - 1983	5.000\$00
No 106 - técnica mista - 1985	5.000\$00

MARIA JOSÉ OLIVEIRA

Curso de cerâmica do IADE. Frequência do curso de escultura do AR.CO. Exposições na Sociedade de Belas Artes, Galeria Astolfi e Centro Cultural de Almansil.

Escultura:

No 107 - técnica mista - 1986	50.000\$00
-------------------------------	------------

Tecelagem:

No 108 - Casaco com acessórios - 1984	
Algodão, seda, estopa de linho	
No 109 - Colete - 1985	
Algodão e seda	



■ No Café Concerto do «Espaço 8 de Março» haverá hoje e amanhã espectáculos, debates e encontros com mulheres das artes e letras

«Espaço 8 de Março» abre com exposição de dezenas de artistas

O «Espaço 8 de Março» criado pelo Movimento Democrático de Mulheres abriu ontem as portas, no Instituto Franco Português, com uma exposição de arte que conta com dezenas de trabalhos de mulheres cujos nomes são bem conhecidos na pintura, gravura, escultura, fotografia, tapeçaria, tecelagem, patchwork ou ourivesaria.

Madalena Azeredo Perdigão foi uma das convidadas ontem presentes na inauguração da exposição, bem como o marechal Costa Gomes, um representante da ONU, representantes da Associação 25 de Abril, artistas e mulheres ligadas à organização promotora da iniciativa.

Subordinada ao título «Sonho e vida em gestos de mulher», a exposição abre com um trabalho de Matilde Marçal expressamente criado para o 8 de Março de 1986, que surge igualmente na capa do catálogo e dos textos de apoio. Matilde Marçal foi uma das pessoas que colaboraram na preparação da exposição, com Sílvia Chicó, Ma-

ria Seabra e Amália Magalhães.

Ao longo do «Espaço 8 de Março» que ocupa o átrio, a zona da cafetaria — agora Café Concerto — e a cave, podem ver-se pinturas de Alice Jorge, Isabel Laginhas, Maria Keil, Matilde Marçal, Maria Gabriel, Emília Nadal, Graça Morais, Teresa Magalhães, Isabel Sabino, gravuras de Ilda Reis, fotografias de Ana Leão (fotomontagens), Ana Esquivel, Maria do Carmo Galvão Teles, esculturas de Graça Costa Cabral, Manuela Félix entre outras. Estão expostos livros infantis ilustrados por mulheres, como Leonor Praça, Sarah Afonso, Teresa Dias Coelho.

Nos trabalhos de ourivesaria, contam-se autoras como Maria José Estanco, Teresa Seabra, Maria do Rosário Caldeira Cabral. Na tecelagem há trabalhos de Susanna Sommariva, Maria José Oliveira, na tapeçaria Gisella Santi, Fátima Vaz, Graça Árima, Leta Horta Lobo, Lourdes Caldas tem dois tra-



■ A exposição de arte «Sonho e vida em gestos de mulher» foi ontem inaugurada, com a presença de Madalena Azeredo Perdigão e do marechal Costa Gomes, no «Espaço 8 de Março», criado pelo MDM em Lisboa

CGTP-IN NO 8 DE MARÇO DE 86

A exploração da Mulher continua

O Dia Internacional da Mulher é hoje comemorado em todo o País pelo movimento sindical, organizações de mulheres e autarquias. Em Lisboa, destaca-se a concentração-festa promovida pela União dos Sindicatos, na Praça da Figueira. O Conselho Nacional da CGTP-IN dirigiu uma saudação calorosa às mulheres trabalhadoras, na luta «pela sua emancipação enquanto mulheres e pela melhoria das suas condições de vida e de trabalho enquanto trabalhadoras». A central sindical sublinha que «a exploração de que as mulheres são vítimas continua diariamente nos locais de trabalho».

Págs. 10/11 e 20



CONVITE

Atribuição de Distinção de Honra M.D.M.

Dia 30 de Maio (domingo), pelas 15,30 horas, Sala Ogival do Castelo de S. Jorge

Esta distinção: «é feita a qualquer indivíduo ou colectivo cuja acção a nível nacional se destaque em defesa dos direitos das mulheres ou seja símbolo da luta emancipadora das mulheres em Portugal»

Desde 1981, data em que esta Distinção foi criada, o M.D.M. já atribuiu a

Maria Lunas; Virgínia Moura; Trabalhadoras da Fábrica Lundberg; Rosa Maia; Elina Guimarães; Maria Aida Nogueira; Colectivo de Mulheres da Reforma Agrária; Clementina Carneiro de Moura; Maria Keil; Associação para o Planeamento da Família.



O Conselho Nacional do MDM deliberou atribuir a Distinção de Honra de 1992 e 1993 a

1992 - Inês Fontinha
Mulheres Vidreiras da Marinha Grande
1993 - Maria José Estanco
Albertina Dias
Teresa Betezu

Poesia, Música, Dança,
Projeção de Vídeo «VI Congresso do MDM»
com apresentação de Fernanda Lapa

ANEXO I

Museu Carlos Machado

my

Maria José Estanco Machado da Luz
Calçada de Arroios 38 A r/c esquerdo
1000-027 Lisboa

Exmº Senhor: CARLOS MACHADO
Director do Museu ~~de Arte Moderna~~
~~da Universidade Nova de Lisboa~~
~~Rua da Universidade Nova~~
RUA JOAO MOREIRA
9500 PONTA DELGA DA
ACÓRES

Na minha qualidade de viúva do pintor, Baimundo Machado da Luz tenho a honra de expor a Vª Ex o seguinte:
Há tempos recebi de Vª Ex, uma carta que não foi respondida por só agora estar em melhores condições de o fazer.
Assim, por morte de meu marido e filho tornei-me a única herdeira do espólio artístico de meu marido, que é constituído por algumas dezenas de quadros, destacando de entre eles obras que reputo de grande valor e importância artísticas.
Por outro lado, reputo de grande valor a importância do papel desempenhado por essa Instituição na conservação do património artístico português contemporâneo.
Acresce ainda que além da minha avançada idade encontro-me fisicamente diminuída "93 anos".
Assim ponho à consideração de Vª Exª, a possibilidade do referido espólio ser integrado nessa Instituição pela dádiva dos referidos quadros no caso da minha proposta ser merecedora do interesse de Vª Exª.
Solicito que com a maior brevidade seja destacado um perito dessa Instituição para se proceder à escolha e entrega dos ditos quadros.
Para quaisquer contactos indico a pessoa a quem encarreguei de efectuar as diligencias concernentes a este assunto:

Francisco Lázaro de Macedo Cardoso
Calçada de Arroios 38 A 3º esq.
1000-027 Lisboa
telf. 8460472
8465329

Atenciosamente me subscrevo.

Maria José Estanco Machado

9 3 99
01 99